

**FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS
CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA
DO BRASIL (CPDOC)**

Proibida a publicação no todo ou em parte; permitida a citação. A citação deve ser fiel à gravação, com indicação de fonte conforme abaixo.

SKROMOV, Paulo de Mattos. Paulo de Mattos Skromov (depoimento, 2006). Rio de Janeiro, CPDOC/Fundação Getulio Vargas (FGV), (2h 29min).

Esta entrevista foi realizada na vigência do convênio entre FUNDAÇÃO PERSEU ABRAMO. É obrigatório o crédito às instituições mencionadas.

**Paulo de Mattos Skromov
(depoimento, 2006)**

Rio de Janeiro

2019

Ficha Técnica

Tipo de entrevista: Temática

Entrevistador(es): Alexandre Fortes; Marieta de Moraes Ferreira;

Levantamento de dados: Marieta de Moraes Ferreira; Melissa Lourenço Machado;

Pesquisa e elaboração do roteiro: Alexandre Fortes; Marieta de Moraes Ferreira;

Técnico de gravação: Marco Dreer Buarque;

Local: São Paulo - SP - Brasil;

Data: 08/03/2005 a 25/07/2006

Duração: 2h 29min

Arquivo digital - áudio: 5; Fita cassete: 3;

Entrevista realizada no contexto do projeto Memórias dos fundadores do PT, através do convênio estabelecido entre o Centro Sérgio Buarque de Hollanda - Documentação e Memória Política, da Fundação Perseu Abramo, e o CPDOC, da Fundação Getulio Vargas, a partir de 01 de dezembro de 2004, com o objetivo de constituir acervo digital e de publicar um livro desses depoimentos editados. A entrevista foi interrompida por mais de um ano, tendo ocorrido em abril de 2005 e em 25 de julho de 2006.

Temas: Anistia política; Argentina; Assembleia Nacional Constituinte de 1987-1988;

Banespa; Central Única dos Trabalhadores; Comunismo; Departamento de Ordem Política e Social - DOPS; Ditadura; Documentação; Eleições; Exílio; Família; França; Governo Jânio Quadros (1961); Governo João Goulart (1961-1964); Governo municipal; Greves; História; Intelectuais; Luiz Inácio Lula da Silva; Movimento Revolucionário 8 de Outubro;

Movimento sindical; Organização social; Partido dos Trabalhadores - PT; Partidos políticos; Perseguição política; Plano Real; Rio de Janeiro (cidade); São Paulo; Sindicalismo; Sindicatos de trabalhadores; Tortura; Universidade de São Paulo.

Sumário

1º entrevista: 08/03/2005 Origens familiares em Salto Grande do Paranapanema e Piracicaba; o primeiro trabalho como office-boy na cidade de Olímpia; o trabalho na Tintas Ypiranga; o contato com o comunismo através de um colega de trabalho; a cidade Ribeirão Preto como conservadora; a eleição e a candidatura de Jânio Quadros e João Goulart; a Escola de Comércio do Senac; o trabalho no Banespa e a mudança para São Paulo; a oposição no sindicato dos bancários; a formação política em 1968; a atuação no Departamento Cultural na candidatura do Frederico Brandão; a criação do Sindicuro; o Movimento Intersindical Anti-arrocho (MIA); o ingresso para o curso de História na Universidade de São Paulo (USP); a atuação no Primeiro de Maio; a greve de Osasco; as influências das passeatas de 1968 na França; a primeira prisão pelo Departamento de Ordem Política e Social (DOPS); a prisão como líder do movimento sindical de oposição; o início da vida na clandestinidade em maio de 1970; a aproximação com a Igreja e da Pastoral Operária; o trabalho em uma fábrica de calçados e bolsas; a atuação no Sindicato de Trabalhadores de Curtume e Artefatos de Couro de São Paulo; a perseguição e a prisão em 1973; a prisão e tortura de sua esposa e sua sobrinha; o exílio na Argentina; a fundação da Organização Comunista Primeiro de Maio; as influências da Primavera de Praga nas suas visões políticas; a opção pelo trotskismo; a ideia de criar um partido com base nos sindicatos; o retorno ao Brasil; a posse na diretoria do sindicato; o trabalho na Primícia em São Bernardo; a ligação com Paulo Vidal e o Sindicato dos Metalúrgicos; a posse de Luiz Inácio Lula da Silva no sindicato e o convite à Paulo; o IV Congresso da CNTI no Rio de Janeiro; a ideia de construir um partido de trabalhadores; a ideia de fazer uma conferência nacional das classes trabalhadoras; a construção do Partido dos Trabalhadores; o primeiro documento público do Movimento Pró-PT; as intervenções do Movimento Revolucionário Oito de Outubro (MR-8); a tentativa de expandir o PT no Rio de Janeiro; o processo de anistia e o retorno dos exilados em 1979; a reunião de 13 de outubro do pró-PT; a comissão nacional provisória; as plenárias de construção do partido; os problemas do Plano Real.

2º entrevista: 25/07/2006 As primeiras tentativas de reunião nacional; as tensões externas; a disputa entre criar um partido popular ou proletário; o apoio dos intelectuais; a primeira reunião pública com a população; o racha dentro da intelectualidade do partido; a

importância dos documentos publicados pelo partido; as influências dos grupos organizados para o processo organizativo do PT; as influências do internacionalismo; a fundação do PT e a legalização; um partido baseado em núcleos; a necessidade de criar direções estaduais provisórias; a construção de um partido de massas que tenha quadros; as publicações do Jornal da Tarde denegrindo sua imagem; sua imagem como um obstáculo na aproximação da esquerda com o Lula; os conflitos internos na direção do PT; a posse como presidente do sindicato dos bancários em 1980; o período de perseguição da esquerda aos trotskistas; o período de exclusão dentro do partido; a construção da constituinte; o retorno à atuação como militante de base; o processo de construção da Central Única de Trabalhadores (CUT); a atuação na fundação de diversos sindicatos; as disputas sectárias dentro da CUT; as diferenças nas construções do PT e do Partido Socialismo e Liberdade (PSOL); a eleição de 1988; a atuação como vice-presidente da CUT; a radicalização da direita em 1989; a candidatura em 1990 e a tentativa de retorno à vida partidária; as influências políticas internacionais da década de 1990; a candidatura à vice-prefeito de Avaré; a atuação na coordenação da campanha do PT municipal nas eleições de 2002 e 2004.

1ª Entrevista: 08/03/2005

M.M. – Paulo, nós queríamos que você nos contasse um pouco dos seus dados pessoais. Onde você nasceu, quando você nasceu, um pouco da sua família, os seus primeiros estudos e como é que você começa a militância política.

P.S. – Minha proteína, que formou meu embrião, era de Salto Grande do Paranapanema, uma cidade que faz divisa com o Paraná. Meu pai era pescador profissional, minha mãe era professora primária; professora que dava também o canto orfeônico: toda escola que ela ia, ela fazia coral, fazia essas coisas, lecionava música, sem ser disciplina, para o grupo escolar. Salto Grande do Paranapanema, uma cidade que era muito quente no verão, beira de rio, e muito fria no inverno, fazia geadas, muitas vezes, ia lavar o rosto, a água tinha virado gelo. Mas na hora de nascer, minha mãe, por tradição de família, correu comigo na barriga para Piracicaba, e eu nasci em Piracicaba. Minha mãe era de uma família de caboclos, Sampaio Matos, meu pai era imigrante russo e a família toda trabalhava na área rural; mas depois eles foram se urbanizando. Ele já, jovem, participou da construção do prédio do Banespa aqui em São Paulo, onde eu fui trabalhar depois, muitos anos depois. A família de meu pai, logo que chegou, chegou a ser escravizada numa fazenda em Bebedouro. Porque havia um sistema de colonato, quando o fazendeiro tinha uma encomenda, levava tantas famílias, e levaram para uma fazenda de café em Bebedouro, onde eles passaram fome, morreu até uma irmã do meu pai. E numa madrugada, noite, eles fugiram, conseguiram chegar até o trem, e vieram para São Paulo. Bom. Mas enfim. Eu nasci em 46, 1946, 16 de agosto, em Piracicaba. Acabei de nascer, voltei para Salto Grande, onde a gente morava. Passei a infância em Salto Grande do Paranapanema até os sete anos. Aí fomos para Piracicaba, até os oito anos e meio. Fiquei um ano e meio em Piracicaba. Minha primeira escola, eu não fiz pré, jardim de infância, essas coisas, foi diretamente o grupo escolar. Foi no grupo escolar estadual de Salto Grande, onde mamãe era professora. Ela não foi minha professora, mas ela dava aula. Segunda escola foi em Piracicaba, o Grupo Escolar Barão do Rio Branco, onde eu fiz até o início da terceira série. Aí minha mãe ficou doente, pegou câncer, e eu fui morar com uns tios, o irmão dela, Paulo, Paulo Sampaio Matos. Ele morava em Votuporanga. Fui para lá, sempre estudando em escola estadual. Depois fui para Olímpia.

Morei poucos meses em Votuporanga; em Olímpia morei alguns anos. Depois a gente se mudou para Bebedouro, depois a gente se mudou para Ribeirão Preto. Foi quando eu fiquei jovem e comecei a trabalhar. Apesar que meu primeiro emprego foi em Olímpia já, como office-boy de um escritório de contabilidade. Com dez anos de idade, e meu tio já me pôs para trabalhar. Naquela época, não havia fiscalização, essas coisas. Ribeirão, eu... Em Bebedouro, eu trabalhei no cartório do 2º ofício, também como office-boy. Cartório do Antonio (Luque), 2º ofício. Em Ribeirão, aí eu entrei, com carteira assinada, aos dezesseis anos, numa indústria de tintas. Tintas Ypiranga. Logo que eu entrei, encontrei uma pessoa muito interessante, que era considerado o comunista da cidade, chamado Rubens Francisco Lucceti, que era um intelectual autodidata. Ele não tinha curso superior mas ele escreve, até hoje, ele escreve e desenha muito bem; escrevia livros de bolso. Mas ele tinha coisas melhores. Ele me levava na casa dele para mostrar a biblioteca e tinha uma parte de livros datilografados por ele. Uma coisa impressionante. E ele era amigo de um sindicalista dos metalúrgicos lá de Ribeirão Preto chamado Argeu Egídio dos Santos. Argeu Egídio dos Santos foi um imperador da federação, presidente da Federação dos Trabalhadores Metalúrgicos do Estado de São Paulo durante décadas. Até o congresso de Lins ainda era ele; e depois, ainda ficou mais uns quinze anos. Em Ribeirão, ele era tido como comunista. Depois, eu vim a saber que ele era um pelego. Depois que eu me enfrontei melhor e tal. Mas lá, ele era... as pessoas tinham medo dele porque era um comunista, um cara de esquerda. Ribeirão é uma cidade... não dá para falar muito porque tem que falar do PT mas... enfim.

M.M. – Cidade muito conservadora.

P.S. – Conservadora. A colônia italiana lá, por exemplo, que tinha os () era dividida, tinha uma ala mussoliniana e uma ala comunista, que se digladiavam ainda na época que... já passado muito tempo...

A. F. – Deve ser 62, por aí, que nós estamos falando.

P.S. – É, exatamente o ano de 62.

M.M. – Que é um período de muita agitação. Governo Goulart.

P.S. – E eu trabalhava, ganhava bem na Tintas Ypiranga, carregava... Onde eu ganhei minha bursite.

M.M. – O que você fazia?

P.S. – Eu organizava o depósito da fábrica. Eu tinha um encarregado, fazer, separar pedido, aquelas coisas.

M.M. – E você continuava estudando à noite.

P.S. – Continuava estudando. Aí no Senac. Em Ribeirão tinha o Senac. Estava fazendo Escola de Comércio.

A. F. – E a fábrica era grande, média?...

P.S. – A fábrica mesmo era em São Bernardo. Tinha uma seção em Ribeirão, que a gente envasava também, que às vezes vinha grandes embalagens, tinha que passar para os galões. Então eu trabalhava nessa área aí.

A. F. –Seria quase que uma distribuidora de tinta.

P.S. – É. Passava cheirando tinta, tinner, removedor o tempo todo. E peguei a minha bursite lá. Eu era... queria acabar logo o serviço, então pegava muito peso, carregando caixas. Eu chegava a pegar doze galões nas costas, subia escadas, que era um depósito inadequado, cheio de escadas, tudo, então... Trabalhei aí. Carteira assinada. Aí eu fui, graças ao Rubens, esse que eu citei, que era o cara do escritório... Eu entrei lá por indicação do Argeu, esse dirigente metalúrgico. Provavelmente, o Rubens era ligado a ele, ao Partido Comunista, e a indicação vinha, veio nesse sentido. O Argeu sabia que meu tio era do Partido, não o Paulo, o que me criava, mas um irmão dele, que era ferroviário em Porto Ferreira naquela época...

M.M. – Como era o nome dele?

P.S. – Era Lázaro Sampaio Mota. Era maquinista da Estrada de Ferro Paulista. E estava exilado em Porto Ferreira. Porque Porto Ferreira não é o tronco. Todos os caras que tinham criado problema para a Paulista, fazendo greves e tal, eles iam jogando para os ramais. Porto Ferreira então, apesar que tinha vinte ferroviários residentes, eram dezesseis comunistas, e quatro, de um jeito ou do outro, eram base deles. Meu tio era muito ativo naquela época. Ele não era (depois eu vim a saber disso, porque todo mundo achava que ele era, eu também achava) membro efetivo do Partido. Ele tinha deixado de ser porque o Partido começou a mandar ele para cá, para lá, ele começou a ter problema com a família e

tal. Mas eu acredito que era porque ele era um pouco radical demais, o Partido estava muito domesticado já, naquela época. E tinha um outro colega dele, o Sumaré, (era o apelido, não me lembro o nome verdadeiro) eles faziam trabalho nas fazendas, nas usinas. Me lembro até de um massacre que houve, uma greve... Interessante isso. Houve alguns massacres, que nunca foram investigados, em 65, na Agroindustrial Amália, uma grande usina de açúcar. E houve uma greve muito forte, uma repressão terrível. O pessoal todo contava que morreram treze, vinte, não sei quantos. Isso não saiu nos jornais da época. Eu me lembro, pelo menos os jornais da região não noticiaram. Depois, eu vim a saber que houve um caso semelhante no Ceará e um caso semelhante numa mina de ouro em Minas Gerais, na mesma época, em 65, por aí. Então, eu trabalho... Talvez o meu emprego tenha sido por indicação do próprio Partido Comunista, através do meu tio Lázaro. Eu me lembro que eu havia... numa dessas visitas, na eleição de 60, eu visitava o meu tio nas férias, eu participei da campanha Jânio e Jango. O Partido havia se insubordinado, não queria o vice, o Fernando Ferrari, preferia trabalhar... O Partido, em São Paulo...

M.M. – E não queria o Lott também.

P.S. – Não queria o Lott, é. E preferiu o Jânio e o Jango. E eu, nas férias, ficava tomando conta do comitê Jânio – Jango, punha aquele disquinho *varre, varre vassourinha*, que era para varrer a bandalheira.

M.M. – Tinha um símbolo, era uma vassourinha que as pessoas botavam na lapela.

P.S. – É. Eram as ilusões da esquerda da época. Meu tio estava inteiramente voltado para isso. Abriu um comitê. Eram os ferroviários que mantinham o comitê do Jânio – Jango. Tinha o comitê Jânio – Fernando Ferrari. Lott e Jango. O nosso era outro. Bom. Em primeiro de abril de 64, se você pegar minha carteira profissional, está lá: baixado. Tintas Ypiranga me mandou embora. Primeiro de abril de 64. E eu, muito bobo, saí de lá e fui procurar emprego com essa carteira. E sempre davam alguma desculpa e não me pegavam. Até que eu me toquei; aí, tirei uma carteira nova. E fui na Petróleo Ypiranga, depois de seis meses desempregado, aí consegui entrar. Entrei como trabalhador novo, ganhando bem menos e tudo, mas... pelo menos consegui emprego. Em Ribeirão ainda. Aí fiz o concurso para o Banco do Brasil... não, do Estado, fui aprovado e vim para São Paulo. Foi aí que eu vim para São Paulo, como escriturário do Banespa. Vim para a matriz, para a seção de compras, Departamento de Serviços Gerais, e logo de cara já encontrei um ambiente sindical

ativo. Em 65, quando eu cheguei no banco, tinha acabado de ter uma eleição. A intervenção no sindicato tinha sido derrubada, todas as forças, o PCB, que era a grande força, na época, da esquerda, tinha feito um acordo... Já estava começando surgir grupos à esquerda do PCB, começando a aparecer os primeiros dissidentes. Assim, o PC do B, que não era claramente de esquerda. E houve um acordo de unidade para tirar o interventor. Elegemos o presidente do sindicato um companheiro chamado Xavier, ligado ao PCB. Eram dois anos o mandato sindical naquela época. Depois passou a ser três, em 69, passou a ser três, e depois... hoje, tem companheiros, até da CUT, que tem oito anos de mandato. [ri] Não gostam de eleições. Mas o estatuto padrão estabelecia dois anos de mandato. E na eleição de 67, nós tínhamos criado... Aí sim, já existiam dissidências claras no PCB, inspirada na luta armada, os grupos trotskistas estavam começando a se organizar, e também dissidências do POR, que era um partido pequeno, partido posadista. Mas a predominância eram grupos dissidentes, tanto do PC do B mas, principalmente, do PCB. E alguns grupos da esquerda católica que estavam se filiando ao Marxista, ou, pelo menos, se diziam estar. E eu aí vim a conhecer um pessoal que, mais tarde, encontraria, alguns deles, fazendo aquele jornal *ABCD Jornal*. Eles eram da oposição bancária. Nós criamos uma chapa, na eleição de 67 dos bancários, chamada chapa verde. Na época não era chapa um, chapa dois. O regulamento do Ministério do Trabalho autorizava escolher uma cor. Então o PCB sempre saía com a chapa azul, que era a situação, nós saímos chapa verde. E nessa eleição, 67, teve até uma chapa amarela, que aliás era um nissei que encabeçava, que depois virou dono da rede de escolas e hotéis no (). Hoje é milionário. Mas devia ser um bancário naquela época. Mas a chapa nossa, é curiosíssimo isso, ela era irmã gêmea de várias outras chapas verdes. Houve um movimento das chapas verdes naquele ano de 67. Duas delas ganharam. A nossa perdeu, aqui, a dos bancários. Mas, por exemplo, o José Ibrahim tinha uma chapa verde dos metalúrgicos de Osasco, em 67, na mesma época; o Enio Seabra tinha uma chapa verde lá nos metalúrgicos de Belo Horizonte e Contagem. Ganhou a eleição. Ele foi impugnado pelo Ministério do Trabalho, mas o pessoal dele assumiu o sindicato. Então as chapas verdes, teve duas vitórias, Osasco e Belo Horizonte, o resto, foram todas derrotas. Todas as chapas verdes eram identificadas com a esquerda do PCB. No caso dos bancários, a grande influência era a Ala Vermelha do PC do B, uma dissidência do PC do B que tinha maior presença. Mas tinha de tudo. Tinha POP, tinha POLOP, tinha...

A. F. –E você, nessa época, já se identificava com algum agrupamento?

P.S. – No momento, ainda não. Não. Eu estava... Eu tinha um laço de simpatia com um pessoal mas que só atuava no movimento estudantil. Eu estava fazendo vestibular...

M.M. – Você continua estudando nessa época.

P.S. – Continuava estudando. Fiz a Escola de Comércio do Senac até o final...Terminei, aliás, o terceiro ano numa escola de comércio não no Senac. E depois, ao chegar em São Paulo, eu queria fazer história. Até eu, passando... porque minha agência era pertinho do pátio do colégio, e tinha lá o Ateneu Paulista de História. Eu até ganhei um prêmio (literário) de História. (*Muito barulho no microfone*) () um ensaio. Tinha lá um concurso sobre cidades históricas paulistas. E a minha praia preferida era Ubatuba. Aí eu peguei e me inscrevi. Eu estava sempre em Ubatuba, eu visitava a biblioteca de Ubatuba, falei – dá para escrever um pouquinho da história de Ubatuba para entrar nesse concurso. E eu ganhei. Só que nunca fui buscar o prêmio. Fiquei envergonhado, depois de ler o meu trabalho, achei que estava muito ruim, e eles iam divulgar, iam publicar, eu fiquei envergonhado, não fui buscar. Dava direito a uma viagem com acompanhante, de avião... (devia ser teco-teco, porque não tinha aeroporto) e estadia de uma semana num hotel lá. Francisco Matarazzo Sobrinho era o prefeito da cidade. Eu não fui buscar até hoje. E não deixei publicar o... Depois, mais tarde, eu li, achei que não estava tão ruim não, podia ter publicado.

A. F. –Mas você tem isso?

P.S. – Tenho, tenho ainda. Até estou pensando em um dia ir lá, ver se esse homem ainda está vivo, esse ex-prefeito, falar com ele. Mas saiu até na revista *Ateneu Paulista de História* a premiação. E foi até um daqueles paulistanos ultraconservador, aqueles historiadores que tinha muito lá...

M.M. – Tradicionais, meio moralistas.

P.S. – É. Aureliano Leite, que julgou o trabalho. Ele fez até um despacho lá... Como eu era de esquerda, eu fiquei meio constrangido, porque fui elogiado...

M.M. – Achou que devia estar fazendo um trabalho conservador. [ri]

P.S. – Exatamente. [ri] Eu aumentei o papel da pré-história, dos Tamoios, para... tentando... falei muito mais dos escravos do que se costuma falar. E nem assim... Eles gostaram assim mesmo, me elogiaram, deram o primeiro prêmio. Bom. Em 69 houve uma

nova eleição no sindicato. Mas em 68, vamos dizer assim, é que aconteceram coisas fundamentais para minha formação política. Porque, de 67 em diante... Nós perdemos a eleição, mas o PCB, inteligentemente, Frederico Brandão, que era o presidente do sindicato, depois foi deputado, ele nos chamou, pediu para reconciliar, disse: “Olha, eu vou fazer o seguinte. Vou dar o Departamento Cultural para vocês.” Deu o Departamento Cultural para a ultraesquerda, vamos dizer assim. Eles chamavam a gente de ultraesquerda. E aí nós fizemos uma coisas interessantes. Nós fizemos o Sindicurso, eram cursos de vestibular, que nós tivemos a sacada de contratar os professores da USP que estavam sendo cassados, então, conforme eles cassavam um professor, a gente ia lá e convidava para dar aula no Sindicurso. Fizemos um excelente cursinho vestibular. Não sei se existe. Era Florêncio de Abreu. Acho que até existe hoje. Mas foi uma sensação na época. Houve muita procura, não só bancários. Aí a gente preestabeleceu uma mensalidade maior para que não era bancário; mas tinha uma procura danada. E em 68... já em 67, surgiu um movimento chamado Movimento Intersindical Anti-arrocho. Era uma reação, primeira reação organizada do Movimento Intersindical depois do golpe. Era o chamado MIA – Movimento Intersindical Anti-arrocho. Nós fizemos passeatas, começamos a sair às ruas. Porque, até então, só estudantes faziam passeatas; ou então alguma... *(Interrupção para mexer no microfone)* Fizemos uma passeata em Santo André. Fazíamos uma concentração dentro do sindicato, depois saía, com algumas faixas, alguns (folhetos). Depois, fizemos uma reunião em Osasco já, aí quando a gente teve contato com a direção do José Ibrahim, direção combativa. A primeira vez que eu vi um sindicato... Apesar de que o meu sindicato, com o PCB, não era totalmente pelego; mas a gente achava que era. Tinha uma crítica muito dura ao Frederico Brandão. E o Brandão estava articulando a Frente Ampla. A Frente Ampla, no plano político, significava o quê? Juntava os exilados notórios, Jango, Juscelino...

M.M. – Até Lacerda.

P.S. – É. Lacerda, Adhemar, todo mundo que estava no ostracismo pela ação dos militares, e havia uma pressão para haver uma eleição plural para presidente, uma redemocratização por cima. A esquerda que eu pertencia... Eu estava dizendo aqui. Perto de quem eu estava? Eu até esqueci. Eu tinha tido relações na faculdade... Eu entrei, mas não conseguia freqüentar, entrei para o curso de história em 68...

M.M. – Ah, você chegou a fazer vestibular e entrar.

P.S. – Cheguei a entrar. Só que daí... Imagina, a ditadura estava caindo... eu não tinha tempo. Na minha cabeça, a ditadura estava caindo, eu não podia perder tempo com essas coisas.

A. F. –Você ingressou na USP?

P.S. – Na USP. Ainda era na Maria Antonia. Era o último ano na Maria Antonia. Depois passou lá para a Cidade Universitária. Mas eu só ia nas aulas daqueles que eu gostava muito do curso. Então, era o Barratas, era o Carlos Guilherme Mota, o Fernando Novais, tinha outros que... uma outra professora, que depois foi expulsa também, foi para os Estados Unidos, agora é uma grande...

A. F. –Miriam ().

P.S. – Isso. A Miriam (). Eu só ia na boa, só nessas aulas boas. Eles gostavam muito de mim, eu gostava deles. Estava aprendendo muita coisa. Aí houve... O Movimento Intersindical Anti-arrocho tinha essa ala à esquerda, que era o José Ibrahim aqui e o Enio Seabra lá em Belo Horizonte. E o Seabra detona. Ele ocupa a Belgo-Mineira em abril. Ocupa a principal fábrica da siderúrgica lá. Fez uma greve com ocupação. Isso, um mês antes dos franceses fazerem no país todo. E, interessante porque, daí, ele exigia: um abono de dez por cento, para eles lá. E o ministro Jarbas Passarinho, inteligentemente, atende a reivindicação, estende o abono para todos os trabalhadores do país. Tanto que ele, depois, é ovacionado, lá em Belo Horizonte, na assembleia final. Ele é muito... Passarinho jogava pesado, ele fazia esse namoro com o movimento. Ele vai na assembleia no fim da greve e sai aclamado. Só que ele tem uma reclamação a fazer, que eu não posso contar aqui. Andaram abusando dele no meio da multidão lá. É um folclore aí. Mas enfim. Termina a greve de abril lá; mas tem o maio aqui. Chegou a minha vez de protagonizar um negócio importante – na minha cabeça. Primeiro de maio, na Praça da Sé, em 68. O governador era um fazendeiro. Que agora é vizinho meu lá, não é. Ele já faleceu mas... O Abreu Sodré. Tem uma fazenda chamada Jamaica lá em Valinhos, onde eu moro atualmente, que agora é dos herdeiros. Mas o Abreu Sodré estava fazendo esse namoro com a frente ampla. Ele tinha... O PCB tinha um jogo... Olha que coisa. Era um interventor, nomeado pela ditadura, tal, homem de confiança dos militares; mas fazia esse jogo, porque ele queria que voltassem as eleições também, tinha esse projeto. Fizeram o primeiro de maio na Praça da Sé, o PCB, o Joaquinção, todos eles. Joaquim já era o presidente dos metalúrgicos. E nós nos preparamos

para ir para o primeiro de maio na Praça da Sé, para botar *pra* quebrar. E aí, quando começou, o governador... o Frederico Brandão, presidente do meu sindicato, abriu. O palanque era na escadaria da Sé, construíram o palanque no meio da escadaria. E tinha umas seis mil pessoas em frente. O governador... quando ele passa a palavra para o governador, nós começamos a vaiar ensurdecidamente. O governador foi ficando nervoso. Os equipamentos de som não eram tão bons naquela época, você não ouvia a voz dele, só via que, pelo gesto, ele estava xingando a multidão; e então nós começamos a arrancar os paus das faixas e jogar para cima do palanque; e um deles pegou a testa do governador; correu sangue na hora. E aí que nós vimos a segurança imensa que ele tinha. Tinha mais ou menos uns cem policiais à paisana em torno do palanque, começaram a dar tiro para cima. Recolheram o governador... A porta da igreja da Sé abriu quase que por encanto, assim mas... uma eficácia dos seguranças, levaram o governador para dentro e trancaram ele na igreja. E os que nós chamávamos de pelego, o PCB inclusive, entraram junto com o governador, em solidariedade, fugiram, e o palanque ficou na mão da gente. Aí nós fizemos o primeiro de maio das esquerdas. Então falou a dona-de-casa de Diadema, a oposição dos metalúrgicos de Santo André, a oposição dos bancários, nós falamos. Foi uma festa. Logo em seguida, eu chegando em casa, na televisão, estava o governador falando para a enorme festa e falando dos baderneiros, dos subversivos e tudo mais. E aí nós... A grande figura desse primeiro de maio tinha sido os companheiros lá de Osasco, aquele (do Movimento Popular), o José de Campos Barreto, que era metalúrgico, era da Cobrasma, o José Ibrahim, que era presidente do sindicato, e eles tinham trazido, mais ou menos, umas mil e duzentas pessoas. Eles foram a vanguarda dessa tomada do palanque. E em julho daquele ano... Você vê, teve maio, logo em seguida... depois, teve todos aqueles acontecimentos na França...O mundo estava, não é. Primavera de Praga, a greve geral na França, aquela coisa. O ano de 68...

M.M. – É. E as passeatas todas, estudantis.

P.S. – Estudantis era todo dia. Todo santo dia tinha passeata. Eram sempre as mesmas pessoas, duas mil pessoas, para baixo e para cima, mas violentíssimas. Não podia ficar uma RP, um carro de polícia por perto que era incendiado. Eles abriam, jogavam fogo na gasolina e o carro virava uma fogueira. Vidro de banco estrangeiro, a gente quebrava tudo na passeata. E em julho de 68, aí, o movimento estudantil estava em férias, o próprio José Dirceu chegou para mim... Porque nós usávamos a Maria Antonia para fazer reuniões dos bancários. Entrou

numa reunião dos bancários, disse: “Pô, os estudantes estão em férias. O pessoal do Mackenzie vai invadir aqui, nós não temos quem cuide.” Aí nos recrutou para fazer segurança da Maria Antonia. Cheguei a passar madrugadas no telhado da Maria Antonia com uns molotovs na mão, guardando o prédio, porque o pessoal ia embora para o exterior, ia passar férias e esquecia o movimento estudantil durante as férias. Nesse período das férias ocorreu a greve de Osasco. Um setenta e sete fábricas metalúrgicas pararam. O plano era parar muito mais, mas não deu muito certo. Mas parou a Cobrasma e o pessoal ocupou a fábrica, igual tinha acontecido com a Belgo em abril, e a repressão foi muito forte. Primeiro eles... a Força Pública, a Polícia Militar é Força Pública, foi chamada; mas tinha um quartel perto que o comandante era o Lamarca, quartel do Exército. Aí ele veio, amenizou um pouco. Mas quando eles se renderam era a Força Pública. Tem até uma foto, os metalúrgicos saindo da Cobrasma com a mão na cabeça, que é um corredor polonês. Eles não só apanharam como foram todos presos. E o José Ibrahim não saiu da cadeia; depois da greve de Osasco, ele já ficou preso, foi cassado.

M.M. – E o PC tem uma influência grande na condução das greves.

P.S. – Isso. A gente já estava totalmente entrosado. A gente sentia, todas essas oposições faziam parte de uma coisa só.

A. F. – No caso de Osasco, José Ibrahim era mais ligado à VPR.

P.S. – VPR, é. Nós não sabíamos disso. Ninguém sabia disso. Sabia que ele era de esquerda, que ele tinha um trabalho... Nós sabíamos que eles eram do CEO – Centro Estudantil de Osasco, que era um grupo de alunos, estudantes noturnos que trabalhavam em fábrica durante o dia. Foram eles que organizaram a oposição.

A. F. – Quer dizer, existe uma característica semelhante com a tua situação, você é ao mesmo tempo trabalhador e estudante.

P.S. – Isso. Exatamente.

A. F. – Agora no sindicato... Porque, depois de 67, vocês foram derrotados, mas essa pessoa do PC chamou vocês para o Departamento Cultural...

P.S. – Isso. Só que em 68, com essa briga, depois do primeiro de maio, nós tivemos que deixar. E acirrou a disputa, a tensão interna no sindicato. E em 69, quando foi para ter a

nova eleição, em julho, aquela vanguarda de 67 tinha sido dizimada; mas ela se lançou à luta armada, esse é o problema. Quase todos os bancários de oposição se lançaram na luta armada. Como eu disse, a Ala Vermelha do PC do B saiu, ou então começou a usar a sua presença nos bancos para assaltar banco, para fazer esquema de assaltar banco, etc.. E aí começou o massacre. A partir de 13 de dezembro de 68, a partir do AI-5, eles aceitaram isso como uma declaração de guerra e resolveram fazer uma guerra revolucionária contra o aparato policial militar. E aí foi um desastre. Todos os meus companheiros, que você encontrava, desapareceram da noite para o dia, eu fiquei sozinho, vamos dizer assim.

A. F. – Pois é. Qual era a tua visão sobre a luta armada?

M.M. – É. Por que você não seguiu esse caminho?

P.S. – Eu achava que era errado, tinha claríssimo isso, que estava errado. Da mesma forma que eu achava que o PCB estava errado porque fazia aquele jogo todo de cúpula, não estava percebendo o potencial, que tinha um potencial claro do movimento de 68, de poder se alastrar... Se a ultraesquerda tivesse ido para a luta armada, aquilo tinha se tornado um movimento cívico fortíssimo. O que aconteceu dez anos depois, em 78, ia acontecer em 68. A ditadura iria cair sob o impacto das mobilizações. Mas na verdade nós perdemos, houve um ato de vontade das vanguardas, digamos, do movimento social, do movimento estudantil, de ir para a luta armada. Eles tinham ilusão de ganhar essa guerra.

M.M. – É. Tinha mesmo.

P.S. – E saíram. Nos abandonaram. E a sensação era essa mesmo. A última manifestação estudantil que eu participei – que aí era coisa tão rara porque, depois de 68, tornou-se uma coisa raríssima – foi a visita do Rockefeller, em abril de 69. Aí nós fomos para a rua. Mas levamos um pau. Eu fui para a primeira prisão assim: fui levado, fichado, tocou piano, me fotografou, aquele negócio; depois o DOPS soltou. E eu fui preso junto com uma multidão, então não era tido como um líder ou coisa do tipo. Mas aí, em maio de 70... Aí nós... eu continuei. Aí eu me tornei o líder do movimento sindical de oposição. Tentei continuar a participação ativa até o ano em que eu fiquei. Fiquei só até maio de 70. Em maio de 70, o DOPS foi... aquele Sérgio Paranhos Fleury foi me prender, pessoalmente. Nós fizemos uma loucura: resolvemos comemorar o primeiro de maio de 70, no auge daquele triunvirato militar. Garrastazu já estava começando a preponderar. Era a época de maior

repressão. Era o momento de endurecimento da ditadura. O Sindicato dos Têxteis de São Paulo havia comprado o prédio onde aquele... *Memórias do Cárcere*... Graciliano – havia estado preso, aqui na Vila Guilherme, um presídio chamado Maria Zélia, que é o nome da rua. Os têxteis compraram o imóvel. Estava desativado e tal, os têxteis arremataram. Era do governo, eles compraram. E eles não tinham dinheiro para consertar e até não podiam mexer: estava tombado. Mas nós resolvemos... Olha o simbolismo. Lá era uma prisão política, nós estamos vivendo uma ditadura, vamos fazer... É um recinto fechado, ninguém pode se opor, vamos fazer a comemoração do primeiro de maio lá. E uns quatrocentos malucos que ainda resistiam no movimento sindical, eu inclusive, dos bancários... Eu até que rodei o boletim, imaginem, num mimeografado de um tamborzinho, daqueles que você põe a tinta assim, se borrava todo, se sujava. (Joiele) era a marca, eu me lembro. Passava madrugadas fazendo aquilo. Tiramos os boletins, distribuímos, e teve o primeiro... quer dizer, teve... nem começou. Quando nós estávamos chegando, o DOPS veio e... jogando bomba, com PM e tal, e os quatrocentos caras saímos... Quer dizer, nem conhecia direito o prédio, a saída, saindo correndo, etc., e eu... na minha frente assim, (eu consegui escapar, era garotão na época) prenderam um companheiro dos Químicos lá de Santo André. Olavo (Hansen). Hoje, é nome de escola municipal lá. Isso foi dia primeiro de maio. Dia nove de maio, o corpo desse companheiro foi encontrado, onde hoje é a Imigrantes, a via Imigrantes, todo machucado, queimado, tinha oitenta contusões no corpo. Eu tenho o laudo cadavérico dele. E nós levamos o corpo para... Quando soubemos, chamamos a família, levamos o corpo para o Tatuapé e um perito fez um exame de corpo de delito, necrológico, descobriu que ele tinha sido morto por ingestão... apesar de toda a tortura que sofreu, queimadura de cigarro em mais de sessenta pontos e contusões, objetos cortantes, ele foi morto por um inseticida chamado Fanation. Ingeriu, fizeram ingerir um inseticida. E eu, muito besta naquela época, não tinha ideia... a gente é jovem, não tem ideia do perigo, não é. Eu me ofereci como testemunha. Porque o ministro da Justiça, o Buzaid, Alfredo Buzaid, não... negava, que o Estado não tinha nada a ver, isso foi um assalto, um crime comum, o cara foi preso aí, levaram para uma ribanceira e mataram. Aí eu fui o testemunho de que ele tinha sido preso pelo DOPS. Eu assisti a prisão. Eu escapei. Era para eu ser preso. Ele veio logo depois de mim, foi preso. E eu fui no congresso dos bancários, tinha um congresso da Federação, era São Paulo e Mato Grosso, eu fui lá e dei um depoimento a favor e tal, levei uns companheiros... Porque o Olavo (Hansen) era trotskista, ligado aos posadistas. O mesmo grupo que o Arlindo Chinaglia

participava quando veio para o PT. Aí o... Ajudei a distribuir um panfleto no congresso dos bancários, se rebelando contra aquela barbaridade e tal. Puta! Aí os caras foram me prender. E eu, já meio preparado, no banco, já tinha queimado meus papéis lá. E não deu outro. Eles vieram, o DOPS veio, me levaram. Mas naquela época ainda tinha aquela indignação, aquela reação, então, quando me prenderam, me algemaram, eles me levaram para o Departamento de Pessoal para o chefe do Pessoal me liberar, porque eu estava no horário de expediente, aí os colegas tramaram a minha libertação. Entrou um contínuo na sala... A sala estava fechada...

A. F. – Você trabalhava na sede mesmo.

P.S. – No Banespa. Na sede, é. Um contínuo me... Eu falei para ele: “Você, na hora que sair, não fecha”. Porque estava travado por fora. Eu já tinha ido tentar. Eu estava algemado e dentro da sala, e a porta fechada por fora. Sala do gerente do Departamento de Pessoal. O contínuo veio, abriu, trouxe umas pastinhas, e eu falei para ele... Ele me conhecia, sabia o que eu fazia, sindicalista e tal. “Olha, estou numa fria aqui. Vê se você, na hora que sair, esquece de travar.” E ele esqueceu de travar. Aí eu saí. Pus uma pasta aqui na frente, peguei umas pastinhas, passei na frente dos dois caras do DOPS que estavam ali do lado de fora, eles ficaram me olhando, sabe, em dúvida, se era eu...

M.M. – Era tão cara de pau que eles não podiam imaginar.

P.S. – E eu, na hora que eu cheguei em frente ao elevador, eu tocava, parecia que aquilo não vinha nunca, e os caras me olhando, rapaz. Meu Deus do céu. A hora que eu entrei no elevador, os colegas estavam lá. Eu acho que eles já previam, sei lá, ou eles iam tentar agüentar os caras. Aí eu descí, eles me protegendo; na saída... Eles deram o alarme. E na saída, veio... houve um pau ali com a segurança do banco, que estava colaborando com o DOPS, e eu consegui sair na rua e fui embora.

A. F. – Isso é em 70.

P.S. – Maio de 70. Aí fiquei na clandestinidade. Fiquei vivendo... E os meus colegas foram presos, do banco, do movimento. E aí me mandavam recado pelo Sérgio Fleury. “Fala para o Paulo se apresentar. Se ele não se apresentar em quarenta e oito horas, a hora que pegar, nós vamos *presuntar* ele.” Um recado bonito assim. Aí é que eu sumi de vez. [ri] Me enfiei nos cafundó aí, do lado da Brasilândia e Mirim, fiquei morando lá. Mas eu saía todo

dia... Naquela época, a gente percebeu que os vizinhos começavam a delatar. Estava um período muito ruim para nós. Então, você fingia que ia trabalhar, você saía de manhã, andava, você não tinha um tostão no bolso, ficava tomando água de bar em bar, de vez em quando, encontrava um peão conhecido, te dava o almoço. Estava construindo o elevador aí, o Minhocão, chegava lá no canteiro de obra, sempre pegava o almoço do pessoal lá. Andava o dia inteiro. Voltava para casa, fingindo que estava voltando do trabalho. Eu e minha mulher. Ela trabalhava.

M.M. – Você já era casado.

P.S. – Eu tinha casado no início de 70. Não. Eu casei depois, na clandestinidade. Acho que foi até por isso, que estava...

M.M. – Ela era militante também?

P.S. – Minha mulher era militante, também no banco. Conheci lá no sindicato. E ela continuou. Nosso casamento não tinha sido badalado, até porque foi na clandestinidade, então ela... as pessoas não sabiam que eu era casado, então ela continuou trabalhando. Foi ela que agüentou um pouco.

M.M. – É nessa época que você vai se aproximar da igreja, quando você vai para a Pastoral?

P.S. – Da igreja, foi logo depois. Nesse período, até a segunda prisão, eu me aproximo da igreja. Tinha um colega que era da Pastoral, o Antonio Messias... Que ele é uma figura. Você, se tivesse tempo de ir falar com ele... Não sei como é que ele anda; ele bebe demais. Mas ele está lá no Cangaíba, até hoje. A casa dele foi a primeira sede de núcleo do PT. Ele pôs placa na frente e tudo. Ele tinha uma () no fundo, ele doou para o partido.

M.M. – Onde era?

P.S. – No Cangaíba. Bairro do Cangaíba.

M.M. – Onde é? Eu não...

P.S. – Fica ao lado da Penha, na zona lês te. Tem uma estação Cangaíba. Antonio Messias da Silva. E o Messias me chamava sempre. E começou a me apresentar, o Otaciano, o Celso...

M.M. – Ele era da Pastoral Operária.

P.S. – É. Otaciano também. Otaciano era do Ermelino Matarazzo. Então comecei a conhecer a pastoral da zona leste. Tinha um bispo, recém chegado de Ribeirão, mas esqueci o nome dele; mais tarde, ele fez parte do corpo editorial da (*Oboré*) junto comigo. Mas enfim. Nesse período, eu começo... que é uma espécie de refúgio, você está na igreja, se sentia um pouco mais seguro. E...

M.M. – Você, até então, tinha tido alguma aproximação com a igreja? Você teve uma educação católica?

P.S. – Toda a minha educação, minha família era católica. Meu pai era ortodoxo, mas ele não fazia questão, então minha mãe que colocava...

M.M. – Dava as diretrizes.

P.S. – É, dava as diretrizes. E houve uma época, eu fui até de freqüentar muito; mas depois veio aquela crise, de achar que o que se prega não se faz, aquela coisa, comecei a duvidar que fosse a sério. Já estava virando ateu, quando percebi que era um refúgio muito interessante a igreja; além de encontrar companheiros interessantes. E, a partir de Cangaíba e Ermelino Matarazzo, comecei a participar da pastoral.

M.M. – Aqui em São Paulo.

P.S. – Aqui em São Paulo. São dois bairros da Zona Leste. Na época, eram bem periféricos; hoje, nem tanto. E me lembro, por exemplo, mais tarde, alguns anos depois, numa reunião no Mosteiro de São Bento, que a gente encontrou... um outro companheiro que eu gostava muito, que foi deputado, aliás, do PT...

M.M. – Era esse que disse que você era o único dirigente sindical.

P.S. – Isso. Isso. Ele falou dentro da reunião, ninguém nem achou importante. Que a cultura era (sem importância ser oposição), ser direção já levantava suspeita. Deve ser algum pelego. Mas ele chamou a atenção de todos os presentes, falou: “Ó, companheiros, aqui, entre nós, já tem um sindicalista, já tem um que é diretor de sindicato.”

A. F. – Quando você já estava no...

P.S. – 76. Mas aí então, o que é que aconteceu? Eu caí na clandestinidade. Tentei arrumar emprego. Em momentos de desespero, você achava que a polícia já tinha largado de te perseguir, você tentava. A família pressionando, você sem nada e tal. Então, uma vez, eu

fui fazer um exame na Embratel. Estava abrindo a empresa. De comprador, que era o que eu sabia fazer. Me inscrevi e passei. Eram quatro vagas, eu fui o segundo colocado. Mas não me chamaram. Chamaram todos menos eu. Aí veio um cara da Embratel, me avisou: “Olha, os caras vão te prender. Você deu os dados...” Eu não tinha dado os dados corretos. Eu tinha dado de um familiar. “Vão te prender porque... você foi louco, está sendo perseguido, fez um concurso público e tal. E os caras já estiveram na empresa, estão a fim de te pegar e tal.” Aí eu dei mais uma sumidinha.

M.M. – Essas empresas estatais, na época, também, pediam um certo atestado ideológico. Petrobras... Tinha um controle muito rigoroso.

P.S. – Tinha controle. O SNI estava começando a mapear tudo. Eu acho que a esquerda... Não. Eles tinham o fio da meada de toda a esquerda já, naquele momento. Aí, o que é que aconteceu? Aí eu fui preso. Eu tinha sido... Aí eu arrumei serviço, carteira nova outra vez. Aí já ninguém me pegava mais nisso. Entrei de novo, ganhando pouco; mas entrei numa fábrica de calçados e bolsas, na Lapa.

A. F. –Deixa eu perguntar sobre um pouco antes. Você falou como é que começa o contato com a igreja. No livro da Marta Heinegen, você menciona também uma certa proximidade ao POC. Isso foi, exatamente, em que período?

P.S. – Na verdade era uma simpatia que eu tinha, dentro da oposição bancária, com um líder que havia. Um dos poucos que não fugiu. Só que ele não fugiu mas ele desbundou depois. A gente quer dizer fugir é ir para a luta armada. Não foi para a luta armada, ele ficou. Ele, hoje, é um publicitário. Como é que ele chama? José... Era um cara inteligentíssimo, firme. Ele só tinha a voz muito baixa, ele tinha que encostar o microfone na boca para falar. Mas era um cara muito ponderado. Eu gostava dele. As referências que eu tinha eram mais a liderança do Banco do Brasil, embora eu fosse do Banespa, mas a minha dupla, eu trabalhava junto com um outro companheiro, que me ensinou muitas coisas, que era o Paixão. Carlos Roberto Paixão. Até hoje, a gente corresponde, de vez em quando aparece. Ele aposentou-se como fiscal de imposto de renda, um negócio desse. Mas enfim. Eu, em outubro de 73, eu ia tomar posse pela primeira vez no meu sindicato. Que daí eu comecei a frequentar o meu sindicato, que era o Sindicato de Trabalhadores de Curtume e Artefatos de Couro de São Paulo.

M.M. – Qual era a empresa em que você trabalhava?

P.S. – Na Icatrria, Indústria e Comércio de Modas Ltda, na Vila Romana. Rua Marco Aurélio, 311. Não sei se ainda tem. E lá tinham setenta empregados, mais ou menos, eu fui colocado como encarregado do setor de calçados. Eu tentei me sindicalizar nos calçados. No setor de calçados, que era minoritário, só tinha onze empregados. Eu levei dez fichas de sócio e fui levar na mão do Silvério (do Carmo), que era o presidente do sindicato, era interventor lá, fui entregar na mão dele, ele esnobou, ele falou: “Dez? Dez sócios? Não compensa nem mandar o cobrador”, não sei o que. Então eu falei: “Me dá aqui.” Peguei, passei a tesoura no timbre do sindicato dos calçados e fui levar no sindicato do couro, que eu tinha essa opção. Cheguei lá, fui muito bem tratado. Lá, era interventor também; mas quem me atendeu foi um ex-dirigente cassado que tinha se rendido; para não passar fome, ele virou secretário, virou funcionário do sindicato. Um dos perseguidos de 64. Pedro de Oliveira. Aí Pedrão me atendeu muito bem, e falando das coisas dele do passado... Ele vivia no passado. Mas eu gostei do ambiente, falei: eu vou ficar aqui.

M.M. – Esse sindicato era aqui em São Paulo.

P.S. – É. Na rua Senador Queirós. Eu, primeiro, tentei o sindicato dos calçados, que era na rua da Mooca, na rua Coronel Cintra, 119. Depois fui para a Senador Queirós, 645, 2º andar, que era os couros.

A. F. – Em que bairro é os couros?

P.S. – Couros é no centro, ali perto da Estação da Luz. E o calçados é na Mooca, na parte antiga do bairro.

A. F. – Você, quando estava trabalhando, morava na zona leste ainda?

P.S. – Continuei na norte, no Imirim, era meu refúgio. Mesmo depois de 73, quando eu fui preso, ainda continuei mais um... Mas aí não adiantava mais fugir porque eles já tinham me localizado. Eu tomava posse no dia 8 de outubro, na data do Che, oito de outubro de 73. Dia 5 de outubro me avisaram que tinha uma carta do José Ibrahim, que, antes de fugir do Chile, tinha mandado, através do Luizão, que é um cara que está agora na Comissão de Anistia do Governo do Estado, Luís Cardoso. Ele era antigo operário da (Bradesco?), que tinha participado do esquema da...

M.M. – Paulo é bom. Ele sabe o nome de todo mundo, a cronologia e os endereços. [ri]

P.S. – Luizão tinha ficado no Chile. Saiu no dia do golpe, saiu dia 11 de setembro. Dia 5 de outubro... Ele já tinha marcado o encontro antes de viajar para o Chile. Dia 5 de outubro, ele ia me trazer a correspondência do José Ibrahim. Microfilmada. Imagina, os recursos da época. Aí eu fui para encontrá-lo. E tinha uma combinação: se ele não passasse a mão no cabelo é porque ele estava numa fria, ele tinha sido levado lá porque ele foi torturado e estava me entregando. Puta! Eu estou lá assim, na hora combinada, em frente ao Parque da Água Branca, na calçada em frente, tem até a Eucatex ali, estou andando na calçada, conforme combinado, lá vem ele. E ele não passou a mão no cabelo. Eu falei: meu Deus do céu! Não é possível. Me lasquei. Estou preso. Mas aí eu falei: eu vou para o parque, vou para lá, vou para cá... o que é que eu faço? Não estava preso ainda. Resolvi entrar no supermercado. Foi a maior fria. Que era onde eles estavam estacionados. Tem um supermercado () na época, eu resolvi entrar no supermercado. Fui caminhando... No que eu estou indo... Passei perto da perua, uma ambulância falsa, toda branca com uma cruz vermelha e tal. Passei em frente aos caras. Aí não tinha jeito, não é. Entrei no supermercado, falei: vou ver se escapo pelos fundos, vou no banheiro lá. No meio das gôndolas ali, eles me cercaram. Aí, metralhadora, revólver, tudo ali. Chegou um cara, bateu o revólver assim na minha orelha assim, arrancando sangue assim, já veio outro, cruzou os braços, já pôs a algema, e derrubando latas e... E eles gritavam: “Terrorista! Terrorista!” Bem alto, para o povo não achar que eles estavam fazendo alguma coisa errada, não é, eles estavam protegendo de um terrorista. Aí, me encapuzaram, me levaram nessa perua, que eu já tinha visto tudo, me encapuzaram, me levaram para a Tutóia. Era o DOI-Codi. Aí foi um inferno. Durante uns quinze dias. Perdi a posse do sindicato. [ri] Levaram minha mulher, levaram uma sobrinha minha que estava visitando a gente. Uma menina de dezesseis anos. Parece que não mexeram com menina, foi controlada a menina. Agora minha mulher eles barbarizaram. E eu... Imagine, o Luizão tinha entregue até o que ele não sabia, até o negócio do primeiro de maio. Os caras vieram me perguntar se eu que joguei pau na cabeça do governador. Pior que eu achava que era ele e ele achava que era eu. Mas ele, logo de cara, me apresentaram ele, ele estava enfaixado, sangrando, tudo sangrando, pingava no chão assim. Ele estava lá há mais de uma semana. Voltando do Chile, ele foi pego logo na fronteira. Ele estava junto com uma turma toda, que sido tinha comemorado o aniversário da Revolução Francesa, e ele tinha ido lá para entregar, porque ele... parece que já estava programado isso. Ele estava

entregando muita gente. Mas estava arreventado. Aí começaram a bater... Aquelas coisas que vocês já sabem.

A. F. – Ele era ligado à VPR.

P.S. – À VPR, é.

A. F. – Porque nessa época eles caíram...

P.S. – Quem foi preso comigo, é secretário do Serra agora, do Meio Ambiente, que foi nosso companheiro, nosso deputado também... Foi secretário de Saúde da Marta.

A. F. – O André Jorge.

P.S. – É. Porque foi preso o PCBR junto, também. MR-8, PCBR e VPR. Eles estavam pegando o que restou deles.

M.M. – É. Nessa época foi a raspinha final.

P.S. – É. E eu não tinha nada a ver com aquilo, não é. Mas me prenderam. E o Luizão tinha ouvido falar que eu estava organizando uns comitês de mobilização operária. E ele pegou e denunciou, que eu era líder de uma nova organização chamada OMO – Organização de Mobilização Operária. Não tinha. Tinha. Mas era uma organização político-sindical. Não era um grupo de esquerda para luta armada ou coisa do tipo. Mas... E aí... O pior era (). Eles, a qualquer momento, eles descobriam o documento e aí o pau ia aumentar ainda mais, porque aí eles iam fazer com que eu entregasse outras pessoas. Então eu tive...

M.M. – Nessa sua candidatura para o sindicato, você já era candidato a presidente do sindicato?

P.S. – Não. Secretário. O sindicato tinha três cargos: presidente, secretário, tesoureiro. Eu era o segundo.

A. F. –E era composição.

P.S. – Ah... Era o seguinte. O interventor, nós conseguimos afastar. E foi a chapa possível. Alguns caras que vinham da equipe do interventor, mas sem o interventor, e eu. Aí falei: chapa única, é o que dá para fazer, não dá para fazer outra coisa.

A. F. –Chapa única.

P.S. – É. A cabeça de chapa era deles. Mas aí, o que acontece? Eu saí do DOI-Codi e, logo em seguida, vieram me prender novamente, na casa da minha sogra. Eu tinha dado o endereço da minha sogra. Eles, na minha casa, não estavam indo mais; mas vieram na casa da minha sogra. Ela deu o alarme, aí eu, a minha mulher e essa menina que tinha sido presa, nós fomos para a Argentina. Passamos por Foz do Iguaçu e fomos. E eu encontro lá uns brasileiros vindos do Chile. Estavam lá, numa faculdade ()

A. F. – Nessa saída para a Argentina, vocês tiveram algum apoio?

P.S. – Aí que eu encontro um companheiro que foi do POC, que tinha fundado, na Argentina, o Exército Revolucionário do Povo, (Brás Salmorra). Tinha o gaúcho, esse que é deputado, parece, o...

A. F. – Flávio Kutz.

P.S. – Flávio Kutz. Mas tinha aqui, também, o companheiro que era presidente do centro acadêmico da Geografia, que tinha um nome francês até... Esqueci o nome dele. E esse que eu encontrei, andando na avenida Corrientes, eu estava sem dinheiro, ele me deu duzentos dólares do ERP para mim, para quebrar o galho lá, que eu estava passando dificuldade em Buenos Aires. Em Buenos Aires, eu fiquei abrigado, imagine, num apartamento onde tinha acabado de sair o Felipe, o Luís (). Que eu, nesse momento, tinha me ligado ao pessoal... Tinha um movimento para fundar um grupo trotskista unificado, que deu origem ao OMB, Organização Marxista Brasileira.

A. F. – Aqui, você já estava em contato com esse processo.

P.S. – Primeiro de Maio. Eu fundei a Organização Comunista Primeiro de Maio. Eu, Luís Araújo, mais um outro. Esqueci o nome. Bom. Mas enfim. Era a turma que vinha do grupo do Barão. Otaviano De Fiori. Era o Barão, o Fábio Munhoz, Khalil, o Colaço... como era o nome? Eles eram artistas ou eram professores de universidade. Esse pessoal tinha criado, primeiro, um movimento estudantil Primeiro de Maio; depois, quando eles foram criar a Organização Comunista Primeiro de Maio, eu participei, nesse momento.

A. F. – E eram já trotskistas.

P.S. – Trotskistas. Tem até um artigo meu, publicado num livro do Daniel Aarão Reis, eu acho que é o texto mais antigo, político, meu, que sobreviveu. Porque eles derrubaram o

Tiradentes, ficou aquele portão. Na capa tem aquele portão do Tiradentes. Então tem vários textos de organizações. Aquele texto que está atribuído ao primeiro de maio fui eu que escrevi, que fala da possibilidade do Albuquerque Lima, aquelas coisas.[ri] As ilusões que nós tínhamos de ter no Brasil um golpe igual àquele que teve, do Bermudes, no Peru.

A. F. – Deixa eu te perguntar, em torno disso. Você é uma pessoa que já vinha com uma experiência de trabalho na produção, em serviços, estudando à noite, uma experiência de trabalhador realmente, mas com uma escolaridade acima da média dos sindicalistas. Como é que se deu a sua relação com a teoria política? Nesse momento, você está fazendo opção por um grupo trotskista. Você já tinha tido contato com a experiência do PC. O que é que você lia? Que discussões você tinha? Você lia muito, não é?

P.S. – Isso. Tinha coisas assim que me impressionavam. Além de que eu era muito curioso de ler sempre, nem sempre entendendo, lia coisas assim que, hoje, já não indicaria para os outros; mas, não tinha orientação, ia lendo de tudo. Mas eu me lembro, por exemplo, quando houve a Primavera de Praga em 68... O Otaviano era rico, não é, pelo menos nós encarávamos assim, ele era testemunha da História. Então, quando tinha um fato importante lá não sei aonde, ele viajava com a mulher dele. Era a Maria Ermínia. Depois mudou. Eles foram casados, depois trocou. Me dei bem com a outra também. E ele era muito respeitado. Ele era de esquerda mesmo. Depois virou... Foi amigo do Weffort, foi para a Cultura lá, junto com o Weffort. Mas ele...

M.M. – Ah! Aquele Otaviano?

P.S. – É. Otaviano foi secretário de... editor de livros...

M.M. – Eu sei. Eu não sabia que esse que você estava falando era esse mesmo. Porque ele, com aquela história lá com o Weffort, teve uma trajetória meio lamentável. Acusar, com acusações... *

(Falam todos juntos)

P.S. – Otaviano foi do POR e foi dissidente do POR. *É. Muita gente, não é. Não. Foi um ministério triste o do Weffort.

M.M. – Mas ele especialmente.

P.S. – É. Então, Otaviano era brilhante. É outra pessoa. Não tem nada a ver.

M.M. – Como é o nome dele? Otaviano Fiori.

P.S. – É. Otaviano De Fiori. Diziam que ele era nobre, por isso tinha esse apelido de Barão. Ele viajou para a Tchecoslováquia na hora que as tropas do Pacto de Varsóvia haviam ocupado Praga e o país todo. E ele assistiu isso. Ele assistiu aos últimos dias da Primavera e à invasão dos tanques russos. E ele voltou confuso. Nós não tínhamos nenhuma confusão, a gente estava claramente contra a invasão dos tanques russos e a favor da Primavera de Praga. E ele chega, meia hora antes... Tem uma palestra dele na Maria Antonia, a sala superlotada, todas as tendências, todo mundo, todo o movimento estudantil reunido para ouvir... “Otaviano está chegando de Praga, gente, vai fazer uma palestra”. E ele vem, troca umas ideias conosco e fala que achou que foi bom a repressão.

M.M. – Estava em dúvida.

P.S. – Estava em dúvida. Eu digo, meu Deus do céu! Então você não vai falar, você vai inventar uma desculpa. Aquele autoritarismo, não é, da esquerda na época. Você não vai falar contra a nossa linha, não é. Bom. Mas ele, assim mesmo...

M.M. – Bom. Mas seguindo.

P.S. – Ele foi para lá... O que eu quero dizer é o seguinte. Ele foi para lá... Veja quanta coisa. Ele vai para essa palestra, faz uma brilhante defesa. Ao contrário do que havia dito para nós reservadamente, faz uma defesa apaixonada mas muito bonita, esteticamente e tal, da Primavera de Praga. Ganhou, abalou as bases de todas aquelas dissidências que vinham do stalinismo, aquela coisa toda. Ficaram todos em dúvida.[ri] Aí nós reconciliamos com ele. Estava brigado uns dez minutos antes. Então, veja, eu vivi aquele momento de 68, que a gente teve uma pequena amostra do que poderia ser o movimento. Aquilo ficou entalado na minha garganta, quer dizer, que eu tinha certeza que se não tivéssemos debandado, aquela vanguarda de 68, nós íamos ter derrubado a ditadura logo em seguida, da melhor maneira que a gente havia sonhado, quer dizer, o povo.

M.M. – Você acredita nisso até hoje?

P.S. – Acredito, acredito, sim. Eu tinha vivido lá dentro, eu sentia o potencial. E sentia que, quando eles foram embora, ficou todo mundo perdido. Eles foram embora, eles fugiram, foram fazer a luta armada maluca. E os meus amigos começaram a morrer, um atrás do outro. Você só lia notícia para... “mataram fulano, fulano resistiu”. Tudo mentira. Estavam

presos. Bom. Isso ficou *aqui*. Eu estava... Veja. Aquele troço do partido, esses grupos trotskistas todos, cultivava desde os anos 30, a ideia...

M.M. – Por que a opção pelo trotskismo a essa altura?

P.S. – Por causa de... Naquele momento...

M.M. – A descrença com o PCB, a descrença com a luta armada?

P.S. – Veja. O PCB, no sindicato, a gente já rechaçou, porque ele tinha um comportamento dúbio. Depois, quando ele começou a fazer ligação com Lacerda, com Jango, Frente Ampla, não sei o que, a gente começou a se afastar mais ainda. E quem foi de 68 sabe que o amor pela revolução era uma coisa real mesmo, que todos nós queríamos, sonhávamos com isso. E a gente via, eu sentia a possibilidade, estando lá no meio, nunca abandonando o movimento social, todo o potencial que havia. Nós continuamos a fazer greve durante toda a ditadura. Eu tinha um jornalzinho, que muita gente nem acreditava, noticiava, numa paginazinha mimeografada, noticiava as greves, durante a ditadura militar. Noticiava dez, vinte greves em São Paulo, durante a ditadura militar. Mas só que greves desesperadas, atrás do pagamento, os desmandos... Mas a gente conseguia articular esse submundo do trabalho, essa coisa toda. Então, quando a gente viu a possibilidade... Começou a reagir. Em 73, mataram o Alexandre (), os estudantes não tiveram medo, começaram a sair, dentro do campus mas... começaram a sair em passeata dentro do campus; em 75 mataram aquele do TV Cultura, jornalista, Herzog, mataram Manuel Fiel Filho, que era companheiro do PCB, ligado à diretoria do Joaquinzão, mas aí nós tomamos como sendo uma morte nossa, e a reação não era mais de medo: cada vez que eles matavam, a reação era de indignação. Começou a mudar assim, coletiva do povo. Aí eu senti que íamos para a cabeça, a partir dali. E foi a hora que eu fui para o sindicato e resolvi participar e tal.

A. F. – Voltando à questão das leituras. Quando você...

P.S. – () (*Falam juntos*) Por exemplo, era o MB, depois juntou-se com o antigo Primeiro de Maio que tinha sobrado... Não era mais eu. Eu estava já na OMB. Isso eu tinha articulado em Buenos Aires com exilados brasileiros, com o grupo Outubro.

M.M. – Quanto tempo vocês ficam em Buenos Aires?

P.S. – Cinco meses em Buenos Aires. Até com o governo Campora, um período democrático, muito mais do que aqui, nem tinha comparação. Deu para sentir um monte de coisa, também, na Argentina. Muita gente, agora, pergunta... o P e o T. Eu até tinha ojeriza de siglas, não é. Mas na Argentina eu vi a força que tinha a JP. Em tudo quanto é muro, tudo quanto é poste: JP. E aquilo, o impacto que isso provocava na juventude. E é um movimento fortíssimo. Só que é uma pena, um movimento não popular. Tinha uma base popular, mas tinha uma cúpula de elite. Então, eu sonhava com aquilo, sem a elite. Quer dizer, queria ver o partido livre. Sempre trabalhando minoritariamente. Imagina. A minha trajetória na esquerda era ver o Partido Comunista grande e sem serventia, grande e equivocado, grande para não fazer nada. Meu sonho era fazer um partido grande mas que tivesse uma ação...

A. F. – Se eu estou entendendo, a sua opção pelo trotskismo é mais por rechaço às outras alternativas, mais por exclusão das outras.

P.S. – E a proposta que tinha. Os trotskistas tinham uma proposta que chamava POBS – Partido Operário Baseado nos Sindicatos. POBS. Era uma fórmula que já vinha dos anos 30. Quando Trotsky discutiu com o (Canyon), que era o secretário da seção norte-americana da IV Internacional, ele recomenda que ele não fique fazendo grupos de esquerda, que ele era mais um, mais dois, mais três; que ele fizesse uma proposta ampla, incluindo o Partido Socialista norte-americano, que incluísse os sindicalistas da (CIO), da nova central sindical, etc.; e tem essas discussões com...

A. F. – E você já tinha lido, já estava informado em relação...

P.S. – Na Argentina eu me inteirei, por exemplo, dessa discussão do Trotsky com o (Mateo Fosse), que era um militante revolucionário argentino, sobre a questão sindical, ligando a ideia de fazer um partido com base nos sindicatos, com base nessa nova vanguarda que estava surgindo.

A. F. – E a opção de ir para Argentina, já estava ligado a essa relação?

P.S. – Não, não. São coisas que vão acontecendo. Que era o único país democrático naquele momento...

A. F. – Já era depois do golpe no Chile.

P.S. – É. Isso. Então, veja, eu volto para o Brasil, depois da Argentina, o Ministério do Trabalho não quer me dar posse na diretoria do sindicato. Eu tenho que esperar um ano, reclamando, indo lá, enchendo o saco das autoridades locais dentro do Ministério. Até que a diretoria do sindicato decidiu... o cara que estava no meu lugar decidiu que não ficava mais. Era um cara *legal*, um cara do Curtume lá de Mogi das Cruzes. “Eu não fico mais, porque eu fiquei aqui na ausência do companheiro” e tal, aí a diretoria resolveu me dar posse. Aí o Ministério não pôde se opor.

A. F. – Isso já era começo de 74.

P.S. – 76 já. 76. Eu fiquei 74 inteiro sem poder tomar posse, entrou por 75...

A. F. – Em 73 você entrou na categoria. É isso?

P.S. – Isso. Não, não. 73 entrei na diretoria. 71 entrei na categoria. Trabalhei na Icatrria. Depois que voltei da Argentina, voltei para a Icatrria. O patrão me aceitou.

M.M. – Espera aí. A gente fez uma confusão aqui. É em 71 que você vai para a Icatrria?

P.S. – Isso. Eu passei um ano desempregado e, um ano depois, eu resolvi mudar de profissão.

A. F. – Então, quando você fala na posse, já era a posse como presidente.

P.S. – É. Não. Eu era secretário. Não me deram posse como secretário. Depois de um ano, eu já tinha perdido um ano e tanto de mandato, aí, finalmente, me deram posse. No final de 76.

M.M. – Como secretário.

P.S. – É. E aí, eu aproveitei umas férias... O sindicato tinha duzentos e cinquenta sócios só. Imagina. Era à míngua. Eu aproveitei minhas férias e fiz, mais ou menos, quase seiscentas filiações. Peguei umas férias na fábrica e saí trabalhando, fazendo sindicalização.

M.M. – Quer dizer, quando você voltou da Argentina, você conseguiu retomar o seu emprego na fábrica também.

P.S. – Meu patrão, meu ex-patrão era um refugiado da revolução húngara de 56, que eles tentaram fazer os soviéticos saírem, os russos reprimiram duramente eles. Quando eu

voltei, eu voltei para receber os direitos. Ele falou: "Não. Seu emprego está aqui, cara. Eu já passei por isso também." Foi um cara *legal*. Eu não sabia até então. Aí ele me abriu lá, tal.

A. F. – Húngaro ele.

P.S. – É, húngaro. Judeu húngaro. Mas ele... Se chamava (Stivancal). Depois me mostrou até um livro. Ele era um dos líderes de um soviet (), um comitê de empresa que tinha lá em Budapeste. Mas ele foi expulso e tal, foi perseguido, foi para os Estados Unidos, depois veio para o Brasil. Bom. Mas aí, ele me admitiu de volta, e eu... Mas eu fiz o quê? Fiquei de olho numa firma, na maior firma da categoria, que era a Primícia, em São Bernardo do Campo. Até que saiu o anúncio que ela ia...

A. F. – A base de vocês era o quê? São Paulo...

P.S. – Na verdade era a maior parte da Grande São Paulo. Só que as principais firmas não eram enquadradas. A diretoria era muito bundona, não brigava por nada. Então, o que aconteceu? Para eu poder enquadrar a maior firma da categoria, eu tive que esperar um anúncio sair no *Estadão*, na época tinha muito emprego, saiu lá: "supervisor de produção *trainee*". Aí eu fui, me candidatei, passei. E comecei a trabalhar na Primícia. Mas não podia dizer que eu era sindicalista, senão ia para a rua. Então, apesar de ter uma legalidade num lado, eu estava clandestino no outro. E a Primícia abriu uma nova fábrica em Caieiras. Mas, durante o período em que eu fiquei em São Bernardo, comecei a me entrosar com a diretoria do Paulo Vidal...

M.M. – Aí que começa sua relação com o Sindicato dos Metalúrgicos.

P.S. – É. Na verdade, num primeiro momento, eu vim a conhecer o Paulo Vidal. Não conhecia os outros diretores, o Lula assim, só de vista, mas não sabia nem quem era.

A. F. – Em 76 ainda.

P.S. – É. 77. Quando eu consigo...

A. F. – É o ano que Lula assume a presidência.

P.S. – É. Aí tem a posse do Lula. E o Lula convida o meu sindicato. Mas convidou todo mundo. E a crítica a ele, na esquerda, era essa, porque ele convidou o comandante do 2º Exército, Dilermano (), convidou o Paulo Egídio Martins, que era o interventor, o governador nomeado, e o Lula dizia coisas que eram verdadeiras heresias para a esquerda.

Ele falava assim: “Vocês ainda vão sentir saudade do Paulo Egídio Martins”, que era um governador indicado pela ditadura mas era um bonachão, um boa-praça. Então, esse lado pessoal assim, de fato, depois, houve até alguma saudade, porque alguns não eram... Maluf, etc.. Eu fui na posse dele, assisti, lá no meio, assinei o livro. Se pegar o livro, deve ter lá minha assinatura. Mas a gente só entrou, mesmo, em contato mais estreito a partir de julho de 78. Em julho de 78, teve o IV Congresso da CNTI, no Rio de Janeiro. Imagina. A CNIT, fundada em 47, estava realizando o quarto congresso tantos anos assim depois. Até então, eu nunca tinha participado de um grande congresso. Eu tinha participado do congresso (), mas quem ia era presidente de sindicato, era diretor; no máximo, duzentas pessoas. E lá nós tínhamos mil e quinhentos delegados do Brasil inteiro. Todo o setor de rústico. Então...

A. F. – Onde foi o congresso?

P.S. – Em São Cristóvão. No Pavilhão de São Cristóvão, no Rio de Janeiro. Passamos uma semana lá. Sabíamos que ia ferver. Porque... imagina, o Ari Campista era o presidente, assumia-se publicamente, dizia: “eu sou o pelego número um do país”. Geisel participou da abertura. Chegou o Geisel numa limusine, o Ari Campista numa outra, mais bonita que a dele, num terno mais lustroso que o dele, com aquelas abotoaduras de ouro, aquelas coisas malucas assim, que não tinha nada a ver com trabalhador. Sentaram na mesa da abertura. Para nós, era um salão imenso, uma multidão, mil e quinhentas pessoas. Os delegados do congresso, a maior parte estava hospedada em quartéis. A maior parte, delegados do Norte, Nordeste, Centro-Oeste, tudo em quartéis.

M.M. – Era um congresso oficial.

P.S. – É. Eles não podiam votar contra, além de tudo. E esse primeiro ato dele ao abrir o congresso: “Vou abrir uma fileira aqui. Quem está a favor senta a minha direita, quem está contra senta à esquerda.” Desse jeito. [risos] A primeira providência. Um corredor, nos isolando. Não ficou nem vinte por cento. Depois foi aumentando, umas cadeirinhas para cá e tal, mas pouca coisa. Nós sabíamos que ia perder; mas a gente resolveu usar a tribuna do congresso, falar. Ia lá, falava, levava vaia daquele outro lado, levava aplausos do lado de cá e tal. Demos trabalho a ele. E foi interessante porque a imprensa não noticiava o lado de lá, porque era...

M.M. – Você já era presidente do sindicato?

P.S. – Era presidente, é. Em maio de 77, o pessoal... Eu já tinha sido eleito, em 76, como presidente. Mas aí o cara me deu o golpe, porque eu não conhecia o estatuto do sindicato, que dizia o seguinte: o cabeça de chapa não era, necessariamente, o presidente. Tinha que reunir os três da executiva e dali tirava o presidente. Aí eles reuniram... dois a um... E eu percebi que ia perder de dois a um, falei: “Não, também elejo você. Só tem o seguinte. Você está dizendo que vai se aposentar, então, quando você se aposentar, eu te substituo” – falei para ele. Aí, deu o mês que ele falou que ia aposentar, passados seis meses, ele ia aposentar em seis meses, ele não se aposentou, eu peguei, chamei os colegas lá, falei: como é que é? Aí o pessoal tirou ele. Ele se aposentou... Ele já tinha se aposentado mas estava quieto, ele não falava nada. Aí eu entrei, finalmente, para o cargo que eu tinha sido eleito. Então, em maio de 77 em diante, eu passo a ser presidente. Em julho de 78 eu estava com a delegação lá no congresso do Rio. Tenho fotos, tudo, dessa época, desse evento lá. Algumas até com o Lula, junto com o Lula. Aí foi assim, o Lula, toda noite a gente ia no Rangel, que era do Sindicato dos Urbanitários, que era ligado ao MR-8, mas era amigo da gente; até hoje, é um cara cordial com a gente. E nos hospedava, a gente tinha liberdade de fazer reunião. Só que a gente não sabia que ele cercava, não deixava vir apoiadores do PT. Ele falava: “Deixa comigo que eu convoco.” Ele só convocava quem...

A. F. – E vocês já estavam conversando sobre o PT.

P.S. – É. Aí, o que é que acontecia? Logo que a gente começou a falar de PT, a gente continuou indo no Rangel porque, seis meses depois, dia 11 de dezembro de 78, nós começamos a organizar o PT.

M.M. – Como é que começou essa conversa de organizar o PT?

P.S. – Veja o seguinte. Houve várias declarações. Aí, sem nenhuma consequência organizativa. Eu, por exemplo, tinha uma consequência organizativa, mas era o meu estilo, eu tinha já um movimento pelo partido operário. Tinha criado a partir da eclosão das greves. Porque aconteceu um fenômeno extraordinário em 78. 12 de abril de 78... Foi isso? 12 de maio? 12 de abril de 78. Parou a Scania e parou a Wittow. Duas fábricas, uma em frente à outra. A Wittow, o Pontes, que era o presidente do sindicato, foi lá e mandou voltar. Pediu um voto de confiança, não sei o quê. E na Scania era o Gilson Medeiros...

A. F. – Qual era a fábrica?

P.S. – Wittow. Uma fábrica do mesmo tamanho da Scania, em frente à Scania, parou.

A. F. – De que categoria?

P.S. – Vidreiros. Fazia vidro para automóveis. Parou junto com a Scania. Ambas queriam vinte por cento. Só que a Scania, era a data base, eles não queriam que descontassem os vinte por cento antecipados. Tinha uma inflação de 34%, eles queriam descontar os vinte. Os operários pararam para não deixar descontar. A Wittow não sabia da história, a data base era outra, era dezembro, achou, de orelhada, que era vinte por cento, resolveu pedir vinte por cento, parou também. Eles eram um corredor ali. Dez mil operários. Cinco mil da Wittow, cinco mil da Scania. Um negócio assim. A partir daí... veja que coisa interessante. Fui eu que levei a notícia da greve. Quando soube da greve, fui para São Bernardo. Eu já estava me transferindo de São Bernardo para Caieiras, mas ainda estava em São Bernardo. Fui para lá. E, à noite, tinha um ato dos artistas num teatro na Amaral Gurgel, um teatro grande na Amaral Gurgel, e a Lélia tinha assumido o sindicato, estava uma badalação enorme em torno da Lélia Abramo. E eu fui nesse ato porque era a única chance de encontrar a esquerda de São Paulo. E aí fui, noticiei a greve da Scania e da Wittow. Falei, infelizmente, a outra fábrica voltou, mas essa aí está firme. No dia seguinte começaram a parar outras. E não parou mais. E aí foi até mais ou menos agosto, greves brancas: paravam dentro da fábrica. Nesse processo de parar fábrica, eu parei mais de trezentas fábricas com o meu sindicato. Não só as minhas, eu parei as dos outros, porque em São Paulo não tinha nenhum sindicato combativo, só o meu. Então meu sindicato virou uma Meca. Todas as oposições saíam para o meu sindicato. Os bancários, Augusto (Branco), que ganhou, a TOE, a (Heiko Shidaua), que depois foi destituída pelo (), todos, os químicos, os plásticos, os vidreiros, que foi o primeiro, logo depois dos couros, foi o primeiro que a gente formou. Então o meu sindicato foi a referência...

A. F. – Os metalúrgicos de São Paulo...

P.S. – Os Metalúrgicos de São Paulo, eles passavam por lá. Mas aí eram os casos à parte. Nós tínhamos uma briga feia. Porque em 75, pessoas, metalúrgicos ligados a mim ganharam a primária da oposição para lançar a chapa, e iam encabeçar a chapa; aí eles pegaram, fugiram com os documentos, o MOS fugiu com os documentos, não registrou. Se você olhar a história das eleições dos Metalúrgicos de São Paulo, tem um ano, uma eleição em que não houve oposição. Foi exatamente esse. Então nós tínhamos um contencioso com o

MOS, com o Movimento de Oposição Sindical dos Metalúrgicos de São Paulo. Que eu achava que não era um movimento sério, como até hoje tenho essa ideia. Era um movimento semipartidário e semi-sindical.

A. F. – É. Mas tinha muita relação com a igreja. Tinha setores.

P.S. – É. Uma relação... É, tinha setores autenticamente da igreja. Mas a... de conjunto, era uma relação muito utilitária. Não era uma relação leal. Bom. Mas enfim. Essa ebulição... E, logo depois, tem a primeira greve de categoria. Porque... Imagina, foi dos ceramistas de Itu. Depois têm metalúrgicos de Osasco, metalúrgicos de São Paulo. Eles fizeram greve de categoria antes do Lula. Greve de fábrica o Lula é que fez. Depois o Lula vai fazer, em abril de 79, a primeira greve de categorias. Mas, nesse período, o meu sindicato virou um... uma central sindical, um negócio desse tipo. Aí eu, não querendo deixar só no plano sindical, lancei esse movimento, Movimento pelo Partido Operário. E reunia, impressionante, o pessoal metalúrgico, coureiro, vidreiro, as categorias que nós estávamos trabalhando.

A. F. – Metalúrgicos mais do ABC.

P.S. – Metalúrgicos mais de São Paulo. Mais de São Paulo e de Osasco. Porque eles tinham parado as fábricas. Então, a partir daí, que ele... Só para você ter uma ideia, parei setenta e seis fábricas dos metalúrgicos naquela febre das greves fabris, naquela onda. Bastava você fazer um boletimzinho, um mosquitinho deste tamanho – “é hoje” – e acontecia. Um negócio maluco. Bastava ter um contato, dois.

A. F. – Era em que região?

P.S. – Tudo. Eu me lembro que parei aqui, por exemplo, Jaquaré, parei duas fábricas em Jaquaré, uma de cinescópio, paramos a Sofuji. Na Amofarrege, ali na Leopoldina, paramos umas três fábricas metalúrgicas. Principalmente a Zona Oeste, que eu morava aqui, já morava na Lapa, essa região aqui e em Osasco. Osasco, fui parar até a Bardela (). E aí que veio o contato. Uma turma excelente, que depois participou da fundação do PT naquela região. Carapicuíra, Jandira, Osasco. E primeiro, nós estávamos fazendo as primeiras plenárias em prol de um partido operário. Nome provisório.

M.M. – Era Movimento?...

P.S. – Por um Partido Operário. E, por exemplo, Salão das Classes Laboriosas, aqui no centro, aquele outro salão também, da União Fraternal, da Lapa, na Guaicurus, no início da rua Guaicurus tem um salão onde tem baile da terceira idade, hoje em dia não serve para nada, mas nós usávamos aquele salão ali para fazer as plenárias. Até saiu uma reportagem no jornal *O Companheiro*, (não sei se vocês vão recuperar) entrevistou uma das plenárias nossas, antes do PT, ali. Mas aí... Eu estava falando das declarações, que o Lula fez uma declaração num congresso de petroleiros em meados de 78. Tinha um tal de Borges, dos fumageiros de Belo Horizonte, que falou sobre um partido operário, a importância que tem um partido operário. Mas já reuniu, que detonou um processo organizativo foi 11 de dezembro de 78. Lula ligou para nós, ligou para cada sindicato, convidando o presidente do sindicato para... vai ter um jantar aqui em São Bernardo. Nós chegamos lá, não era jantar, era uma (). Daí nós sentamos, ele botou uma garrafa de 51 no centro, virava assim ó... (por isso que agora o jornalista americano fica falando essas coisas) entronizou a 51 assim, doze presidentes de sindicato e dois sindicatos tinham levado secretário, eu tinha levado o meu, o Geraldo Santiago, e o Enos Amorim tinha levado o Tenente. Ah! E o sindicato de Santo André, não tinha ido o presidente, tinha ido o Cicote, que era segundo secretário. E o Lula falou: “Que tal nós fundarmos um partido só de trabalhadores, sem patrões?” A frase é dele.

M.M. – Mas esse restaurante é aquele das

P.S. – Não. Isso foi na sala da presidência do sindicato. 11 de dezembro de 78.

A. F. – Era jantar que não era jantar.

P.S. – É. Não, depois que terminou jantando. Porque o pessoal cobrou, ele... Tinha doze sindicatos. E ele perguntou: “Que tal formarmos um partido só de trabalhadores, sem patrões?” Olha a formulação dele. Imagine eu, ouvindo isso, como é que eu fiquei excitado. Aí passou. Ao lado dele estava o Jacob. Ele já teve um voto a favor. E ele, obviamente, dois. Dois a zero. Depois, todo mundo ficou contra. Aí começou... (batendo) Tudo contra. E falava assim... ou falava pela direita, dizendo: “vocês vão prejudicar a unidade das oposições na luta contra a ditadura, justo agora que derrotamos a Arena, acabamos de derrotar a Arena” – na eleição lá de novembro de 78 – “O pessoal nem tomou posse, já estão querendo fundar um novo partido.”; ou então pela esquerda: “Mas que é isso, Lula. Um partido desse tipo já existe desde 1922. Que história é essa?” [risos] Então... E eu... está chegando a minha vez. [ri] “Eu sou favor. Pode contar comigo.” Fui curto e grosso. Já passei para o Enos aqui... Ah,

o Cicote. O Cicote: “Olha, eu não sou o presidente, mas posso falar pelo Marcílio. Nós estamos com o Lula.” Aí o Enos, naquela reunião, foi contra. “Não, também concordo, tem muito para estudar...” Mas por quê? Ele estava assessorado pelo PCB, não é. Advogado, muito influenciador, não é.

A. F. – Paulo, desses doze, a maioria era metalúrgico?

P.S. – Não. Tinha químico, tinha gente do Rio de Janeiro...

M.M. – Quais eram os sindicatos, você se lembra?

P.S. – Eu me lembro. Estava o Sinésio, dos borracheiros, tinha alguém dos metalúrgicos de São Paulo, não me lembro se era o Joaquim ou se era outro. Acho que não era o Joaquim. Era alguém do PC. Estava... Do ABC, se estivesse, acho que só tinha... Eu sei que estava o Negrão, do Rio. Como é que chamava ele?

A. F. –Do gesso?

P.S. – Não. De Caxias. Dos petroquímicos de Caxias. Ele era do MR-8. Era muito amigo do... Mas... O MR-8 tentou ganhar o Lula, nesse ano de 79, que foi um negócio terrível. Levavam o Lula para lá, convidaram ele para o congresso deles. Uma loucura. Uma pressão enorme. E aqui, em São Paulo, eles ganharam o Almino Afonso. E esse pessoal do José Aníbal estava entrando para o MR-8. O Osmarzinho, o Alemãozinho, o Emilson Simões Moura, esse pessoal todo estava próximo, estava entrando para o MR-8. Em outubro de 79 eles entraram, formalizaram.

A. F. –O Alemão, que é hoje da (). *(Falam juntos)*

P.S. – Com uma declaração incrível. O () Reis entregou. Acho que o Luizão ou o Cidão, do MEP, foram convidados para o congresso do MR-8, então eles assistiram o acerto do José Aníbal com... Eles disseram o seguinte: “Nós somos do grupo Unidade, antiga fração da Vanguarda Armada Revolucionária Palmares, estamos de pleno acordo com a defesa da União Soviética” – aquelas coisas do MR-8 – “Estamos com você aqui. Só que a nossa condição para entrar é que você respeite nosso trabalho de infiltração no Partido dos Trabalhadores, que é uma organização anticomunista e precisa ser destruída.” Essa foi a declaração dele para... Aí os caras bateram palma, o MR-8 aceitou respeitar o trabalho dele

de infiltração no Partido dos Trabalhadores, que era uma organização anticomunista e precisava ser destruída. Desse jeito.

M.M. –

P.S. – O MR-8 era grande. A *Ode do Povo* era um jornal...

A. F. – Era muito bem aparelhado.

P.S. – Aqui em São Paulo, eles faziam misérias aí. (acorrentados) Só escândalo.

A. F. – *Superman*.

P.S. – Mas então... O () do PT começa aí. Por que começa aí? Porque aí, pela primeira vez, quatro pessoas disseram que eram a favor. E...

A. F. – Além de vocês, estavam o Amorim, que é de Osasco, esse companheiro dos petroquímicos de Caxias... Assim, em termos de categorias. Alguém dos metalúrgicos de São Paulo, o Arnaldo...

P.S. – O Sinésio... O Arnaldo Gonçalves. Arnaldo estava. Ah! Os petroleiros de Cubatão. Antonio, me parece, chamava. O Arnaldo era dos metalúrgicos da Cosipa, metalúrgicos de Cubatão.

A. F. – Do PCB.

P.S. – É, PCB. Também não saía da casa do Lula. A mulher dele tinha amizade com a Mariza. E tudo interessado. Danado. Os caras cercavam de tudo quanto é lado.

M.M. – Esses grupos de esquerda mais tradicionais, eles fizeram tudo para cooptar essa base.

P.S. – Num primeiro momento, para impedir. Cada vez que você dava um passo, aí eles inventavam uma outra tática para desviar, para cooptar. Eles tinham uma turma da cooptação, para levar para o projeto deles, e tinha uma turma que entrava no nosso para bagunçar.

A. F. – Você e o Lula, vocês têm um ponto forte de convergência. Você, até antes já, com essa ideia de um partido operário, e o Lula, que, inicialmente, rejeita a ideia de partido, depois acaba...

P.S. – Em dezembro, fizemos uma plenário desse Movimento pelo Partido Operário e dissolvemos, não tem mais razão de existir.

A. F. – De 78.

P.S. – Dezembro de 78.

M.M. – Por que não tem mais razão de existir?

P.S. – Porque surgiu o PT. É a mesma coisa, é a mesma proposta.

A. F. – Agora você mesmo comentou, falando do Paulo Vidal, que o Lula chocava a esquerda no início. E você, por outro lado, é uma pessoa que vem do trotskismo, digamos assim, no seu tempo, era identificado como extrema-esquerda...

P.S. – É. Eu, na verdade, vinha do stalinismo, que eu era da juventude... era assim, próximo da juventude, através do meu tio Lázaro.

M.M. – É, mas teve um percurso

(Falam todos ao mesmo tempo. Confuso)

A. F. – Quando () esse encontro, você e o Lula, o Lula assumindo o sindicato, você, praticamente, tinha assumido o sindicato antes () A tendência seria ter uma grande desconfiança.

P.S. – Olha, nós nos demos muito bem no início. Eu me lembro, as primeiras assembleias no Vila Euclides em 79, estava começando a campanha salarial, e me convocaram. Era um boletimzinho, coisica assim; toda assembleia, era um pequeno boletim, com no máximo dez linhas, vinha aquela multidão. Ele sentava... O Vila Euclides só tinha arquibancada de um lado, do outro lado tinha um morro, tinha uma favela. Quando a gente saía para lá, tinha uma favela assim. Eu ia cedo para o sindicato, todo dia de assembleia, nós saíamos andando, tomávamos uma cachaça no caminho, (tinha esse negócio) chegava no Vila Euclides, a gente subia o morro, sentava, bem antes do povo chegar, e a gente conversava. O Lula pegava a esferográfica e algumas coisas ele... Ele estava captando, conversando sobre o tema da conjuntura, da atualidade, sindical.

A. F. – Você nunca pensou aquele negócio, que o Lula era agente da CIA, que uma parte da esquerda levantava.

P.S. – Não. Eu já tinha uma certa janelinha para isso. Você cheirava isso de longe. Não tinha esse negócio. Eu acho esse cara muito (). Mas nem o cabo Anselmo, que chegou a ficar perto da gente, chegou a provocar a prisão de alguns trotskistas em Pernambuco, por

exemplo, nunca me iludi com esse cara. Não conhecia ele pessoalmente, mas, pelo que falavam, eu já... Aliás eu tinha uma certa desconfiança de todos aqueles militares. Aqueles sargentos. Esses caras, na verdade, estavam na esquerda por terem sido punidos. Pelo menos, a maioria. Tinha um ou outro que não. Geralmente... Onofre Pinto, todos esses, depois...que deram problema.

A. F. – Essa tua prisão, por exemplo, com a prisão desse companheiro que veio do Chile, é justamente o momento que tem uma série de episódios em função do Onofre.

P.S. – Isso. Exatamente. Eu acabei envolvido já com um negócio desse tipo. Então, imagina, eu sabia que o Lula não tinha nada a ver com isso. Aliás, conheci o irmão dele, frei Chico. E sempre achei que o Lula era mais talentoso e estava entendendo melhor do que o frei Chico. Porque o frei Chico tinha entrado organicamente para o PCB. E ele era muito subalterno ao PCB. Nunca foi um rebelde. Esteve em Teresópolis. Era um cumpridor de tarefas. Já o Lula era um oposto.

M.M. – É. O Lula tinha uma trajetória muito especial. Autônoma.

P.S. – Criativo. Olha, a capacidade de discurso do Lula, só conheço um cara igual, que foi aquele Antunes, lá de Volta Redonda, que passaram o caminhão na cabeça dele. Aquele cara também era um prodígio para falar. Eu fui lá ajudar a ele, várias vezes, na Siderúrgica e na Barbará, fazenda. O que esse cara tinha de comunicação, um negócio fantástico. E eu me interessei de ver esse cara trabalhar. Eu gostava do movimento sindical, tinha entrado por opção mesmo, imagina, você ver essas antologias vivas.

A. F. – Mas com essa reunião com Lula, que tem esses quadros, vocês começam o processo de organização do PT.

P.S. – Aí é que está. Não foi tão fácil assim, porque o segundo ato, no segundo ato, tinha uma plenária, naquela semana mesmo do dia 11, tinha uma plenária da Intersindical. A Intersindical tinha aprovado quatro bandeiras tipicamente sindicais: liberdade e autonomia sindical, direito de greve, fora o arrocho, aquele negócio, pela recuperação das perdas e a quarta também... Mas, todas sindicais, eminentemente. Todas corretas, que unificava e tal. Nós começamos a fazer plenárias intersindicais. Já com a ideia de fazer... Porque os patrões novos, Bardela, Mindlin, aqueles patrões mais modernos estavam lançando a ideia de fazer uma conferência nacional das classes produtoras. Eles se chamavam classes produtoras.

Assim mesmo. Aí nós já estávamos discutindo a ideia de fazer uma conferência nacional das classes trabalhadoras, no plural também. E esse movimento já se inseria nesse... mas muito timidamente, não falava ainda claramente porque a ditadura proibia essas coisas. Tanto que, depois, nós começamos a ir num Cebrade, numa organização carioca, Cebrade, não é? que o Oscar Niemeyer participava. Eles pagavam passagem para mim, para o Lula, para o Jacob e para o Cicote. Toda semana, nós pegamos a ponte-aérea, quarta-feira, tinha uma reunião do Cebrade, em Copacabana, no escritório do Oscar Niemeyer, assim, maravilhoso, janela para o mar assim... O Lula até tem uma frase interessante. Ele uma vez, esperando, na primeira vez, esperando, naquele lugar lindíssimo, chique *pra burro*, falou assim: “Olha, todo mundo que está aqui é comunista.” Falei: “É. Até de carteirinha.” Disse: “Assim, até eu sou comunista.” [risos] E eles estavam organizando para nós um show do primeiro de maio, se não me engano, se eu não estiver fazendo confusão, foi o show que houve a ameaça.

M.M. – Claro. O show que teve no Rio Centro.

P.S. – É. Da bomba lá, que estourou no colo do... E isso foi para financiar esse Movimento Intersindical rumo à conferência. Aí teve uma conferência intersindical, em maio de 79, em Graguatá, em Niterói. Aí foi importante. Um companheiro da minha diretoria, o Geraldo Santiago, ele era um peão a princípio, hoje ele é advogado do (Pacificado). Ele foi lá, pegou a tribuna e falou: “Companheiros do PCB! entrem para o PT.” Aí o jornal *Em Tempo* fez uma página. O *Em Tempo* era grandão naquela época. Fez uma página toda sobre Graguatá, destacando o discurso do Santiago.

A. F. – Só um detalhe. A partir do momento que você assume a presidência, você passa a ser liberado pelo teu sindicato?

P.S. – Então. Tinha um problema para o meu sindicato. Porque eu era supervisor, tinha um salário um pouco melhor do que a peãozada mesmo, e, quando eu ia ser liberado, o sindicato tinha dificuldade de pagar até o salário. A receita era muito pequena. Aí eu tive que pressionar a empresa para ela pagar uma parte. Mas ela não me queria. Aí, eu descobri que ela não me queria dentro da fábrica. Preferiam pagar fora. Então, cada vez que o sindicato entrava em crise, eu voltava, voltava para a Primícia e... como forma de pressão, e aí eles melhoravam a proposta, de meio a meio passava a sessenta, passava a setenta. Eu sei que terminou pagando inteirinho. Era uma vicissitude minha lá. Para você ter uma ideia. Para eu acompanhar o Lula, quando a gente virou uma espécie de direção itinerante do movimento

sindical... Todos os estados começaram a fazer greve a partir de 79. Em 78, não, foi só em São Paulo. Mas em 79, estourou por todo o país, principalmente o Sudeste, o Sul. E nos chamavam, porque não tinha direção à altura, o movimento era muito à frente das direções sindicais da época. Chamavam, ligavam às vezes para o Joaquinção, porque nós trabalhávamos muito bem com Joaquinção a parte sindical; na coisa intersindical, ele era muito solidário. Eu, por exemplo, quando estava com a folha de pagamento atrasada, levava um cheque lá no Joaquinção, falava: “Joaquim, desconta esse cheque.” – “Mas quando é que eu joga ele?” – “Ah, daqui a seis meses você joga o cheque. Aí já caiu o imposto sindical.” E ia tocando a vida do sindicato. Um cara assim. Eu, por exemplo, viajei várias vezes com passagem paga por ele. Ele, meio preguiçoso de viajar, para ir nesses lugares, não sei, não se sentia bem, também, estando ao lado do Lula e tal, ele sempre me bancava. Ou eu ou o Cicote. Quem estava mais em dificuldade e não podia viajar. Aí o Lula podia, que o sindicato era tranquilo, o Jacob podia porque o sindicato dele, apesar de mil e quinhentos trabalhadores, tinha uma receita...

M.M. – O sindicato tinha mais recursos.

A. F. – Mil e quinhentos sócios mas uma base imensa.

P.S. – Pô. Com média salarial de cinco mil reais. Aí dá mais, não é. Então ele tinha uma receita boa. O Enos não tinha problema também, mas não tinha muita vontade de viajar; viajou pouco com a gente. Era eu, Lula, Cicote e Jacob, basicamente, para lá, para cá. E eu não agüentava. Meu sindicato não tinha perna para isso. Eu me lembro, uma vez, até o Lula... foi a primeira vez que ele me acusou de alguma coisa. Eu tive uma discussão séria lá no Joaquim, se devíamos ou não ir na greve da construção civil de Belo Horizonte. Estava estourando e... Eles saíam em passeata, o comércio fechava as portas, de medo. Era só peão de obra, aquele pessoal corajoso, tudo. O que é que aconteceu? Eu defendi, arduamente, para ir. Não, tem que ir, Lula. Já está no terceiro dia, os caras estão perdidos, eles não fazem assembleia, não têm pauta de reivindicação, não sei o quê. Eu defendi tanto... Só que eu sabia, eu não tinha um tostão para viajar, eu já tinha estourado tudo que os meus... crédito nas companhias aéreas, tudo, eu já tinha estourado os créditos do meu sindicato. O que aconteceu? Porque, se eu falasse que não ia, eles não iam. Aí eu... incentivei e... Marquei no aeroporto. Chegou na hora, eu não aparecia, eles tiveram que embarcar. Eles estavam com o bilhete, não é. Eu não fui, eles foram. Aí foi tudo certo, foi um sucesso. Chegou lá, fez

assembleia no campo do Atlético. Salvou a vida do pelego lá. O povo queria linchar ele. Ele tinha sumido. Começou a greve, ele fugiu, deixou o sindicato, deixou o sindicato de fora. Voltou o Lula consagrado em Belo Horizonte, os jornais todos falando, tudo muito positivo. Imagine, tudo tinha sido um acerto. Mas o Lula, depois, o Wagner Benevides me conta, o Lula reclamou: “Paulo bota fogo na gente para viajar e depois ele falta!” Eu sabia que eu não podia pagar, eu estava estourado.

M.M. – Paulo, dentro desse clima, dessas greves todas de 78 e 79, em maio de 79 já se redige uma carta do PT e você seria...

P.S. – Esse é o primeiro documento público que o PT soltou. Essa carta, nós começamos a discutir logo em fevereiro, na primeira reunião do movimento pelo PT em São Bernardo, na sala do Lula, com a presença do... como é que chamava? Benedito Marcílio. E o Lula traz...

A. F. – Que era o presidente dos metalúrgicos de Santo André.

P.S. – Santo André. O Enos já estava a favor, desde do 19 de janeiro ele tinha aderido. Aí o Lula... Quando eu chego, cheguei mais cedo que os outros, o Lula, antes de eu entrar na sala dele, disse: “Paulo” – me chamou de lado – “Tem algum problema de trazer os companheiros da Convergência que trabalham lá na assessoria do Marcílio para a nossa reunião?” Falei: “Não. Não tem problema. Se ele está vindo como convidado pelo Marcílio e por você, está bom.” Aí eles participaram, dois dirigentes nacionais da Convergência, que faziam assessoria para o mandato e para o sindicato do Marcílio. Marcílio tinha acabado de ser eleito deputado federal pelo MDB. E eles faziam assessoria para o sindicato e para o mandato.

A. F. – Você lembra quem eram?

P.S. – Eu sei que é... As figuras deles. Um é o Romildo – Raposo, parece, e o outro é um alemão, qualquer hora eu lembro o nome dele. Alemão assim, louro, magrelo. Que era da direção nacional da Convergência. Eu tinha ajudado, no exílio, dei umas aulas de marxismo entre aspas para eles, lá em Buenos Aires, para ganhar meu ganha-pão. Um tal de Moreno lá, do grupo do PSD lá da Argentina, eu ia sempre na biblioteca deles, ficava babando. Eles tinham uma biblioteca e um restaurante do partido deles. Eu estava abrigado no outro lá, do Fábio. Mas eu ia lá, ficava babando naquelas edições Bruma; ele tinha uma editora,

publicando os escritos inéditos do Trotsky, da Rosa Luxemburgo, do Lafarke, do não sei quem. Essas coisas que eu nunca tinha visto. Eu ficava namorando. E lendo, não é, ficava em pé, lendo. Não tinha dinheiro para comprar. Aí uma hora um militante cutucou as minhas costas: “Moreno quer falar com você.” Eu fui lá. “É o seguinte. Se você me ajudar a bolchevizar – desse jeito – esses companheiros brasileiros que estão aqui refugiados, que vieram do Chile, que são do MR-8, eu te dou o vale do almoço para o mês todo.” Aí eu topei, não é. Cheguei lá, eles estavam discutindo um texto. E era esse pessoal da Convergência, o Eduardo, aquela menina... esqueci o nome, e tinha um gaúcho também e tinha essa menina do Rio de Janeiro. Eles estavam com um documento, eles chamava o governo brasileiro de fascista. Então eu me lembro que um dos destaques foi: vem cá, por mais que a gente xingasse de fascista, na hora de conceituar, não conceituávamos como fascista. Meu papel era de professor, não é, eu tinha que... com os meninos, não é, que mais tarde viriam a ser da Convergência.

A. F. – Já na reunião com o Lula, eles vieram como marxistas.

P.S. – É. Por isso que... Eu fui jogado no fogo, não é. Você falou da teoria. Eu tinha que estudar, não é, para ir lá, para chegar lá e...

A. F. – E a esquerda Argentina, em geral, sempre foi muito culta.

P.S. – Eu senti um impacto assim da... Porque os caras tinham um preparo teórico muito grande. Liam e tudo, sabiam de tudo, tinham uma erudição enorme. E a gente... Descobri coisas lá que eu nunca tinha visto. Tinha um tal de Messíades Peña, um historiador trotskista também, impressionante o que ele escrevia. Ajudava a entender a história do Brasil, a moderna, o povo. Era diferente do caso da Argentina, bem diferente; mas tinha conexões, dá para você entender atritos de alianças, você entender o sul do país, uma série de coisas. Bem interessante.

M.M. – Bom. Vamos voltar. Senão a gente não consegue avançar.

A. F. – Em 79, num segundo momento é essa coisa do...

P.S. – Aí é o seguinte, começamos a nos reunir, os pró PT. Aí, não era o movimento ainda, formalizado, mas, entre nós era, o movimento do PT. Até o pessoal dizia: aqui já é o PT? Não. Aqui é um movimento pelo PT. Aí fomos nessa primeira reunião, ficou aprovado por consenso que nós íamos tirar um documento básico, para que a sociedade, enfim,

soubesse o que é essa história do PT. Todo mundo já está falando. Tinha que dar uma cara, tinha que dar conteúdo. Então ficou tirado de fazer uma carta de princípios. E na reunião seguinte, na sala do Lula, a mesma coisa, a Convergência trouxe um texto, eu trouxe outro, proposta de carta de princípios. A da Convergência era uma proposta de leigo. Esse é o problema. Era fundar a CUT e o PT num congresso sindical. Então, na medida em que o trabalhador ficasse sócio do sindicato, ele filiou-se ao partido. Aí eu... era a vantagem de ser sindicalista, você star na coisa e tal, eu joguei pesado contra a Convergência nessa reunião, porque eu achava que era um equívoco, eles não tinham entendido a história do POS. Eu sabia que eles estavam falando nisso. Eu falei: “Olha, companheiros, o partido que nós temos criar é o partido clássico, de adesões individuais. Não é esse negócio de partido sindical.

M.M. – Obrigação. Condicionada a filiação sindical.

P.S. – É. Por quê? É a estrutura nossa. Nosso sindicato é um sindicato atrelado ao Estado, é um sindicato...

M.M. – Claro. Controlado pelo Ministério do Trabalho.

P.S. – É. Vocês não criam um partido operário juntando sindicato, no Brasil. Na Inglaterra é diferente. Você está juntando...

M.M. – A adesão ao sindicato é um ato de vontade deliberada.

P.S. – Isso. É um grau de consciência de classe que está ali, assumindo ali. Eu digo, não pode ser desse tipo. Essa discussão rolou e houve a votação, naquela reunião mesmo, e aí a proposta da Convergência foi descartada. Aí que houve a discussão da estrela e punho, nessa reunião, houve a reunião da estrela e do punho cerrado. O punho cerrado foi descartado. Era a proposta da Convergência. Aliás, eles eram muito cara de pau porque era o símbolo deles. O jornal *Versus* trazia...

M.M. – É. Eu me lembro.

P.S. – Era o símbolo deles. Eles trouxeram como proposta do PT. Aí eu trouxe a estrela. A única diferença...

M.M. – Quem trouxe a estrela?

P.S. – Eu trouxe a estrela. A estrela, a única diferença é que as letras não eram separadas, então, (desenha) *aqui* o P e o T...

M.M. – Ficava junto.

P.S. – É. Mas num plano diferente. Mais ou menos assim. (desenha). Era a única diferença, daquela reunião.

M.M. – E por que você pensou na estrela?

P.S. – Bom. É um símbolo do movimento operário tradicional, não é. E as siglas, como eu disse para você, eu nunca gostei de siglas, até ir para a Argentina. Mas aí eu vi o poder que tinha, como uma sigla podia significar...

M.M. – Ter um caráter mobilizador.

P.S. – Aí eu... Era a minha JP. E o vermelho, óbvio. Nunca se cogitou de ser são-paulino ou coisa do tipo, não. Aliás, eu era são-paulino mas evitava porque, ao contrário... dizem que... A maioria era corinthiana. O Lula, começando, era corinthiano. No ambiente sindical, evidente. Depois, mudou isso. Houve uma época que a gente era acusado de... o PT não vai dar certo porque só tem mãos calejadas, só tem macacão; aí diziam: o PT não vai dar certo porque agora só tem estudante, só tem classe média. As críticas eram sempre assim.

M.M. – Eu acho que na verdade... Quer dizer, eu sou do Rio e me filiei ao PT logo no primeiro momento. Mas em 80, com aquela movimentação de que tinha que ter um número de filiados para ter registro, depois, no Brasil...

P.S. – Conheceu a Rosalice?

M.M. – Conheci.

P.S. – Rosalice era um *barato*.

M.M. – É. Mas... Enfim. Então era uma coisa de... O empate com as outras correntes, do MR-8, do PCB, e depois, quando chega o Brizola então, aí é uma loucura.

P.S. – Nossa. É. O Brizola resolve ir para o Rio.

M.M. – Porque, no Rio, nós ainda tínhamos a história do PDT, da eleição de Brizola.

P.S. – Já era complicado. Porque a gente não conseguia ir para a Zona Norte, a gente acabava tentando fazer o PT na Zona Sul, no Centro, e era barrado pelo 8, porque o 8 tinha contato com a Zona Norte mas... Eu tenho uma foto aqui, quer dizer, foto que saiu no jornal, eu não tenho a foto, de um dia terrível que nós passamos. Eu e o Lula fomos lançar o PT no

Rio. Lançamos o PT num cinema em Madureira. Foi uma beleza. De manhã. A gente saiu tarde, desgastado, e tinha ido para Nova Iguaçu, numa igreja. Chega em Nova Iguaçu, tinha dois grupos de esquerda. Nós não sabíamos. Depois, conforme a gente foi ficando ali, foi percebendo que havia alguma manobra. Era para... O público foi para ouvir os sindicalistas falar do PT. E eles não deixavam a gente falar. Inscreveram trinta e tantas pessoas, todos falando a mesma coisa. Eram pessoas do 8 e tinha um grupo do ultra-esquerda...

M.M. – Ah, isso, o 8 era mestre nisso.

P.S. – E tinha um grupo da Baixada. Diziam para nós: aqui não é um grupo só, – eles falavam – tem um grupo guevarista. E era um atrás do outro. Tudo garoto. Falavam contra, contra, contra. Trinta intervenções contra o PT e nem uma... Só nós que íamos falar do PT, porque ele estava no comecinho, não dava para ninguém mais falar do PT. E aparece a foto assim: um crucifixo atrás, eu e o Lula num banco, e o Lula assim, cabeça abaixada, e eu *assim*. Mas uma foto terrível. Acho que estava na trigésima intervenção do MR-8, metendo o pau...

M.M. – Todo mundo já querendo ir embora, o público que veio assistir ...

P.S. – É. Foi o público que exigiu, mandou eles pararem. Lá pela trigésima, eles: “Escuta, e o sindicalista? E o Lula, não vai falar?” Aí pararam. E à noite, nós fomos lançar o PT em Volta Redonda, e a Rosalice convoca no estádio. Só que vai quinhentas pessoas. Estava começando, não é. Então ficou aquele caminhão de palanque, dentro do estádio de futebol, virado para uma plateiazinha; o resto do estádio, vazio. Quinhentas pessoas. Se fosse num clube, se fosse num recinto fechado, ficava aquele calor. Agora você imagina ali, à noite, numa noite linda, enluarada e estrelada, e você ali, no estádio, falando para quinhentas pessoas, mas parecia um pinguinho de gente.

M.M. – E a outra etapa importante, então, já vai ser em outubro de 79.

P.S. – É. Antes tem julho. Uma outra coisa importante. Então, primeiro de maio, nós lançamos a carta de princípios. Para chegar na carta de princípios, viajamos o Brasil inteiro discutindo. Por exemplo, lá no Rio Grande do Sul, nós discutimos com mais de cinquenta sindicatos, presidentes de sindicato; em Belo Horizonte, outro tanto. Era ler a carta de princípio, todo mundo com ela na mão e discutindo ponto por ponto, vírgula por vírgula, etc., saía de lá aprovada. Ia para outro estado. Mais ou menos uns duzentos e tantos presidentes

de sindicato discutiram a carta de princípios. Depois, quantos ficaram no PT, foram muito poucos; mas eles faziam questão de aparecer. O Lula chegava, tinha uma comitiva, às vezes, os piores pelegos. Foi o que aconteceu em julho. Em maio de 79 nós lançamos a carta de princípios; na véspera, nós demos para a imprensa. Só que houve um incidente aí grave, onde a Convergência nunca mais participou do PT. A Convergência só ia atrapalhar. Ia lá, não se conformava de não ter passado aquela proposta dela, eles ficavam jogando pedrinha o tempo todo, e o alvo era eu, eu não deixei eles enganar os sindicalistas. Era assim que eles viam a coisa. Aí, o que é que aconteceu? Para dar uma tarefa à Convergência... Nós tínhamos mimeógrafo à tinta. Os parques gráficos dos sindicatos, os melhores, era mimeógrafo à tinta, aqueles elétricos. Esses os que tinham melhores, e a Convergência tinha impressoras para jornais. Digo: “Olha, escuta, está na hora de vocês assumirem uma parte. A carta de princípios está pronta, nós queremos fazer uns caderninhos.” Era para fazer metade *disso aqui*. Demos o modelo, desenhamos. “Queremos que vocês façam a carta de princípios do Partido dos Trabalhadores”. Eles levam, e não sai, não sai. Primeiro de maio, se não me engano, era numa terça-feira. Chega na sexta, aí eles telefonam, à noite: “Paulo, está pronto. Pode vir aqui.” Na Alfonso Pauvert, onde eles tinham uma oficina. Quando eu chego lá, cadê os caderninhos? Eles tinham impresso o jornal *Versus* e como suplemento, encarte, a carta de princípios do PT; e ainda com expediente do *Versus*. Editora sei lá o quê. Eu falei: “Olha, eu estou vetando. Não pode ser distribuído isso aqui.” “Mas está aqui. Nós vamos perder o nosso jornal.” “Perde o jornal. Se vocês não quiserem romper conosco, não vão distribuir isso aqui. Salvo melhor entendimento. Estou indo para Osasco – tinha uma reunião em Osasco – estou indo para Osasco para a gente avaliar. Me dá um número aqui.” Aí peguei o número, disse: “Olha, o único que está fora desse lugar. Esse, eu me responsabilizo.” Levamos para Osasco. Chega lá, os outros companheiros ficaram desesperados. Não dava mais tempo para mandar imprimir numa editora nem nada. E a gente morrendo de medo de a Convergência distribuir aquela porcaria, porque daí ia parecer que eles tinham a ver com aquilo. Eles que tinham perdido a discussão, a proposta não era a deles.

M.M. – Eles, na verdade, estavam se apropriando.

P.S. – É. Estavam se apropriando, é. Puta! Aí os companheiros me apoiaram. Ficou proibido distribuir. Levei um cara da Convergência, o Júlio Tavares, na época, “Júlio, se distribuir, vai ser um incidente gravíssimo. Não pode vazar um número daquilo. Queremos

ver distribuído, inclusive. Nós vamos acompanhar.” Bom. E aí? Aí, não tem jeito. Você tem que pegar sua impressora... Aí pegou o mimeógrafo... Até, o cara que rodou chamava-se Karl Marx. Era o assessor dele, um barbudinho. Ficou lá a madrugada toda, até domingo, rodando. Rodamos dez mil cartas de princípios. Mimeografada. Jacob estava indo para Fortaleza, ia lançar a carta de princípios no primeiro de maio em Mecejana. Nós mandamos um companheiro levar para o Olívio umas duzentas cartas. Jacob levou umas duzentas. E fomos levando assim, para as capitais, Belo Horizonte, o Wagner, e o restante ia ser distribuído no primeiro de maio em São Bernardo. Aí, segunda-feira, chamamos uma reunião – nós tínhamos uma intersindical – no Magri, nos eletricitários. Acabou a intersindical, nós falamos com a imprensa. A imprensa estava lá dando cobertura. “Quem estiver interessado em conhecer a carta de princípios, o primeiro documento do PT, nós temos uma outra entrevista na sala tal.” Aí eu, o Lula, o Jacob, aí demos...

A. F. – E aí, em São Paulo, continuavam os mesmos. Ou tinha aderido mais alguém dos sindicalistas?

P.S. – Não. Até agora, não tinha contornos organizativos. Era um grupo de sindicalistas... Nós éramos do PT. Mas não tinha definido ainda quem mais, como fazia para entrar.

A. F. – O único que no primeiro momento foi contra e depois apoiou era o Enos.

P.S. – Isso. Exatamente.

A. F. – No mais eram São Bernardo, Santo André, você e o Jacob.

P.S. – E o Wagner em Minas e o Olívio em Porto Alegre. É claro que aí, um monte de gente escrevendo, aparecia gente andando a pé, de longa distância, vinha para os sindicatos nossos, para perguntar, para querer saber, para entrar. Nós estávamos pressionados pelo pessoal que queria fazer parte. E a gente não tinha dito como é que faz parte. Na carta de princípios, a gente diz: formem núcleos de militantes e comuniquem. Alguma coisa assim. Formem, por todo o país. A nossa fórmula era essa.

M.M. – E em maio?

P.S. – Aí em julho, o que é que aconteceu em julho? O Wagner... O Lula estava em Pernambuco. Depois que ele teve aquele rolo todo, pegar o sindicato de volta e tal, ele tirou

uns trinta dias, foi para Garanhuns, foi lá para a terrinha dele. Foi quando chega o famoso Arrais. O Lula foi participar, sessenta mil pessoas, etc. Logo que ele volta, tinha uma animosidade muito grande ali. Um pessoal que estava inconformado, um pessoal da base do Lula, um pessoal bom, de vanguarda das fábricas, porque ele tinha pego o sindicato de volta, não tinha tido o aumento, não retomou a greve. Aqueles questionamentos. No final da greve de 79. O Lula estava muito fora de ação no movimento pelo PT, nesse momento. Ele mesmo falava para nós. “Vocês toquem aí. Só me deixem a par. Só me comunica. Porque eu não estou podendo porque eu estou com um monte de problema no sindicato.” E o Wagner então, junto conosco, marcou, em Contagem, na sub-sede dos metalúrgicos de Contagem, que ele tinha conseguido junto com um pelego lá, (era o Joaquinção deles lá) João não sei das quantas, era um famoso pelego lá, o local. Local histórico, da greve de abril da Belgo, aquela coisa toda, então, vinha a calhar. Mário Pedrosa foi, Olívio foi, eu, o Jacob. Só o Lula é que não foi. E esse Clóvis Rossi já era um saco para agüentar. Ele sempre foi contra o PT. A idéia, ainda era uma idéia, era um movimento informal, ele já era contra. Ele trabalhava no jornal *A República*, que tinha sido lançado pela editora da *Isto é*, Editora Três, um negócio assim. A proposta era de um jornal de vanguarda; mas no final o jornal ficou... com a composição, principalmente com o Clóvis Rossi atacando o PT no momento que ele era a grande coisa que estava acontecendo no Brasil, e ele contra, imagina que caráter esse jornal tomou. E ele foi, para dar cobertura. Ele, lá, ele questionava: “Cadê o Lula? Estou sabendo que o Lula rompeu com o PT.” Ele... fazendo a sua parte. Aí o Lula ligou, mandou uma mensagem para transmitir para o plenário. Estava lotado. Tinha oitocentas pessoas. Não cabe mais do que isso. Foi uma reunião muito boa, muito interessante. Só que aí ele queimou a gente, ele publicou que nós estávamos aguardando vinte e cinco mil. Na verdade, o Wagner tinha distribuído vinte e cinco mil convocatórias. Eles faziam essas confusões propositais, etc.. Mas foi a primeira vez que houve uma reunião pública de quem era do PT com o público que queria conhecer. Nós fazíamos reuniões pequenas, com sindicalistas assim, dezena de companheiros, mas não fazíamos ainda assim, com convite.

M.M. – E essa reunião foi em Minas.

P.S. – Em Minas. Na sub-sede... Até, quando... a comemoração dos vinte e cinco anos do () marcada para Belo Horizonte, eu fiquei pensando que talvez tivesse a ver com isso. Aí houve a grande ofensiva do MR-8 contra o PT. Entre essa reunião de Minas, que

assustou demais, e o 13 de outubro, no restaurante, aí houve uma ofensiva terrível desses setores. PCB, MR-8. E pior que eles estavam... trabalhando junto com o Fernando Henrique. Almino era considerado militante deles até, naquela época. O Almino quando chegou, Lula recebeu-o muito fraternalmente. Porque para nós do movimento sindical, você ter um ministro do Trabalho, Almino tinha sido ministro do Trabalho, de esquerda, exilado, e você está recebendo, está trazendo (), era uma coisa muito especial. E o Almino, aquele vozeirão dele, aquele português castiço, aquele negócio todo, ele impressionava muito no começo. Lula ficou encantado com Almino. E o Almino convenceu o Lula a fazer a reunião do Pampas Hotel. Agosto. A reunião tripartite, famosa reunião tripartite do Pampas Hotel. O sindicato bancou. Então tinha quarenta e um presidentes de sindicato, sessenta e sete intelectuais – aí, intelectuais, estava Fernando Henrique, Serra, Weffort – e cento e quinze políticos com mandatos. A maioria era vereador e deputado estadual. Tinha alguns deputados federais e tinha um senador. Do Rio. Estava o Lysâneas Maciel. Ficamos espantados de saber que ele era evangélico porque, na época, não tinha essa moda ainda. Ele era evangélico à moda antiga. E foi interessante porque... aí nós sentimos que o Lula estava conosco. Porque essas intrigas do Clóvis chegavam até nos abalar, porque a gente, às vezes, ficava semanas sem se ver. E a gente tocava o PT. E ele estava de licença do PT nesse período. De repente ele chama uma reunião para discutir reorganização partidária – não era o PT – reorganização partidária, formação de novos partidos, uma coisa assim, vaga. Na verdade era o primeiro confronto entre a proposta do PPDS – Partido Popular Democrático Socialista, que era a proposta do Fernando Henrique... era o Fernando Henrique, o José Álvaro Moisés e participavam vários militantes do MR-8, inclusive metalúrgicos. Notórios, também, participavam, inclusive na coordenação desse PPDS. Eu, por exemplo, fui representar o PT, eu e o Augusto Campos, mas Augusto não ficou, foi embora, na primeira reunião do PPDS, que foi em junho de 79, no Boulevard Augusto Hotel; e aí eu vi quem estava com eles. Eu era o único PT. Era o PMDB, era o que virou o PMDB depois. Só que com a presença forte do MR-8. E aí... Essa primeira reunião foi tentativa de cooptação. Só que Fernando Henrique esqueceu de... Eles ampliaram demais os convites. Então, veja, uma boa parte dos parlamentares, principalmente dos outros estados, que não estava na discussão deles, foi a favor da nossa tese. O que é que nós fizemos nessa reunião, para não ser (político)? Porque nossos contornos eram...

A. F. –Indefinidos.

P.S. – Indefinidos. E eles já tinham contorno. E eles queriam que nós entrássemos para o PPDS, que era o MDB. Na época, só tinha MDB e Arena. Aí, o que é que nós fizemos? Ficamos... Dissemos o seguinte: Vamos caminhar paralelamente. Vocês estão dizendo que a proposta é a mesma... Porque essa era a pregação do Fernando Henrique: é a mesma proposta, é a mesma – Fernando Henrique batendo o tempo todo, para o Alemãozinho, para o Osmar. E nós dizíamos não, é outra coisa. É diferente. A nossa não é... por exemplo, não tem liberais, não tem conservadores, não vem da tradição do MDB, vem pegando outras vertentes, também, é claro, a tendência popular, nós gostaríamos que tivesse...

M.M. – Claro. Mas era uma coisa bem apoiada, fundamentalmente, nas lideranças sindicais.

P.S. – Sindicais. A iniciativa é da classe trabalhadora.

M.M. – Essa outra proposta era uma proposta em que vocês ficariam um pouco subordinados a lideranças político-partidárias.

P.S. – Então. Mas se você respondesse que era um partido operário, o seu é burguês, por exemplo, eles já iam dizer: está vendo? Isso não vai dar certo, vocês não têm universalidade. Era sempre a crítica deles. Então você já tinha que responder com mais...um grau de detalhamento maior ainda. – Mas vamos fazer o seguinte. Se for, não há como não nos encontrarmos mais adiante. Mas nos deixa trabalhar separados nesse momento. – Esse que era o nosso... nossa posição. Eu, o Jacob. O Lula, no começo, estava assim... a gente não sabia qual era a dele. Ele estava presidindo. Ele presidiu. Uma hora, por exemplo, eu fiquei até orgulhoso do Enos Amorim, porque o Enos fez um belo discurso, nesse sentido que eu estou te falando. Ele foi muito feliz. Encontrou as palavras certas, os argumentos certos. E eu me lembro que o Enos, ele era manco de uma perna, o Lula, até fez uma malvadeza, deu um chute por baixo dele, na perna dele assim. Ele estava presidindo, o Enos falando na frente assim. Umas brincadeiras meio brutas. Deu um chute nele assim. Quase caiu. Mas o Lula ajudou muito a gente porque não deixava esse cara de Caxias, que era do 8, falar. Fez uma manobra... Ele jogava para o último sempre.

M.M. – Ele tomava conta da mesa.

P.S. – É. Terminou os dois dias de reunião, terminou os dois dias, não conseguiu, não chegou a vez dele. O Lula botava sempre... não, tem parlamentar na frente, tem não sei quem,

tem que falar... eles estão em maior número, falavam dois parlamentares, falava um sindicalista. Eu sei que ele foi enrolando e o... Não houve um sindicalista que falou contra o PT, porque ele não deixou esse Negão falar. E teve deputados que vieram nos ajudar. Eu me lembro do Raimundo... Aquele que foi ministro da Justiça, lá de Pernambuco. Ele foi enfático, ele disse: “Não, espera aí, os companheiros sindicalistas têm razão. Deixa eles caminhar com as próprias pernas. Olha, a História é implacável. – ele falou – Se for a mesma proposta, não há quem segura a unificação desses dois movimentos.” Quer dizer, aí, no final, depois de uma brigalhada, não houve acordo, Fernando Henrique vai lá e faz uma proposta: “Eu quero propor aqui a constituição de um comitê de enlace entre as duas propostas”. E eu já estava queimado demais, já tinha falado, já tinha me esgoelado, falei: “Jacob, o que é que você acha disso? Eles perderam a reunião, agora vão querer amarrar a favor deles.” Jacob falou: “Enlace? O que é que é? Enlace não é casamento?” “É casamento enlace.” “Tá bom.” “Então vai lá.” Ele foi lá. “Olha, na minha conta, o nome não pode ser esse, porque nós estivemos aqui dois dias, brigando o tempo todo, não houve convergência alguma. Uma suposta convergência, que o tempo vai dizer, isso que foi tirado aqui. Então não teve enlace. Enlace é casamento. Não teve casamento. Se vocês quiserem continuar, nós podemos fazer uma comissão para organizar um novo debate desse.” Aí passou a proposta dele. Fernando Henrique perdeu. Só que aí ele quis dar o caráter de enlace, depois, a essa comissão. Aí marcou uma reunião no escritório dele, nos Jardins. Fernando Henrique. Para tentar continuar a reunião do Pampas Hotel por outras formas, marcando a reunião no escritório dele. E o Jacob e o Chicote ficaram desesperados. Eles passavam pelo meu sindicato... assim, ia ter a reunião às três da tarde, eles passaram às duas e meia: “Paulo, você não vai faltar. Você não pode faltar.” Eu disse: “Não. Que nós estamos ferrados.” Eles fizeram um negócio, que eles ficaram em maioria. Eles puseram representante de São Paulo, entre os intelectuais, deputados de São Paulo, alguns só, um ou dois, de fora, quer dizer que eles acabaram tendo, teoricamente, uma maioria na comissão. E a gente ia... Eu me queimei muito, nessa fase, porque eu era obrigado a contestar Almino, Fernando Henrique, que eu vi que tinha uma imagem diferente deles, da que tem hoje, para nós. E eles me acusavam assim, duramente: “Você é muito bolchevique”. Na reunião, assim, na frente dos companheiros sindicalistas. Era duro, não é, porque os caras não sabiam... Que diabo de bolchevique, que história é essa?

M.M. – Esse ano de 79 é o ano da volta dos exilados. E esse impacto de todas essas grandes lideranças, desse passado...

P.S. – Nós lutamos tanto pela anistia, para a volta deles.

M.M. – E quando eles vieram, a volta deles vai ter um impacto enorme e um balde de água fria em cima do PT.

P.S. – Enorme. Lula falava: “Paulo, eu não consigo falar contra o Brizola. Fala você.” Várias vezes, sabe. Parece que chegava perto... A chegada do Brizola em São Borja, vinha recebido nos braços do povo e tal. E ele...

A. F. – Não passou por Porto Alegre porque tinha ().

P.S. – É. E ele falava: “Precisa radicalizar com o Brizola, senão vão achar o que nós estamos fazendo é preparando para ele vir assumir, ser presidente do nosso partido.” Aí eu pegava e falava das coisas, do imposto sindical, daquelas heranças do Estado Novo, da ditadura. “Nossa proposta não tem nada a ver com isso. Não é esse trabalhismo patronal”, não sei o quê. Radicalizava. O Lula falava: Você fala bem contra o Brizola. Mete o pau nele.” Se você pegar os jornais desse período, é diariamente, essa polêmica está nos jornais diariamente. Aí tem uma nova tentativa. Aí vem a foto, aquela do Sion, da sala de aula, onde está o Fernando Henrique. Aí, ao invés de ser a proposta do Fernando Henrique, aí vem a Tendência Popular; mas que estava... naquele momento, ganha para o projeto do MDB sem sucedâneo... sem adesista, o sucedâneo do MDB, sem adesista, o Geraldinho apareceu, da noite para o dia, com uma proposta do PP – Partido Popular. Geraldinho. Era o nosso deputado estadual, assim, a esquerda tinha ajudado a elegê-lo; junto com ele, Airton Soares...

A. F. – Ele era filiado à AP, o Geraldinho.

P.S. – Isso. Airton Soares, Marco Aurélio Ribeiro, Bretas, João Batista Bretas. E marcaram, no Sion, um debate: PP versus PT. Esse...

M.M. – PP?

P.S. – PP. Partido Popular.

M.M. – Mas quem está articulando o PP era Tancredo, Chagas Freitas...

P.S. – Não. Depois, Olavo Setúbal... Não. Mas esse PP era outro. Havia uma coincidência. Antes do outro.

A. F. – 79 ainda.

P.S. – É, isso. 79. Logo em seguida ao do Pampas. Logo em seguida. Ainda em agosto, começo de setembro teve... Agosto. A primeira reunião...

A. F. –Essa reunião do Sion, aquela das fotos, eram três propostas diferentes, naquele momento...

P.S. – Isso. Só que Fernando Henrique ficou quieto. Ele não fez a do PPDS, ele fez como se ele fosse PT também. Porque ele não queria perder. Ele sentiu que ia perder na Tendência Popular; que eles estavam se sentindo atraídos. Então ele foi para segurar. Mário Pedrosa foi, nós almoçamos ali perto, foi um negócio muito *legal* ali. Eu almocei com Geraldinho Siqueira, o Mário Pedrosa... O clima era muito bom. A gente sentiu que nós estávamos ganhando. Mas que eles não estavam ganhando. (Estava longe do PP). Porque eles tinham... a AP tinha divisões internas, estava uma luta interna terrível. E aí, finalmente, puxa vida! Aí nós estamos sentindo firmeza, o Lula estava de volta nas reuniões do PT, que tinha acabado aquela licença, aquela crise da ida a Pernambuco, e marcamos, consensualmente, uma reunião para organizar o PT. Organizar mesmo, oficializar o movimento pró PT.

M.M. – É a reunião de outubro, então.

P.S. – 13 de outubro. Aí o Lula providencia o restaurante, o salão. Tem um salão o restaurante, famoso lá, do frango com polenta. Convocamos todos os estados onde tinha contato. O Lula convocava... o PCB, MR-8, tudo que ele conhecia, ele não queria nem saber, que ele sempre acreditou em todas. A gente é que, já tinha experiência naquilo, tinha medo de convocar figurinhas carimbadas. O cara que era dirigente do PCB foi convocado. Sabia que não ia ganhar. Mas ele acreditava. E às vezes dava certo. Foi a primeira reunião nacional. Aí ficou claro os (). Aí foram aprovados três textos, na reunião. Então, quer dizer, o primeiro documento tinha sido a carta de princípios. Só na reunião de outubro, foram aprovados três: uma declaração política, uma plataforma de lutas e... e aí, o principal documento, porque vai jogar um papel fundamental na organização, que é normas transitórias de funcionamento. Essas normas transitórias de funcionamento define como é pertencer ao movimento pelo PT. Primeiro, formaliza a existência do movimento pelo PT, elege uma direção, coordenação nacional provisória, *comissão* nacional provisória, e estabelece as regras de pertencimento. Quer dizer, o núcleo, núcleo de militantes, terá que ter um número mínimo de 21 militantes, tem que ter um local, sede pública, tem que ser aberto, tem que fazer as convocações públicas, e, evidente, tem que estar cadastrado junto à comissão

nacional provisória. E aí detonamos um processo de legalização. Aí, na reunião de 13 de outubro de 79, decidimos realizar um encontro nacional ainda mais representativo, o máximo que a gente conseguisse. Por exemplo, no 13 de outubro de 79, participou o Weffort, mas não como petista. Ele estava sendo ganho. Eu visitava ele toda saída no CEDEC, em frente à PUC, tomando cerveja com ele. Ele e o Chico de Oliveira. O Chico de Oliveira... Quer dizer, eu sabia da importância de rachar a intelectualidade, porque o Fernando Henrique estava levando todo mundo. Só o Antônio Cândido mesmo, não tinha conseguido levar. E o Mário, lá no Rio. Mas aqui em São Paulo, em torno do Cebrape, do Cedec, ele estava arregimentando. E aí a gente começava a trabalhar o pernambuquismo do Chico de Oliveira. “Chico, cara, você precisa conhecer, é da tua terra...” Era o Lula. “Vou levar você lá.” Ele foi, ele voltou encantado. Aí precisava rachar o Cebrape. O Cedec foi mais fácil porque nós pegamos o Weffort de 68 contra o Weffort daquele momento. O Weffort daquele momento era vassalo do príncipe Fernando Henrique. Completamente. E a gente começou: mas cara, você que escreveu isso aqui, cara; olha aqui, autonomia dos sindicatos. Cara, nunca teve uma contribuição dessa e tal. Nós somos teus alunos. Você está caindo fora agora. Nós vamos fazer uma proposta de partido, você está indo embora para o MDB, etc. etc.. Eu sei que nós batemos nele, no Moisés. Uma pessoa que ajudou a gente foi o Cláudio Abramo. Ele era muito amigo do Mário Pedrosa. Mário quando vinha em São Paulo, nós não tínhamos casas confortáveis para receber um companheiro que estava... um pouco caquético já, estava, não é. Cabeça boa, mas ele tinha dificuldade até de falar, falava baixinho e tudo. E a gente tinha o maior cuidado. Pegava ele no aeroporto de carro, levava para uma casa confortável. Para ele agüentar o tranco, porque era difícil para ele. Ele estava esclerosado fisicamente. E ele ficava na casa do Cláudio Abramo. Cláudio Abramo não era PT, nunca foi, mas era de uma gentileza, de uma amabilidade... Nós alugávamos a casa dele, porque ele, recebendo o Mário, era obrigado a nos receber. Eu não saía de lá. Ficava lá.

A. F. – Naquela oficina aqui, ouvi um comentário, que o Cláudio Abramo tinha uma relação forte com o José Dirceu. Alguém comentou isso.

P.S. – Na verdade, eram as relações de amizade, não eram políticas. Ele era um cético. O Cláudio Abramo não acreditava em nada daquilo que a gente estava fazendo; mas ele achava *legal*, ver aquela coisa toda acontecendo. E ele tirava um sarro na cara do Moisés então, ele não levava a sério o Leandro Moisés. Conheci o Leandro Moisés na casa dele. Mas

então. 13 de outubro de 79. Aí nós planejamos o encontro nacional para iniciar o processo de legalização. Puxa, depois de 13 de outubro, virou uma febre o PT. Virou uma febre. Aí, por tudo quanto é lado... Quando você falou, como é que formava núcleo... você não vencia, de receber correspondência com a lista de presença, endereço, núcleo por tudo quanto é lugar do Brasil. Para você ter uma idéia, na capital, aqui em São Paulo, eu cheguei a fazer reunião da internúcleo, fui um louco em tentar coordenar as reuniões, aproveitava um salão no Hospital da Clínicas, ali na Emílio Ribas... Tinha um núcleo do quartirão da saúde, que já era um núcleo, e eles nos cediam espaço, fazia uma internúcleos, ali na Dr. Arnaldo, chegava a ter duzentos representantes de núcleos. Para você ter uma idéia. E era uma loucura coordenar isso. A reunião começava às oito, quando era uma hora da manhã estava terminando. No dia seguinte, tinha que trabalhar, viajar. Só eu para ter saco. Só quem passou por esse tempo para agüentar um negócio desse. Mas era importante, porque aí você passava a ter o poder de mobilização com essa tal da internúcleos. Se você falasse – olha, amanhã, manifestação na Praça da Sé –, você punha seis mil pessoas. As mesmas de sempre. [risos] Mas você mobilizava em 24 horas. Era uma capacidade tremenda. Os núcleos eram uma maravilha. Eu me lembro que o meu núcleo na Lapa, eu morava lá, a gente abriu sede lá, a estrela remontada lá, mas é a estrela já, vermelha, tudo. Rua Catão, 176. Logo depois do Shopping da Lapa, a primeira casa. Um casarão velho, à direita. Nós reuníamos dezenas de pessoas todos os dias. Tinha reunião todos os dias. A primeira vez que a esquerda no Brasil estava experimentando a idéia de ter um espaço público legal. Entrava lá, podia se reunir.

M.M. – E era uma ânsia, também, de participação, depois de tantos anos de experiência da ditadura de uma forma tão intensa.

P.S. – É. Simplesmente, caiu num terreno fecundo.

A. F. –E aí então, em outubro de 79, vocês já começaram a estabelecer um calendário de...

P.S. – Aí sim. O que causou dificuldade? Foi quando houve esse congresso... Na mesma semana do 13 de outubro, houve um congresso também no Rio. Na Penha. Foi quando aí o José Aníbal fez aquela coisa, que tinha que respeitar a infiltração dele no PT, que ele tinha que destruir o PT, uma organização anticomunista, precisava ser destruído. Aí eles cumprem o que eles haviam determinado. E como eles percebem que está ficando perto da fundação, o perigo aumentou. Aí foi um Deus nos acuda. Uma queimação por cima de mim,

porque achavam... Na cabeça da esquerda, eu era o filho da puta que estava querendo fazer aquele partido. Eles achavam que se o Lula me perdesse, ele não conseguiria. Aí eles tomavam conta, levavam para onde quisessem e tal. Ou então faziam o famoso partido tático. Porque quando eles se rendiam, eles diziam... E todos os grupos de esquerda eram... É interessante que era... Hoje, a cabeça mudou, não é, das pessoas; mas naquele momento havia a... digamos assim, um ultimatum da esquerda em relação a nós, que era assim: nós somos organização revolucionária; não somos ainda um partido porque somos pequenos, mas isso é inevitável, a História vai...

M.M. – Ficar do nosso lado.

P.S. – É. Nós somos faísca, a centelha, e o partido bolchevique do Brasil vai surgir. Nós já somos o Lênin da revolução. Só falta agora os aderentes. Todos pensavam assim, sem nenhuma exceção. Desde os trotskistas aos stalinistas, aos castristas, os maoístas, todo mundo pensava assim. Ora, de repente, começa a dar certo um partido que está fora dos padrões, dos cálculos de todo esse pessoal. A primeira experiência que eles tinham era de se acobertar no guarda-chuva do MDB. Era um guarda-chuva eleitoral, ninguém cobrava nada, eles podiam continuar sendo o que era; o mandato era deles, não deviam prestar conta a ninguém e... Enfim, estavam fazendo infiltração ou (entrismo), sei lá os termos que eles usavam na época. Eles combatiam de fora. Quando percebiam que não dava para segurar, entravam. E aí queriam direcionar por dentro. Esse jogo eu fui levando, de uma forma muito pesada, com eles. Eu, ao mesmo tempo, sabia que era importantíssima a participação da esquerda porque tinha estados, lugares do Brasil que você levaria anos, se você não tivesse o concurso deles, levaria anos para entrar. Com eles, você entrava de um dia para o outro. Lula mesmo, numa viagem a Porto Alegre, o Olívio estava preso, ele comentava comigo no avião: “Olha, precisa ver a mudança de humor da molecada lá do Rio de Janeiro. A ABI me convidou, debate sobre reorganização partidária, a semana passada. Aí eu vi que tem uns garotões sentados, todos assim, na frente, lá no salão da ABI e tal. Na hora que eu ia falar, eles começaram a fazer ironia comigo, começaram a jogar papelzinho, começava a fazer careta, fazer sinal. Quando não gritavam lemas contra mim. Essa semana, parece que gostaram, apesar de tudo, me chamaram para o mesmo lugar, o mesmo debate. Os mesmos meninos, sentaram no mesmo lugar. Eu estava de olho neles, eu vi que eram eles, sentados no mesmo lugar, e aí só me aplaudiam. Mas assim. Quando terminou, vieram para cima, e não

queriam me largar, queriam me levar para não sei aonde, para não ser o que.” Eu não tinha ainda a informação. Aí, quando nós chegamos no hotel, preenchendo a ficha no balcão para nós se hospedar... Olívio estava preso na Polícia Federal, incomunicável, e a greve dos bancários rolando. O (Gigantinho) lá estava *assim*, lotado. E a gente preenchendo a ficha... um grandão, na verdade é o companheiro, parece que trabalha aqui agora, Luizão, cutucou o Lula assim: “Ô Lula. Nós somos... Eles tinham viajado no mesmo avião conosco. Só que a gente não tinha identificado eles. “Nós somos do jornal *O Companheiro*. Queremos comunicar a você que o nosso jornal resolveu abraçar, apoiar o PT.” E o Lula virou-se assim para ele, disse assim: “Que jornal?” “*O Companheiro*”. “Ah! Pensei que era o *JB*, a *Folha*, o *Estadão*. *O Companheiro*, nunca ouvi falar.” [risos] Aí o cara diz assim: “Que história é essa? O que Lula está falando aí?” Falei: “Você que tem que falar claro. Fala assim: o movimento que estava te vaiando lá na ABI, que te aplaudiu, de uma semana para outra, porque nós fizemos uma reunião do nosso coletivo nesse final de semana, decidimos...” Na verdade, depois eu vi a resolução, eles tinham decidido apoiar... autorizar a militância também no PT. Eles fizeram um negócio conciliatório, quem queria ficar no MDB ficava. Mas fez uma diferença. Para você ter uma idéia de como a esquerda trabalhava. E eu, por exemplo, eu fui alvo da expectativa de setores de esquerda, que acabaram até se tornando majoritário num certo momento, no momento da fundação do PT. Mas eram setores assim, totalmente perdidos. Aquela esquerda que não estava organizada ou grupos regionais que estavam rachando com grupos maiores, nacionais, esse negócio todo.

M.M. – Bom. E o resultado desse encontro de outubro?

P.S. – O resultado desse encontro de outubro foi isso. Quer dizer, direção nacional, onze companheiros, dez sindicalistas, incluindo aí...considerando Manuel da Conceição e Ibrahim, além dos sete que tinham feito o movimento lá, tinham aprovado a carta de princípios, que era eu... o Lula, eu, Jacob, o Wagner, Chicote, Enos Amorim (Eno Zamorina) e Olívio, aí tinha tido uma greve importante, dos bananeiros aqui do litoral, e o sindicato tinha sede em Itanhahem, e o companheiro era chamado José Arnóbio Silva, então, Arnóbio Silva, o Lula pediu para convidá-lo, todo mundo aprovou, trouxemos ele para a coordenação. Trouxemos para o encontro de 13 de outubro e, ali, ele foi eleito. E nós tínhamos feito a batalha pelos exilados, que nos interessava. Nós tínhamos feito, na campanha da anistia, a imagem do operário exilado era o José Ibrahim, do camponês exilado era o Manuel da

Conceição. Quando a gente fazia a campanha da anistia, para salvar a (), esse negócio, mas lá fora. Aí era diferente. Quando fazia para retorno dos exilados, José Ibrahim e Manuel da Conceição eram símbolos, assim como Gregório Bezerra, assim como o Prestes, assim como... Mas, para nós, da esquerda não oficial, não tradicional, era o José Ibrahim e o Manuel da Conceição. Um era da AP, outro era da VPR. José Ibrahim e Manuel da Conceição já tinham decidido vir para o MDB ao chegarem no Brasil. Era a informação que a gente tinha. Que esse negócio de PT não era muito bom, que não era sério, era, talvez, uma manobra da ditadura para rachar o MDB. Essas informações rolavam no exterior. Nós cercamos eles, no Rio de Janeiro, que eles passaram com o avião por lá, o outro veio, desceu em Viracopos, nós pusemos duas mil pessoas para receber o José Ibrahim. Eu e o Fábio Munhoz fizemos sala para o José Ibrahim lá em Presidente Altino, onde morava a mãe dele, em Osasco, uma semana, comendo churrasco, tomando pinga com ele, todos os dias. E ele recebendo as visitas, porque ele retornou, não é, todo mundo vinha. Dali a uma semana, ele deu uma declaração: “Eu sou PT”. E o Manuel da Conceição chegou no momento que a AP estava em crise. E já tinha uma ala querendo vir para o PT. Bom. Resultado. No encontro de 13 de outubro, os dois se pronunciaram pelo PT. Nós incluímos. Então dos oito... quer dizer, sete mais o Arnóbio, Manuel da Conceição e José Ibrahim, dez, e o único deputado, o Edson Cair, deputado federal do MDB do Rio, onze. Tiramos a coordenação nacional provisória. E decidimos o seguinte: que cada estado que realizasse um encontro igual àquele tirava dois, para uma direção nacional ampliada, que se reuniria, com menos assiduidade, junto com os onze. E todos saíam mandatários para preparar, nesses encontros estaduais, a convocação do encontro nacional. Aí foi uma seqüência de reuniões complicadas. Osmar, o Alemão, José Aníbal entravam nas nossas reuniões dos onze e bagunçavam. E aí... Weffort, nesse momento, resolve fazer parte, que foi uma conquista mas também foi uma complicação, porque ele entrou já nessa perspectiva desse pessoal. E eles redigiam textos que não dava para aprovar, então as reuniões não concluíam. Era para escrever o manifesto, para poder convocar um encontro, um projeto do manifesto, e nós fomos de uma infelicidade, de uma incapacidade... Claro que havia sabotagem intencional, ele ajudava a infiltrar. Mas, naquele momento, nós não sabíamos, nós só viemos a saber depois, esse negócio de infiltração.

A. F. – Os onze, então, que você mencionou, eram os dez sindicalistas, incluindo Ibrahim e Manuel, e o Weffort?

P.S. – Isso. Não. O Weffort não.

M.M. – Weffort não. O Edson Cair.

P.S. – O Edson Cair. E aí cada estado tirava mais dois, para poder fazer a famosa direção ampliada. Era uma forma de construção, na verdade, ao propor que se tirasse mais dois, se começava a descentralizar. E eu fui a quase todos os estados fazer essa tirada dos dois aí. Fui para Criciúma, eu e o Olívio dormimos na sala de uma dentista, Marlene Sócrates, no chão, imagine. Nós vimos cada coisa na época. Tinha até (circuito elétrico) no tapete lá. Eu fui para a Paraíba, o PT da Paraíba, o PT de Recife, Pernambuco... bom, Minas, eu era assíduo, Paraná, eu e o Djalma fomos para lá. Bom. Acabou o ano. Janeiro...

M.M. – Mas aquela listagem lá do PT tem mais uns nomes. Tem o Luís Dulci, tem...

A. F. – Mas isso já é em fevereiro.

P.S. – É. Aí já a fundação.

M.M. – Não. Na listagem de 79.

P.S. – 79? Nós convidamos ele, convidamos o Luis Dulci, mas não...

M.M. – Ele não vai entrar nessa comissão provisória?

P.S. – Não, não, não. Aí o que acontece? Eram os originais mais...incluindo aquele bananeiro e os dois exilados e o Cair, que foi para homenagear o primeiro deputado que nós tínhamos ganho. E aí, as reuniões para preparar o encontro nacional, para preparar o tal manifesto foram terríveis. Foram terríveis. Inventavam que ia ser na casa do... como é que chama? Um cabeludo. Vinícius Caldeira Brandt, era na casa do Weffort, na casa não sei de quem. Era sempre uns lugares complicados para nós sindicalistas. A gente começou a sentir, alguns pararam, não compareciam mais, porque não entendiam a algaravia toda que estava surgindo ali. Foi muito complicado. O fato é que nós resolvemos fazer o encontro sem ter o manifesto. Aí, na última hora, apareceu um texto lá, a gente disse: olha, não está bom; mas, para não dizer que não tem, vamos levar esse. É onde Manuel da Conceição está contando aqui, ele teve que redigir. Nós tivemos que fazer um grupo na hora, ali no Sion, e redigir o outro. Tem uma entrevista dele aí. Aí, pronto, reunião dia 31 de janeiro...

A. F. – Ele falou que, na hora H, foi um companheiro do Ceará.

P.S. – Isso. Chico Alto. Porque nessas horas, não tem jeito, se for fazer em dois não dá certo.

A. F. – Como é o nome dele?

P.S. – Francisco Alto Filho. Ele parece que é reitor lá, agora, da Universidade Estadual, no Ceará. Ele era de um movimento contra a carestia e era jornalista. Ele que defendeu a permanência dos onze no dia 10 de fevereiro, contra o Osmar, o Osmar e o Airton Soares defenderam eleger uma nova direção naquele... Dia 31 de janeiro, nós fizemos uma reunião decisiva. Dia 10 de fevereiro já estava convocado desde dezembro. A data estava fixada: dia 10 de fevereiro. 31 de janeiro, fizemos uma reunião decisiva, para organizar. Foi muito conturbada. Dia 6 de fevereiro fizemos uma nova reunião. Só que, dos onze mesmo não veio nem metade, e veio mais vinte pessoas, assim, completamente estranhas. E finalmente, no dia 9, nós conseguimos fazer uma reunião produtiva. Dia 9 por quê? Porque estavam chegando as delegações. Dia nove era um sábado. Então, os que tinham sido eleitos, dois por estado, vieram antes das suas delegações, para fazer a reunião do dia 9. Foi a primeira e única reunião daquela ampliada que o 13 de outubro tinha tirado. Aí tinha cinquenta e cinco pessoas. Aí houve divergências, mas aí, tudo bem feito, com tempo, com defesa a favor, contra.

A. F. – Eram dois por estado. Agora não eram todos os estados.

P.S. – Não. Eram dezoito estados. Dezoitos estados e o Distrito Federal.

A. F. – Então, uma imensa maioria das unidades.

P.S. – É. Eu sei que tinha cinquenta e cinco pessoas na reunião. 15 votaram para eleger a direção naquele dia 10. Nós achávamos que não, que tinha que eleger no momento de definir o programa do partido. A direção tinha que estar comprometida com a defesa do programa. Manifesto era importante; mas o manifesto era um ato exigido pelo TSE. Era o pontapé inicial. Tinha que ter cento e uma assinaturas de eleitores, no mínimo cinco estados... Um negócio assim. A legislação da época. Mas, na reunião do dia 31 de janeiro só tinha tido uma decisão importante, que foi como seria a representação no encontro do dia 10. Aí tinha que trazer lista de presença, para cada delegado, pelo menos vinte e um presentes, e a ficha de filiação partidária em três vias. Todos que participassem tinham que ser filiados. Então, ao iniciar a reunião, a primeira coisa: filiação. Aí formalizava a adesão ao partido. Depois tirava

delegados. Para cada vinte e um, um delegado. Nós reunimos doze mil filiados. Essas fichas devem estar por aí.

M.M. – Pois é. Eu devo ter arquivo dessas fichas lá do Rio de Janeiro. Mas deve ter guardado no Tribunal Eleitoral, não? Essas fichas de filiação partidária.

P.S. – Mas ficava uma cópia conosco. Tinha uma via conosco.

A. F. – Eu acredito que está, talvez, em algum diretório, ainda.

P.S. – Porque é muito importante isso. São doze mil fichas, que estão na base da tirada de delegados. O Sion, há uma controvérsia sobre isso, quantos delegados estavam lá. Na verdade, tinha mil e duzentas pessoas participando lá. Até um pouco mais. Mil e duzentas e alguma coisa. Delegados, nem todo mundo, mas nós credenciamos todo mundo, com voz e voto, convidados.

M.M. – E delegados quantos eram?

P.S. – Delegados tinha uns oitocentos, mais ou menos. Seiscentos e poucos. Eu sei que dava doze mil, o equivalente a doze mil dividido por vinte e um. Um negócio assim. Mas a própria regra definia que os convidados pela comissão nacional provisória teriam direito a voz e voto, porque nós íamos usar o critério de convidar pessoas ou que já estavam ganhas ou que não se submetiam a fazer reunião de vinte e um, até porque não estavam entrosadas, viviam um ambiente que não era aquele. E outra. Tinha que jogar pesado para...

M.M. – É. Eu me lembro desse núcleo que a gente criou lá no Rio, não eram pessoas que eram militantes *full time*.

P.S. – É. Jacob, por exemplo, foi para Brasília... Jacob foi a um evento em Brasília, para discutir organização partidária, chegou lá, sentiu que os irmãos Santillo estavam a favor do PT. Aí, imediatamente, convidou: vocês vão e vão participar da mesa, o Henrique, que era o senador, vai participar da mesa e tal. Evidente que cada vez que você fazia uma cooptação desse tipo você criava problema na base porque... os grupos de esquerda achavam que o Santillo era um traidor, um burguês. Então, a gente tinha um preço para cada conquista que a gente obtinha de um lado. No plano institucional, principalmente... A esquerda, em 78, metade tinha votado no MDB, metade tinha trabalhado o voto nulo. E esse pessoal estava todo lá conosco. O anti-institucional era muito forte naquele momento. Então, o fato do cara

ter mandato, ao invés de pegar bem, pegava mal, para a maioria dos fundadores do PT lá no plenário.

A. F. –Inclusive no Sion, isso que você está falando do Santillo, tem um episódio controverso, não é?

P.S. – Não em cima dele. Mas como ele era ligado a um empresário chamado Onofre, que era dono de uma fábrica lá, aparece um operário daquela fábrica... Olha que sacanagem. Esse grupo... É PCO, agora, não é, o pessoal do Rui Pimenta. Eles pinçaram um operário da fábrica do amigo do Santillo, que tinha também feito a filiação, esse empresário foi o primeiro empresário assim, mesmo, praticante, que entrou para o PT. E eles trouxeram a denúncia. Imagina se eu não estivesse na mesa, que rola ia dar. Porque o saco do Jacob já tinha estourado na véspera. Quando começou... Ele era o responsável pelo credenciamento, lá no escritório do Airton Soares, perto ali do Minhocão. E começaram a chegar as delegações, já na sexta-feira à noite, sábado, o dia inteiro. E a gente tinha reunião no sábado. Depois, sai da reunião, vai lá, para manter o credenciamento, porque precisava da assinatura dele para... nos crachás. Aí chega uma turma do Paraná. Uma turma do PCBR. Esqueci até o nome do companheiro. Uma outra turma do MEP. Era um metalúrgico, outro não sei o que. E começam a brigar porque a lista do outro... não, a reunião do outro não foi representativa, não tinha vinte e um... Aquelas coisas. Você imagina. Nós, sindicalistas, não estávamos acostumados. Eu, um pouco mais, porque militava na esquerda; mas também não era uma militância da ativa, eu nunca tinha tido. Aqueles métodos de deslealdade, de puxada de tapete, para nós era uma coisa estranha. De repente, você está numa fila, os caras tomando cafezinho, almoçando, e não andava, e os caras brigando ali, Jacob chegou para os caras, falou: olha, você se vira, vocês vão aí, se reúnem, traz a lista aí. Eu quero saber a lista de consenso. Vocês quebrem o pau... Eles queriam que ele arbitrasse, quem estava certo, quem não estava certo. Bom. Resultado. Ele não agüentou. Ele estressou, ele entregou os pontos. Daí a pouco me telefonaram lá do Airton Soares: “Paulo, o Jacob abriu o bico, não está mais lá, não tem ninguém mais lá assinando.” Eu não queria assinar porque o pessoal do 8 me questionava... Sabe, você fica meio vigiado, você fica assim, meio contido, para não dar motivo, para não pôr em risco a fundação. Eu não queria dar motivo para nada. E fui obrigado a ir assinar o restante lá. E rezando para o Jacob não faltar, porque ele estava tirado para presidir a plenária da fundação. Não sei qual o tamanho da explosão que ele teve aí. E

fomos até o fim, de madrugada, credenciando. E o pessoal não parava de chegar. No outro dia bem cedinho, montamos o... continuar o credenciamento e tal. Bom. Mas já estava pesado. Eu não sabia se Jacob vinha, que diabo tinha acontecido. Não sabia. E aí, lá, a gente conseguiu pôr o pessoal para dentro. Mas aí tivemos uma feliz idéia de criar um clima bom já de início: chamar os seis históricos lá, que a gente queria homenagear, logo de cara. Em vez de entrar com a discussão se funda ou não funda. Porque tinha gente até achando que devia discutir quanto a isso. Eu digo, olha, eu... O Santillo... Nós fizemos uma mesa honorária só para esse momento de chamar os seis. E demos a presidência ao Henrique Santillo. E depois, o orador, ele chamou os seis. Chamou o Mário Pedrosa, o Sérgio Buarque de Holanda, Manuel da Conceição, que aliás roubou a cena – sem vergonha, porque, (depois que me contaram essa) porque ele chamou uma vez e ele não estava. Depois me contaram: ah, isso é uma tática velha. [risos] Ele não estava. Aí todo mundo olhou, o plenário inteiro olhando, e ele não aparece. Aí ele passou para o quarto colocado. Apolônio, a companheira... a Lélia e o Sandroni, o representante do Paulo Freire.

A. F. – Cadote.

P.S. – Cadote. Isso. Não é Sandroni. Sabia que era um nome assim. E imagina o clima que criou. Aí quebrou aquele gelo, sabe, deu aquela... E aí, o pessoal começou a cantar e gritar PT, não sei o que, cada cidade queria se mostrar, mostrar um pirulito, mostrar uma faixa. Estava indo bem. Aí vem o PCO lá e fizeram... Aí parou aquela mesa, depois que os seis assinaram o livro, parou aquela mesa, entrou a mesa de trabalho. Aí eu... Apesar que eu estava na mesa junto com o senador, mas eu estava ali, ao lado, só para algum socorro, só dar o livro, pegar, olha aqui e tal. Só esse papel. Aí fizeram a mesa de trabalho. O senador não fica na mesa. Às vezes, ele vinha... Ele estava com... à vontade para ficar aí. O Jacob pediu para eu presidir. “Vai lá, Paulo. Eu não estou com saco lá em cima, eu não estou com o espírito bom”, não sei o que e tal. Eu falei: “Você fica aqui do lado. Se alguém questionar, você diz que é você, e acabou.” Eu era o secretário. Eu tinha que secretariar e fazer a ata e tal. E eu tinha escolhido isso porque o menos que eu aparecesse era melhor para o partido. Mas não podia ser menos do que secretariar também porque já estava prevendo que esses documentos iam um dia fazer falta. Constitutivos. Aí chamamos os onze para a mesa. E, quando eles tinham que sair, eles punham um cara do seu sindicato. Olha que coisa engraçada. Então, quando o Jacob saía, entrava o Caravanti, que era do sindicato dos

petroleiros, quando o Lula saía, entrava um outro companheiro de São Bernardo. E logo de cara, o PCO já levanta... Eu não sabia. Eu imagina que era... Ninguém mapeava tanto assim; mas eu era o que melhor mapeava, dos sindicalistas, o pessoal que vinha lá, que era de esquerda. Levantou essa coisa. “Olha, queremos propor uma moção de repúdio e de expulsão do Santillo”, por causa disso, porque ele filiou o tal do Onofre (), dono de uma fábrica... Está aqui um companheiro operário, demitido por ter feito sindicalismo, ter feito greve, não sei o que. Você imagina. Falei: “Tudo bem, companheiro. Nós vamos parar aqui, vamos fazer uma comissão, vamos ver esse negócio.” Não tinha como você encaminhar, não tinha condições; você não tinha organicidade para chegar e falar: bom, quem está fora é você. Todo mundo tinha o mesmo direito ali, tanto o Santillo quanto aquele carinha que estava demitido da fábrica do outro. Aí nós paramos cinco minutinhos. Até para ouvir o Santillo, porque foi uma surpresa, nós não sabíamos que ia estourar nada disso. Ai subimos a escadaria do Sion, entramos numa sala, aí ele explicou: “Não, mas esse cara... ele mandou embora porque eles fizeram greve lá.” Bom. “Mas ele se filiou?” “Não. Não está filiado ainda.” “Então tem que expulsar.” Então foi a primeira coisa. Aí eu falei: “Olha, vou fazer a seguinte proposta. Eu vou propor que seja tirada uma comissão de ética, que vai examinar o caso e... Não pode ser resolvido assim, no plenário, não. Tem que ter amplo direito de defesa, tal, tal, tal.” Aí desci, encaminhei, foi aprovado. Porque a maioria já estava com o saco deste tamanho, queria ver o partido ser fundado e não... Então tive apoio do plenário. Mas você notava, os companheiros estavam com medo. Que é um plenário desconhecido. Nunca ninguém tinha feito uma reunião daquele jeito, com aquela coisa. Bom. Aí aprovamos por aclamação. Dividimos em grupo o plenário, que aí foi uma maneira boa da gente ganhar tempo, para nós discutirmos os problemas que estavam em pendência: por exemplo, fazer o outro manifesto. E logo de cara os grupos começaram a rejeitar o manifesto que nós tínhamos apresentado, que vinha da reunião do dia 31 de janeiro. Mas aí já aproveitamos. Enquanto estão discutindo, nós já chamamos o Chicote mais dois, três companheiros, disse: “Olha, vocês escrevem aí...” “Pode deixar.” Sentaram na escadaria ali, nas coxas ali, como dizem, daí a pouco estava pronto; levaram para nós lá na salinha, a gente leu. É isso aí. Puta merda! Uma beleza. É isso aí. Sem complicar. Aí levamos aos grupos. Foi um alívio. Os grupos estavam pau, assim, em cima do tal do manifesto, e aí chegou aquele novo texto, aí mudou. Aí fomos para o plenário, aprovamos tudo por aclamação. Levantaram os braços, bateram palma. E aí voltou o clima bom. E aí...

A. F. – As assinaturas de adesão...

P.S. – Não. Ainda não tinha feito. Esse foi o ato final. Depois, ainda teve mais um encaminhamento, depois das assinaturas, para não deixar o pessoal ir embora. Aprovamos por... Aí sim, aprovamos o manifesto, aí chamamos à assinatura. Chamamos às assinaturas de todos os presentes. E aí foi duro, foi uma longa demora, mas a gente não parou, a gente continuou encaminhando e tal. É. Na fila, pedia que não... não disputasse, que todos iam assinar mais cedo ou mais tarde, e foi dando certo. Aí encaminhamos orientações... Aí tinha um outro texto, preparado por nós nas outras reuniões anteriores, que era orientações para elaboração do programa. Então tinha o que deve conter o programa... Já dando uma diretriz sobre o conteúdo do programa. Método. Orientações sobre uma linha de massa. Porque tinha muita exigência. A maior parte vinha do movimento social. Eles queriam saber, e o sindical, e mulheres, e meio ambiente, e racismo, e não sei o que. Então, já tiramos também uma linha para o movimento social. E o último texto foi... Ah! Tiramos também um calendário de fazer uma festa em Osasco. Fazer uma festa para lançamento do nosso estatuto e regimento. Plínio de Arruda Sampaio... Porque uma das grandes preocupações nossas era como fazer... Que os núcleos, era uma coisa extraordinária a vitalidade dos núcleos. Como é que eles não morreriam com a legalização, jogando todo o poder nos diretórios. Aí criamos essa história. A convenção partidária é homologatória. Tem um encontro. Os núcleos teriam que se tornar consultivos. Nós apostamos, para ver se dava agüentar. Não agüentou. Depois, eles foram definhando, por causa desse negócio de consultivo. Mas era uma tentativa. Nós estávamos tentando manter a estrutura do Movimento pelo PT no PT legalizado. Plínio é que foi o elaborador do regimento. Porque pelo regimento é que a gente queria manter a estrutura antiga, mais militante do partido, daquela estrutura mais institucional, mais eleitoral. Mas aí fizemos uma festa. Bom. E aí terminou o 10 de fevereiro (13). Começou às onze e meia, acho que só foi de tarde, nós, no momento de dividir em grupos, demos um marmitex lá, o pessoal almoçou por lá, se virou, e terminou era quase noite. Quase noite. Mas... um dia bem ganho.

A. F. – Nessa conversa aí com Suplicy, o Geraldo Siqueira, vocês comentam muita da emoção. Quer dizer, de passar dessa discussão, desse conflito todo para essa...

P.S. – Uma trabalhadeira, mas um negócio bom, recompensador.

M.M. – É. Acabou tendo um resultado muito positivo.

P.S. – É. Pô, e a gente acreditava, a gente tinha consciência de que estava fazendo uma coisa histórica. Tinha consciência que nós estávamos criando um instrumento de afirmação nacional, de libertação dos trabalhadores, emancipação, logo de cara, de ter seu próprio partido...

M.M. – Dessa tutela desses políticos tradicionais. Essa estratégia de vocês, ao perceberem que aquele documento inicial estava criando um problema muito grave, fazer esse novo manifesto rapidamente, foi uma sacada de mestre, não é. Porque vocês podiam perder totalmente aquela oportunidade.

P.S. – É verdade. Ia perder isso. Ia perder.

M.M. – Poderiam entrar numa discussão política infundável...

P.S. – Porque a posição já estava marcada, não tinha mais como a gente...

A. F. –No processo todo, essa coisa do movimento sindical, que tinha um senso mais pragmático, menos doutrinário, e via, tinha essa criatividade e tal, ela foi fundamental para ir explorando os outros fatores (). (*Falam juntos*)

P.S. – E a autoridade que nós tínhamos. Não era só (). Nós tínhamos muita autoridade, eu, Jacob, Lula. Então, quando você falava e expunha uma coisa sensata, uma coisa que tinha lógica, que podia prejudicar o objetivo e tal, a maioria entendia. Então, quando tinha alguém lá, querendo defender uma particularidade dessas malucas e tal, ele era esmagado no plenário. O pior que, no primeiro momento, os companheiros sindicalistas ficaram com medo, não é, porque aquele plenário diferente, cheio de classe média... que tinha muito, não é: a esquerda, basicamente, era formada pela classe média, e...

A. F. – Mais a intelectualidade...

P.S. – Mas eles tinham respeito. O operário, naquele momento, nesse país, era moda. [ri] Era moda ser...

M.M. – Eu acho que as greves do ABC deram um respaldo, essas greves...

P.S. – E outra. Nós tínhamos oito milhões de operários. Hoje, nós temos quatro milhões e meio no Brasil. Quer dizer, houve uma dizimação física do... (Max/Márcio) ainda fala isso, que o Plano Real destruiu, desindustrializou o país. Não é só a mecanização,

robotização; é que houve uma perda, mesmo, de capacidade instalada e tudo. (É central) dos importados, e de onde veio, não é. Onde é que foram parar os empregos?

A. F. – Eu queria levantar uma questão de ordem. Eu acho que chegamos num marco importante, eu acho, não tenho a menor dúvida, nós vamos ter que fazer outra entrevista porque... Você vai do Sion para a legalização, a campanha de 82, a tua trajetória no exterior, a gente vai ter que marcar. Porque a gente tem agendado com o Djalma para as duas, e a gente tem que dar uma paradinha, comer alguma coisa e... De todo modo, a gente tem que recuperar a energia e marcar para fazer uma outra, talvez até da mesma duração, para pegar esse período pós Sion. E a gente pode agendar contigo.

P.S. – Ah! Depois, tem essa festa em Osasco, que foi um negócio extraordinário. Em frente ao sindicato. Depois tem... reuniões importantes, que nós fomos organizando por estado, para preparar o encontro, o encontro que ia aprovar o programa, maior ainda. Teve encontro no Norte e Nordeste, depois teve encontro no Rio Grande do Sul, encontro em Minas, encontro... Puta! impressionante. O processo que antecedeu o encontro nacional de 31 de maio e primeiro de junho.

A. F. – Mas aí você detalha depois.

P.S. – Depois disso, eu não fico na executiva. Aí é uma coisa para a próxima. Eu fico na ampliada. Aí minha participação é menor. Embora que ainda seja uma referência por algum tempo, durou algum tempo, até... esqueceram de mim. [risos]

A. F. – E é isso que a gente vai conversar depois.

P.S. – Então. E o episódio mais dramático foi o primeiro de junho. Na verdade, foi uma semana antes, foi o encontro paulista, encontro estadual, em que havia um risco enorme para o PT. E só eu podia conjurar esse risco. E aí foi o que eu fiz. Mas... foi duro.

A. F. – Mas isso fica para a próxima. Cenas dos próximos capítulos. [ri] Muito obrigado, Paulo, por essa.

[FIM DA 1º ENTREVISTA]

2ª. Entrevista: 25/07/2006

M.M. – Nós vamos retomar essa conversa interrompida há mais de um ano, nesse nosso segundo encontro. A primeira parte da sua trajetória já foi relatada. Nós paramos exatamente naquele final de 79, todos aqueles momentos de articulação, já o PT. Acho que você poderia dar continuidade a partir daí.

P. S. – É. Eu até me lembrei daquela reunião de 13 de outubro de 79, no restaurante (Demarque), porque um dia desses... É interessante isso, não é, que o PT parecia ter perdido a memória e de repente está recuperando nessa campanha, um pouco mais do que nas outras. E aí teve um evento importante da campanha Lula, agora, há poucos dias, nesse restaurante. E ali foi uma primeira tentativa de uma reunião nacional. Evidente que ela foi muito precária, não chegou a ter um terço da representação do ato de fundação; mas ela foi importante como primeira iniciativa, a primeira tentativa de reunião nacional. Os convites eram feitos a pessoas erradas; a gente não sabia do posicionamento político das pessoas, dos vínculos partidários. Os companheiros de esquerda, a maior parte, tinham vínculos com organizações clandestinas. E o Lula mesmo que fez a lista. E eu me lembro que ele convocava Freitas Neto, até um jornalista que foi assassinado em Alagoas, que era PCB daqueles de quatro costados, ligado aos Miranda lá de Alagoas; e convidou também um rapaz de um partido chamado Partido Comunista Revolucionário, (que era um líder estudantil) que depois se liga com o MR-8 e vira uma coisa só, mas naquela época, era uma coisa diferente, tinha uma vida estudantil no Recife, que ele também... “esse cara é bom”. Não adiantava se discutir. Isso, até hoje, é meio assim, ele se apaixonando pelas pessoas à primeira vista e, geralmente, errando. [risos] O Lula tinha isso, ele tinha um instinto. E às vezes, nós duvidávamos, e dava certo. E justamente, com militantes importantes do Partido Comunista. No caso dos artistas mesmo, nós éramos céticos. Ele marcou uma reunião com o Chico Buarque, e o Chico Buarque... o pai dele, tudo bem, foi fundador e tal; mas ele era outro departamento, ele era PCB daqueles... Ele comandava esse grupo, essa célula de artista no Rio de Janeiro, o sindicato, eu me lembro bem, inteiramente controlado o sindicato dos artistas do Rio, pelo PCB; como era em São Paulo, com o Juca de Oliveira. Depois, a Lélia derrubou ele numa eleição. O Juca era considerado pelego. Os caras do PCB, naquela época, nos sindicatos, nós não conseguíamos ver a diferença entre eles e os pelegos, porque eles eram muito

conservadores. É aquele negócio de comunista com a carteirinha escondida. Quando eles mostravam, a gente ficava abismado, “Mas você no PCB? Mas você é direita, cara. Você é contra a mobilização, você não faz nada de... você não se solidariza com as lutas, nada.” Quer dizer, era... Não. Era surpreendente. Por exemplo, o Arnaldo Gonçalves. O Lula tinha um carinho enorme pelo Arnaldo Gonçalves. Tinha amizade de família.

A. F. – Metalúrgico de Santos, não é?

P. S. – É, metalúrgico de Santos. Mas o Arnaldo era extremamente conservador. Em Lins, por exemplo, ele foi o... Ele se absteve naquela votação pró, a favor de um partido de trabalhadores. Muita gente fala que foi pró o PT. Não foi. Foi em favor de uma ideia de partido de trabalhadores, que aí servia aos propósitos, também, do Joaquinzão, que votou a favor. Ele que puxou a grande maioria dos votos, porque ele estava ligado ao secretário de Trabalho do governo do estado, tentando fazer uma espécie de um PTB, um partido trabalhista de corte burguês, burocrático, sindical. Mas é isso. O período que eu conversei no depoimento anterior, na verdade, ele vai até a data da fundação, até 10 de fevereiro, e as vicissitudes, a luta para chegar até lá. Eu me lembro que na véspera do encontro, eu tive que ir na casa de Lula, e eu não gostava de fazer isso porque a casa dele, a sala do presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo estava virando já o palácio, num certo sentido, e essa briga palaciana eu não conseguia fazer. Quando eu via que estava... tinha umas figuras, eu caía fora, sumia; e depois, ele me cobrava, achando que era infidelidade. “Você sumiu, você não foi em tal lugar...” Eu não tinha saco para disputar o Lula. E havia uma disputa: se faz ou não faz a fundação do partido. O Aírton Soares, o Osmarzinho, que ainda estava envolvido, não havia sido desmascarado, ainda estava infiltrado no nosso meio, eram contra a fundação. E eles puxaram um certo setor, que mais tarde se expressa, por exemplo, na ida ao colégio eleitoral, apesar da decisão reiterada do partido em contrário. E vacilações na questão do PSDB, que é uma constante na história do partido. O PSDB sempre *tensionou* o PT, mesmo quando ele não era PSDB, era o Fernando Henrique, o príncipe do Cebrap. É Cebrap, não é, aquele órgão da Fundação Ford? Até vendo no Chico de Oliveira, dando essa entrevista, acho que ontem, anteontem, na *Folha*, dá uma tristeza porque... Tudo bem. O papel dele ele já cumpriu, no PT, acho que ele já ajudou. Eu acho que a presença dele... Eu acho até, o Welford ajudou, Moisés, todo mundo que passou, ainda que rapidamente, pelo PT. Porque o fundamental era... Num determinado momento, o PT, para se viabilizar, ele

tinha que ganhar uma parte importante... ele tinha que ser um partido da intelectualidade também. Ele tinha que ser um partido representativo na intelectualidade. E num primeiro momento, os que levantaram dúvida contra a proposta dos sindicalistas, e diziam que era um partido só de mãos calejadas, de macacão, de não sei o quê, que não se consideraria partido de classe nesse sentido estrito; e nós tínhamos consciência disso. Ninguém estava pensando em construir um partido só com operários. Tanto que houve uma esforço enorme... Eu me lembro, o primeiro debate na USP, um cara da Convergência, que aliás é o número um deles, segundo eu sei, o Eduardo, naquele momento achou interessante levar um petista para a faculdade, e eu fui no debate acertado pela Convergência. A USP era um terreno proibido. As outras universidades, não tinha ainda um clima de politização mais acentuado. E eu me lembro, não tinha na plateia nenhum petista. Era um raro momento, você ir em determinado público e não ter ninguém pró PT. E na USP já havia. A ditadura tinha essa prática: ela liberou a luta nas agremiações estudantis, interna, e dentro dos muros da universidade não havia muita repressão. Não havia, praticamente, nenhuma. Havia denúncia, aquelas coisas com professores, não é, quem estava querendo cargo, pós-graduação essa coisa; mas aluno, não tinha repressão, desde que ficasse dentro da universidade. Depois de 73 os estudantes começaram a sair na rua, com a morte do Alexandre Vanuck. Mas então... A luta para acontecer a fundação é uma luta de bastidores, é difícil eu relatar isso. Não sei se os outros companheiros se referiram a isso. Mas era, particularmente para mim... Quer dizer, nós estávamos, como estivemos, na minha visão, naquele momento dos acontecimentos, na berlinda. Quer dizer, o projeto do PT podia naufragar, por exemplo, naquela reunião de junho no Pampas Hotel. Porque aquilo, claramente para mim, era uma conspiração contra o nosso projeto. E o (Osires) tinha isso claro, o Jacob tinha isso claro também; mas o Lula não tinha isso claro naquele momento. Aí nós tivemos que jogar um pouco diferente dele na reunião. Até que eu me lembro do chute, eu devo ter relatado, que ele deu no Enos Amorim; que, geralmente, era um cara que nem falava, ele tinha pouca... assim, tinha insegurança em falar, naquele dia, ele se tornou muito enfático na defesa do PT. Ele fez, talvez... com muita felicidade, a defesa do partido. E eu me lembro que ele era manco de uma perna, ele era coxo, e o Lula chutou a perna machucada dele por baixo (da mesa). O Lula presidia a mesa, e o Enos falando muito, sepultando a aliança com o pessoal do Fernando Henrique, descartando, e ele chutou o Enos por baixo. [ri] Só que, ao mesmo tempo, ele conspirava conosco, não deixava o João Carlos falar, que era um petroquímico de Caxias, que era MR-8 e que, se

abrisse a boca, ia quebrar... Nós tínhamos quarenta presidentes de sindicato, e desses, só ele era contra o PT. Os outros, não é que eram a favor, mas tinham simpatia e gostaria de participar. E tinha muito pelego. Eu não sei quem fez a lista. Tinha ali pelego, tinha, de burocrata assim...

M.M. – Convidados todos para...

P. S. – Convidados, naquele encontro do Pampas Hotel. Junho de 79. E depois de três dias, nós conseguimos manter o PT. Era uma coisa. E o PPDS, que era a proposta do Fernando Henrique, o Partido Popular Democrático Socialista, era outra coisa. Eram duas propostas. E para nossa felicidade, alguns dos políticos... Eram sessenta e sete intelectuais, parece, e cento e poucos políticos com mandato, mas havia vereador, deputado estadual, parece que tinha um senador e alguns federais, poucos, contados nos dedos. E um desses, se não me engano um federal, respeitável e tal, ele foi lá, e o jeito dele falando, a maneira antiga de falar, que não nem... não está acostumado com o jargão do período de democracia anterior, ele chegava e pedia data vênia e aquele negócio, para fazer o discurso, e cumprimentava todo mundo... Nós não cumprimentávamos, a gente falava: companheiros – e começava. E ele cumprimentava o presidente mesa... Até isso a gente estranhava, não é, uma maneira antiga de fazer política. Achava até folclórico. E ele, com toda essa cerimônia, ele falou: “Não. Deixa. Não sei por que essa insistência em querer fundir o grupo dos sindicalistas. Deixa eles tentarem o PT deles. E nós vamos... E se a história determinar que é a mesma coisa, como o Fernando Henrique afirma, o Serra, o Airton Soares afirma, isso vai acabar convergindo para uma coisa só naturalmente. Não há o que impeça isso.” E foi muito interessante. Ninguém falou dessa maneira. Ele com isso também, no plano (), ele achou o grupo dos políticos com isso. Mas então. E essa queda de braço continuou, do Pampas até a fundação, essa tensão do que seria...

M.M. – E esse encontro que você falou, em outubro?

P. S. – Ah! Outubro. Outubro foi a grande vitória nossa. Por quê? Porque nós chegamos a achar que... Porque o Lula, tinha terminado a greve de 79, ele tirou férias do sindicato. E a situação não era boa. Eu já tinha relatado isso. O sindicato havia se revoltado contra a maneira como se parou a greve. Até porque o sindicato preparou para retomar, e no dia da retomada, tinha feito o acordo. Aí foi lá homologar o acordo feito com o Delfim Neto. Aquilo criou uma situação difícil na base dele, mas que ele soube administrar, como a

história mostra, porque, no ano seguinte, ele fez uma greve muito melhor do que aquela, muito mais resistente. Mas naquele momento, ninguém sabia o que ia acontecer, todo mundo tinha direito a duvidar se havia possibilidade, se ele estava destruído, se ele ia se reerguer, se ele, de fato, fez um acordo porque ele tinha um problema de caráter ou se ele... Ninguém tinha como avaliar cem por cento. Ele vai para Pernambuco, chega o Arrais, no momento em que ele está em Garanhuns, descansando na terra dele. Uma das poucas vezes que ele tinha voltado para a terra natal. Ele vai receber o Arrais. E aí, quem estava lá? Fernando Henrique, o pessoal estava todinho. Quando ele volta, já volta com a ideia dessa reunião do Pampas. E aí, bom, Almino voltou, o Lula se apaixonou pelo Almino. Já tinha aquela infiltração do grupo Unidade, do Alemão, o Enilson Simões e do Osmar, vindo com José Aníbal. Eles se diziam a favor do PT, mas abriam a boca só para bater. Então eles puxando o Lula para fazer um partido popular, e nós puxando o Lula para fazer um partido proletário. Essa era a diferença naquele momento, o *tensionamento* que havia. E 13 de outubro de 79 é o momento que nós garantimos a participação do Lula no projeto do PT mesmo, da fundação, etc.. Porque não é que ele... É que nós achávamos que ele estava em disputa. E acho que estava. E nós tínhamos os nossos trunfos. Ele tinha aquele sentimento, a ligação conosco e tal, mas ele estava maravilhado com aquela chegada, um Almino, um ex-ministro do Trabalho; naquele momento, isso era uma coisa que tinha peso, sabe.

M.M. – É. Uma história. Que essas coisas acumulavam, não é, de antes da ditadura.

P. S. – É. E cassado. Então, ele não tinha dúvida, é um socialista como nós, é um lutador, é contra a ditadura, é igual a nós, é um dos nossos. E não era bem assim, não é. Eram os caras que faziam os acertos com a oligarquia. Isso é uma coisa que só a História ia ajudar a perceber. E para ele, como pernambucano, o Arrais era um mito, o Jarbas Vasconcelos já se reivindicava continuador do Arrais, o Marcos Freire, que depois faleceu, também era outra referência. Então... E isso não contribuía com a ideia da fundação do partido de trabalhadores, quer dizer, jogava ele para o centro, não para a esquerda. Aí, 13 de outubro, o que é que foi? Nós tentamos várias vezes reunir com Fernando Henrique, reunimos; mas o clima foi ficando cada dia mais quente, especialmente comigo, não é, porque, como aí era um pequeno comitê, eu tinha que ficar falando o tempo todo porque eu... () ficava me apertando. “Pô, você não pode ficar quieto. Os caras estão falando aí um monte de bobagem.” Aí eu falava: “Por que você não fala também? Você me alivia um

pouco, para não ficar só eu visado.” Porque era assim. Eles começaram a falar contra a minha pessoa. “Não, esse camarada é bolchevique, é não sei o quê.” Dentro da reunião. Eu nunca tinha ouvido falar em bolchevique. O que é que isso? Você entendeu? Eles me queimando assim. Saía no jornal que eu era bolchevique. Você ia ler o jornal do dia, saía lá, na primeira página. Quer dizer, tudo o que acontecia dentro da reunião tinha repercussão na imprensa. Uma reunião secreta, que não tinha ata, não tinha testemunhas além dos participantes, eram cinco, seis, sete, no máximo. Nós tínhamos um...

M.M. – Mas quem estava determinado a te queimar? Esses políticos do MDB?

P. S. – Então. Certamente que era. Mas eu acho que era muito mais do José Aníbal, do Alemão, do Osmar. Eram os que faziam de conta que estavam conosco. Porque era assim. Três saíam pelo grupo dos intelectuais. Só que havia um que era fraude, era... um que era um ex-dirigente de Osasco mas que tinha virado sociólogo no exterior. Três pelos políticos e três petistas, eu, (Sinpote) e o Lula. O Fernando Henrique, o Serra e o Welford. Os três intelectuais. Santillo Sobrinho, Raimundo Lira e Airton Soares, os políticos. Então, eles estavam em maioria, porque tinha o Airton Soares do lado deles, tinha os três, fechadinhos, os três intelectuais, e eles tinham mais esse menino que era um ex-sindicalista de Osasco, que era um sociólogo também. Então, era uma reunião que você não tinha como convencer ninguém, nem eles convenciam nós três... Só que você percebia que eles estavam disputando só o Lula, eles não estavam a fim de ganhar o Skromov, nem o (), que eram os irredutíveis. E o Lula, com essa abertura que ele sempre teve, de conversar. Ele era menos sectário do que nós nessa posição. Mas eu estou tentando retratar exatamente o clima que os sindicalistas, o grupo dos sindicalistas viveu, que foram todos esses meses, de junho, do encontro do Pampas, passando por outubro... Aí foi um alívio para nós, porque daí nós ganhamos apoio de intelectuais, ganhamos nosso primeiro deputado, o Edson (Cair), que já vinha alinhado conosco mas não tinha formalizado a participação. Aí, ele foi eleito como um dos onze da coordenação. E foi criado o movimento pelo PT, formalmente, dia 13 de outubro de 79. Esse movimento era um movimento informal e só sindicalista podia participar, porque nós só fazíamos reunião com sindicalista. Já tínhamos feito, numa tentativa de jogar para a sociedade, o lançamento do... Quer dizer, não é bem assim. Nós fizemos a primeira reunião pública, convidando o povo em geral para conversar sobre o PT. Isso foi em Belo Horizonte, na sub-sede dos Metalúrgicos, na cidade industrial, em Contagem. E lá, Mário Pedrosa foi o

patrono, assim, pusemos ele na mesa... A gente, naquela época, já tinha que buscá-lo no aeroporto, ele já estava bem esclerosado assim... mas a cabeça boa, mas o corpo bem combalido já. E ele fazia de tudo para estar em todos os lugares que a gente levava. Ele ajudou, por exemplo, a fazer esse meio de campo com o... Esse que deu a entrevista...

M.M. – Antonio Cândido.

P. S. – Não. O Antonio Candido, sim. Mas aí foi chover no molhado. Eu fui com o Mário Pedrosa e um ex-secretário particular dele que morava aqui, que faleceu recentemente, (como é que chamava ele? Esqueci agora. A memória começou a falhar) e fomos visitar Antônio Cândido na Vila Olímpia e no (Itaimbibi). Chegando lá, ele: “Não, eu já era, desde que eu li no jornal.” Quer dizer, chovendo no molhado, não é, a gente foi ganhar um cara que estava ganho. Mas aí nós trouxemos a notícia de que ele era, e aí foi uma comemoração, porque – tinha havido uma greve de professores na USP e ele tinha sido o grande líder – e não tinha um nome para se ombrear ao Fernando Henrique naquele momento, não tinha alguém para dizer não, eu tenho outro lado, eu tomei outro partido, dentro da intelectualidade. E quando nós pudemos anunciar, nós começamos a rachar a intelectualidade. Foi aí que nós fomos... Eu tomava cerveja, na saída do SEDEC, em frente a PUC, com o Welford, jogando o Welford antigo, de 68, o livro dele sobre autonomia sindical, etc., contra o Welford de 78, 79. Ganhei o Welford para o PT assim, reivindicando os próprios escritos dele. Pegava o livro dele: “Welford, você está indo na contramão do que você escreve.” Fernando Henrique não tinha falado para esquecer o que tinha escrito, não é, mas já estava praticando essa máxima. [risos] Então, veja, 13 de outubro, foi uma reunião, se você comparar com os encontros do partido que vieram depois, inclusive a da fundação, é pequena; mas pelo ineditismo, pelo marco do ponto de vista organizativo que foi dado, não é. E ali nós definimos os contornos do PT, assim, organizativo. Por exemplo, não tinha entrada e saída. O que é que era fazer parte do PT? Aí nós criamos o Movimento pelo PT. A gente tinha consciência que não tinha um partido ainda. Era baseado em núcleos. Cada núcleo tinha que ter vinte e um pelo menos. Podia ser por local de trabalho, por escola, por bairro, de preferência, para cobrir o território brasileiro todo. E os núcleos ganharam um dinamismo tão grande, que a gente... Na carta de princípio já tinha vindo – forme os núcleos e comunique a fundação do núcleo. Esse era o processo de formação do partido. Aí vinha, de todo lado, notícia, carta, telefonema, presença – teve gente que caminhou a pé quilômetros e quilômetros para ir levar ao Lula a ata de

formação do núcleo, no interior, lá na roça, lá não sei aonde. Foi um negócio muito bonito isso aí. Aqui, na capital, nós chegamos a ter duzentos núcleos, na época em que nós fizemos o 13 de outubro de 79, logo depois. Nós oficializamos... O documento que eu acho mais importante... Teve um documento, uma nota de conjuntura, uma nota, se posicionando sobre os temas da conjuntura, até com mais acerto do que a gente faria depois, porque depois, nós tivemos interferência aí de alguns grupos organizados que eram contra a bandeira da Constituinte. Naquele momento, nós éramos a favor, os sindicalistas, todos eram a favor da constituinte soberana, democrática. Depois, tinha grupos que tinha minhoca com relação à questão democrática e tal, achava que era besteira, coisa de burguês. E aí nós fomos seguidamente derrotados na questão da constituinte. Só ganhamos em 85, quando a burguesia já estava convocando o Congresso. Mas então, o que é que aconteceu? Tiramos a nota, oportuna para o momento político, se posicionando sobre os temas da conjuntura. Isso é importante, evidente. Mas nós tiramos um negócio que marcou o PT durante os primeiros anos e foi decisivo para estabelecer o ser, o pertencer ou não ao partido, que foi a Normas Transitórias de Funcionamento, onde você estabelecia que tinha uma coordenação nacional, que haveria coordenações estaduais e que havia uma base de militantes organizados em núcleos, com vinte e um no mínimo.

M.M. – Esse processo organizativo, esse modelo, era de influência mais dos grupos organizados, que vinham das organizações de esquerda?

P. S. – Não tinha ainda grupos organizados nesse momento.

M.M. – Não. Grupos organizados...

P. S. – Não, influência sim, claro. A nossa ideia, vamos falar a verdade...

M.M. – () o que você nos relatou, era de uma tradição diferente, por exemplo, de um Djalma Bom, porque você tinha uma outra...

P. S. – Isso. Não, não há dúvida. Desde a estrela. Quando você falava da estrela, você estava pensando no internacionalismo, não é, dos cinco continentes, as cinco pontas, a simbologia do movimento socialista clássico. Quando você falava em núcleo, você estava pensando em célula, só que dentro de uma concepção de partido legal. Por que não célula de partido legal? Por isso que a gente fazia núcleo com vinte e um; isso obrigava a ser legal, porque células clandestinas não conseguiam manter clandestinidade com vinte e um em cada

local de reunião. Então, era uma forma, uma formulação, para dizer: é uma estrutura celular, isto é, é o momento de arregimentar a militância, tem muito militante querendo ajudar a construir o partido; e não vai ficar só nisso, nós vamos ter plenária, nós vamos ter encontro, nós vamos ter congresso, nós vamos ter formas organizativas provisórias adequadas a cada momento, para encampar todos os setores populares que buscam a militância política. Mas a ideia era ambiciosa, estava na carta de princípios: “incorporar a militância política ao cotidiano das amplas massas.” Dizia assim. Quer dizer, nós acreditávamos nisso, que a política era ruim para os socialistas, para os setores populares porque ela era coisa de minoria. Nós tínhamos que transformar a política numa coisa de maioria. Quer dizer, incorporar a atividade, acabar com o ranço contra a política, mostrar que é possível fazer política com pe maiúsculo, pelas causas coletivas, pela... Política venenosa.

A. F. – Nesse sentido que a Marieta está falando, pegando esse exemplo das normas transitórias, como é que era?...

P. S. – Havia sim. Porque há um momento em que os grupos entram para valer. E aí a influência é esmagadora. Só que, assim, no ritual. Na essência, nós fomos ganhar. E eu tinha consciência. É chato falar depois que aconteceu, não é. Mas eu tinha uma grande confiança nisso.

M.M. – Você tinha uma influência de trotskista, você tinha uma experiência de militância, diferente daqueles outros sindicalistas.

P. S. – Nossa! eu militei... Já era da juventude do Partido Comunista antes de 64. Eu era delegado sindical...

M.M. – A sua experiência ficou muito bem registrada no ...

P. S. – E quando eu soube da proposta que os (posadistas) já faziam lá em 66, foi a época que eu tive contato com eles, do POBS, Partido Operário Baseado nos Sindicatos, e depois o Mandel, que era o guru da OSI, da LIBELU digamos...

A. F. – O Mandel, não. O...

P. S. – Desculpe. O Lander. Escreveu, eu tenho até hoje, está guardado em algum lugar, numa revista lá da ORT, daquelas mais antigas, de 66, ele escreveu, ele teorizou a fundação de um partido baseado nos sindicatos; que não era exatamente o modelo inglês. Ele admitia

variantes e tal. Não era aquela coisa... o congresso que funda o PT, não é. Como a Convergência chegou a propor em março de 79, propôs que fosse assim. Na discussão da carta de princípios, propôs que fosse um congresso que fundasse, simultaneamente, a CUT e o PT. Um *lobby* político. E até com aquela ideia da esquerda, que depois foi muito presente na história do PT, de que o PT era um partido tático, apenas, para questão eleitoral. Um guarda-chuva. Então, a esquerda, que tem dificuldade de legalização, ela se abrigaria ali. Como fazia, de certa forma, quebrando o galho, no MDB. Então, é sim, claro que é. Remotamente...

A. F. – A influência.

P. S. – A influência, é claro. É acúmulo do movimento. Nesse sentido.

A. F. – Mas na hora de elaborar uma proposta de norma de funcionamento, como você estava falando... quem é que redigia um documento?

M.M. – Entre os núcleos. Esse processo.

P. S. – Eu tinha muita consciência...

M.M. – Você tinha participação importante.

P. S. – É. Por exemplo, eu me lembro, o local foi terrível. Foi na sala do João Lins, presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Caetano. Por que terrível? Ele era um pelego. Mas por causa da influência do Lula, do impacto do Lula no ABC, o João Lins sabia que o risco era pela esquerda, ele tinha uma oposição, inclusive, o irmão do Lula, o frei Chico, fazia parte dessa oposição. E o Lins se aproximou da gente. E o Lula tinha esse mérito, o Lula não afastava nenhum cara que fizesse movimento de aproximação. Já não era mesmo... Se o cara fosse um cara com maus antecedentes, nós não queríamos, a gente cortava, e o Lula não cortava. O João Lins, o cara de Campinas, nós fomos lá propor o PT. Eu fui junto. [ri]

[FINAL DA FITA 1-A]

M.M. – (.....)para redigir essas normas.

P. S. – Normas, essa proposta, porque havia um acordo com os sindicalistas

A. F. – Quer dizer, já tinham discutido uma ideia geral, e vocês colocaram no papel.

P. S. – É. O outro grupo, Manoel da Conceição, acho que o Jacob e o Olívio redigiram a norma política. Então houve uma distribuição.

M.M. – De tarefas.

P. S. – Isso. E a parte organizativa ficou comigo, até porque eu reivindiquei; eu achava que aquele era o momento de você dar estrutura ao movimento pelo PT. E eu senti aquela coisa madura, as pessoas pressionando, o Lula sentia isso...

M.M. – Isso é nesse período de outubro.

P. S. – Na preparação do 13 de outubro. E foi na... A gente foi trabalhar em São Caetano. Preparamos a reunião do Demarque na sala do João Lins, um pelego renomado. [ri]

M.M. – E essas normas foram aprovadas em outubro?

P. S. – Foram aprovadas. Foram aprovadas e tiveram um impacto. É isso que determinou a explosão do PT. Foi uma coisa maluca. Primeiro que já era uma explosão, só que não tinha... era uma coisa caótica.

M.M. – Discutia-se muito mas não formalizava.

P. S. – Não amarrava. Quer dizer, você ia pedir voto. Olha, eu estou convencido; mas como é que eu faço? Qual é seu número? Como é que eu entro na sua campanha? Era isso que faltava. E como nós éramos poucos, a pressão se concentrava, você sentia a pressão, a sociedade reclamando que você desse uma porta de entrada no partido. E a gente sentiu que o perigo que o PT corria era porque não tinha o concurso exatamente das pessoas que... sem nenhum interesse escuso, queriam participar do partido; que queriam pelo ideal, por concordar com a proposta, queriam se somar com o projeto generoso do partido. Um negócio espetacular. E quando nós oficializamos, mandamos essas decisões, publicamos, saiu um livreto do próprio partido e saiu um livro do Mario Pedrosa logo em seguida, onde o Mario, inclusive, punha uma carta que ele tinha endereçado ao Lula em julho de 78, quando nós estávamos no congresso da CNT. Ele comparava o Lula a ser o Bedel da classe trabalhadora brasileira. Ele contava rapidamente, num parágrafo, aquele Bedel, operário alemão que tinha construído o partido socialista na Alemanha. Um negócio interessantíssimo. E nesse livro

que sai, sai no final de 79, assim, nós tínhamos acabado de resolver o 13 de outubro, quando foi em novembro ou dezembro sai o livro do Mario, com a carta de princípios, o documento político de 13 de outubro e uns documentos anteriores. Só que ele próprio fala bem, no livro, do Fernando Henrique, na introdução, ele fala que estava despontando intelectuais de valor e tal, e cita, textualmente, Fernando Henrique. Mas isso é desculpável. Não dava para todo mundo ver naquela época. A fama do Fernando Henrique era uma coisa, ele era outro.

M.M. – De uma certa forma, o Fernando Henrique competia com o Lula.

P. S. – Competia. Ele tinha um projeto. Não era muito diferente do que ele acabou fazendo. Mas tinha mediações que... Ele pretendia arrastar uma parte da esquerda para o centro e depois para um centro liberal. A ideia dele era fazer um trânsito primeiro e depois abrir esse... E tinha gente que já falava que ele era assim, que ele seria um liberal, quer dizer, um liberal, não no verdadeiro sentido, no sentido pejorativo: um neoliberal.

M.M. – Mas aí? Ponto seguinte.

P. S. – Bom. Ponto seguinte. Aí vem um período importantíssimo. Fundamos o PT. Tinha algumas coisas marcadas. Em seguida, tinha uma reunião em Osasco, a primeira reunião da coordenação nacional, com dois representantes de cada estado, e tinha um calendário, porque, logo em seguida do dia 10 de fevereiro, a ditadura editou novas normas eleitorais, partidárias; aí invalidou de certa forma o ato de fundação, isto é, tornou ele menos importante, o que nós havíamos feito, que era decisivo para começar a vida, a ter o registro, passou a ser menos importante. Aí tinha que fazer... As regras foram draconianas. Tinha que organizar, pelo menos... eu não me lembro o número de estados mas era um número relativamente exigente, tipo onze estados, uma coisa assim, tinha que ter... Ou então fazer um partido – que nem o PSOL agora, quer dizer, fazer um partido com os parlamentares. Se tivesse dez por cento dos parlamentares, você não precisava filiar... aquelas exigências todas. Quer dizer, aquilo substituíam... E foi interessante porque, claro, o partido não tinha nem como pensar em ter dez por cento dos parlamentares, não tinha matéria-prima no Congresso nacional para isso, nós íamos ter que fazer os parlamentares. Já que era assim, era melhor fazer, cumprir as regras e organizar pela base do partido. Então, vamos dizer assim, a ditadura acabou nos ajudando a fazer o PT que saiu.

M.M. – Porque obrigava que vocês efetivamente mobilizassem nos vários estados.

P. S. – Obrigava. Tinha que sair e filiar. Olha, só para ter uma ideia. Nós tínhamos, na pesquisa, dezenove por cento. Eu me lembro, na semana da fundação, um dos grandes institutos, parece que foi o Gallup, dizia que dezenove por cento da população tinha simpatia pelo PT, e o PT mesmo nem existia, estava acabando de ser proclamado, quer dizer tinha um movimento pelo PT. E aí nós tínhamos que... fomos surpreendidos, na reunião de Osasco, em março, teve incidentes assim, o José Ibrahim sempre trombando com o Lula, porque os dois eram muito bicudos, os dois eram muito famosos; o José Ibrahim, mais na militância e o Lula já com a base de massa, era o nome, a novidade, a coisa que estava surgindo no mundo do trabalho, havia uma grande curiosidade e simpatia; apesar de que falavam muito mal da gente já naquele momento. Mas... Então, na reunião de Osasco, tinha sido editado essas novas normas do TSE, aí nós tivemos de readaptar nosso calendário. Eu já tinha saído com uma placa para... em maio, 13 de maio, nós íamos, até pela abolição, nós íamos fazer um novo encontro nacional e completar; aí, aprovava o programa, o programa do partido e aprovava o estatuto. Ainda não tinha aprovado o estatuto. O grande dilema nosso era que, nesses poucos meses que oficializamos o núcleos, os núcleos se tornaram uma coisa tão cara ao partido que ninguém... tirando os infiltrados, o José Aníbal, o Osmar, o alemão e o Vanderlide, que foram os caras que saíram em julho – foram eleitos em junho e saíram em julho – do partido, alegando que o partido não defendia as bandeiras democráticas, não era a favor da Constituinte. Tirando esses, era unânime no partido que nós tínhamos que continuar sendo um partido baseado em núcleos. Só que aí o estatuto era que nem no sindicato, era um estatuto padrão, e não tinha como dar poder aos núcleos, não tinha como tornar os núcleos deliberativos. Eu me lembro que fizemos uma comissão com o Plínio de Arruda, porque os companheiros disseram: não, se tiver condições, ele vai encontrar um jeito, uma forma de driblar a legislação e fazer os núcleos continuar ter poder dentro do partido. Não teve. Ele fez o possível, (ao que parece, não é, nunca ninguém disse o contrário) mas não conseguiu. Daí por diante os núcleos foram definhando. Mas eram tão fortes que duraram durante anos. Eu me lembro, o (Sipote) falava, quando eles ganharam a prefeitura de Santo André pela primeira vez, que os núcleos tinham sido decisivos. Eles tinham sessenta núcleos em Santo André. Só para ter uma ideia. E havia assim... uma pena assim, como se tivesse abrindo mão, quer dizer, em prol da legalização, que era fundamental, abrindo mão de um patrimônio extraordinário. Estava perdendo. Havia esse sentimento. E esta nova data, 31 de maio e 1º de junho, foi onde deu para colocar o encontro nacional. Quer dizer, nós tínhamos feito encontro

nacional em 10 de fevereiro. Mas aí a legislação obrigava que a gente fizesse programa do partido e o estatuto do partido, e aí que deflagrava a filiação oficial. Nós já tínhamos, só na fundação, 10 de fevereiro, nós já tínhamos quatorze mil filiados. Só que com uma ficha... que nós pegamos emprestado do PMDB...

M.M. – É. Era um papelzinho. Xerocava aquele papelzinho e ia distribuindo.

P. S. – Tiramos o nome do MDB, pusemos o do PT, a estrelinha, xerocava e tal. Tinha quatorze mil. Para se inscrever como delegado, na fundação, quatorze mil filiados. Nós fomos iniciar, em primeiro de junho, com vinte e seis mil. E quando nós terminamos o processo, nós tínhamos uns duzentos mil mais ou menos, um ano depois, quando nós pensamos em ir para Brasília para entregar...

M.M. – Registrar.

P. S. – O registro, é. Mas foi uma obra de engenharia humana extraordinária.

M.M. – Paulo, você teve um papel importante nessa organização interna do PT, de articulação entre essas diferentes forças que circulavam em torno do Lula e dos sindicalistas do ABC. Mas quando chegou na hora, propriamente, da criação da primeira comissão diretora provisória, depois, da executiva nacional, você não participou desses postos fundamentais do PT. Por que você, que tinha um papel importante nisso, ficou de fora?

P. S. – É. Isso foi uma coisa que eu não falei para, talvez, mais do que duas ou três pessoas até hoje, sobre isso. Mas hoje, não é um assunto que crie problemas mais dentro do partido. Porque eles criaram muito problema.

M.M. – A gente gostaria que você falasse. Depois, se você não quiser que essa parte do depoimento seja divulgada...

P. S. – Não, não. Hoje, para mim, é história. E é uma história importante.

M.M. – Porque eu acho que é importante. Eu me dei ao trabalho de levantar, durante toda a década de 80, olhar todas as executivas nacionais, todos os diretórios nacionais e só tem um em que você está.

P. S. – Só no primeiro.

M.M. – É, no primeiro. Assim mesmo, no diretório, que tinha... sei lá, não sei quantas pessoas.

P. S. – É. Eu estava fora da executiva do primeiro de junho.

M.M. – Então, é uma coisa que surpreende qualquer pesquisador.

P. S. – É. Pelo seguinte. Esse calendário, dia 31 de maio é sábado e primeiro de junho de 80 é domingo, ele foi antecipado, por isso que ele até teve que ser adiado, por encontros estaduais. Nós nunca tínhamos feito assim. Da fundação não foi assim. Eram encontros municipais de núcleo, do núcleo vinha para o encontro nacional. Aí era impossível fazer um encontro, naquele momento, sem estrutura nenhuma –, o partido não tinha estrutura, não tinha ainda organizado coisa de função, finanças, nada –, fazer um encontro com vinte e seis mil. Nós fizemos com quatorze mil; mas com vinte e seis mil, já ia exigir, no mínimo, mais que o dobro do Colégio Sion. Nós não tínhamos perna para isso. Aí resolvemos fazer a mediação. Até porque era necessário criar direções estaduais provisórias. Então, até uma semana antes, até o domingo anterior, tinha que os estados realizarem encontros estaduais. E o encontro de São Paulo foi exatamente na semana anterior, na Câmara Municipal. E aí foi um negócio decisivo, trágico, e eu acho que, aí sim, eu tive o maior papel que eu tive dentro do partido até hoje. Foi o momento em que eu acho que a minha atuação foi decisiva para o partido. Porque é importante registrar o seguinte. 10 de fevereiro de 80 foi uma derrota acachapante para quem não queria o partido, e continuavam dentro do partido. Só que aí eu virei o diabo. Aí eu virei o diabo. Aí, se tivesse alguém capaz de pegar... fazer uma pesquisa... Não precisava de ir longe. Um único jornal. O *Jornal da Tarde*... Não. Aquele do *Estado*, o *Estadinho*, como era o nome?

A. F. – *Jornal da Tarde*.

P.S. – *Jornal da Tarde*. Aquele jornal, saía matérias me denegrindo, me entregando... Um dia saiu uma página inteira falando do camarada Maurício. Eu era presidente do sindicato, negociava com a Fiesp, eu era da coordenação nacional, era da Intersindical, eu era um cara de vida pública. Aí saiu uma matéria inteira sobre o camarada Maurício, que era eu. Eu nunca imaginei que o DOPS soubesse que um dia eu tinha usado esse codinome. Era uma coisa inédita. Não tinha sido preso e aí o cara estava mostrando minha ficha. Era uma ficha secreta. O *Estadinho* publica uma página, camarada Maurício... a pretexto de falar da cidade de Porto Ferreira, que era uma cidade perto de Pirassununga, a caminho de Ribeirão ali, que tinha a ver comigo. Eu tinha organizado... O meu tio, ferroviário, (eu já contei isso) era do Partido Comunista, tinha tido uma influência. E depois, quando ele já tinha se afastado, não

era tão ativo, era apenas um simpatizante, eu, já jovem, fui lá, organizei. Quando nós começamos a organizar o PT, um dos primeiros lugares que surgiu núcleo do PT era lá, porque tinha aquela facilidade, o pessoal estava esperando por isso. E de repente sai uma reportagem sobre a cidade vermelha, algo assim, uma cidade de comunistas. E o camarada Maurício... Mas negócio a pretexto de nada. E todo dia era uma notinha aqui, denegrindo: o bolchevique voltou outra vez. Aquele negócio que “o PT é um risco. É muito bom o PT, mas... olha, tem setores... e são expressados pelo senhor Paulo Skromov... Aquele negócio. Isso, direto ali, direto, direto. Teve um dia que o meu sindicato assumiu...

A. F. –O sobrenome russo ajuda também, não é. [ri]

P. S. – É. Você imagine. Até o vice-presidente do sindicato, que eu era o presidente, organizou, à minha revelia, uma comissão e foi até a redação do jornal. E descobriu que era alguém do PT, que fazia parte da secretaria que eu tomava conta, que era a secretaria de imprensa, que plantava aquilo. E é um negócio terrível descobrir isso, descobrir que era um companheiro que eu me reunia com ele para fazer a imprensa do PT. E não era uma atitude dele. Ele era um militante de um grupo político da esquerda que achava que o partido era... com a minha presença, era perigoso o PT se tornar um partido revolucionário. Olha os temores. A esquerda às vezes sentia a inferioridade da proposta, que eles proclamavam que o PT era apenas um... é um partido institucional, não sei o que e tal. Com a história que o PT tinha, já não era para dizer isso. Nós não tínhamos nascido dentro do parlamento, nós tínhamos nascido fora, nos movimentos sociais, como é que você ia dizer que o partido era institucional? Já era um medo. Porque, o que é que era a esquerda naquele momento? É difícil vislumbrar isso com a realidade de hoje, que não tem mais isso; tirando talvez o PCBR, que adota sistematicamente. [ri] Mas isso é uma coisa raríssima. Naquela época, todos os grupos de esquerda achavam-se... que era um núcleo da formação do partido revolucionário. Todos achavam. A leitura da experiência bolchevique deles era de que tinha que ter um órgão central, um isca, e essa faísca, essa chispa ia se espalhar por todas as consciências; e, pelo exemplo, todos iriam engrossar as fileiras ou da AP ou do OSI ou da Convergência... Todos se achavam... O Lênin e o Trotsky da revolução já estavam prontos. Só faltava agora os militantes. Só faltava tamanho, não é. O embrião estava feito. Parece ridículo você falar isso, parece que.. Não. Mas isso era uma coisa forte naquela época. Não era de brincadeira. Quer dizer, o MEP tinha três mil militantes, a OSI, quando eu saí, que fui

expulso em abril de 78, a OSI tinha mais de mil militantes. Só as tendências antigas tinha seiscentos e pouco, em São Paulo. Em São Paulo. E já estava se espalhando pelo país. Nós saímos com trinta a quatro operários. Durante um tempo, eles chamavam a gente de Fração Operária da OSI, para designar. Mas não havia grupo, porque nós saímos; em seguida, trombamos com o Lula e tomamos a locomotiva da fundação do PT. E para que ia fazer grupo? O sonho era formar um partido operário de massa.

A. F. – E esse companheiro que estava dando a notícia era de que grupo?

P. S. – Da AP. E aí eu fiquei até desconfiado do Perseu. Eu estou aqui na Fundação Perseu Abramo mas... fiquei magoado. Porque eu tinha chamado ele, ele é que fez a equipe. Claro, eu fui... secretário de imprensa, eu ia chamar quem? Chamei o Perseu. E ele veio, sem nenhum... E nós éramos adversários na Lapa, no núcleo do PT da Lapa. Eles até fundaram, separaram. Primeiro era uma sede só, na rua Gatão, depois eles alugaram uma outra sede, junto com o pessoal MEP. Mas, mesmo assim, tinha uma unidade muito grande. Nós fazíamos encontros... na época, não era voto em urna, nós tínhamos que ficar... Para fazer um encontro para fazer, depois, o estadual, nós fizemos um encontro na Lapa; reunia seiscentos, setecentos militantes, discutindo, de manhã até a noite, e abrindo a urna às quatro e meia da tarde para votar e às cinco horas apurava. E quem não tivesse participado do debate não votava. Era um puta de um processo politizado. Só que, na época, era muito mais ideologia que política. A gente não sabia fazer política ainda. A gente tinha a massa mas não tinha as pontes. E era um confronto de ideologias, na verdade. Então, o MEP que era contra a constituinte e nós que éramos a favor; mas até você explicar como é que um trotskista é a favor, como é que um comunista é contra, não é. Então... esse era o debate, por incrível que pareça. E o PT também, como é que devia ser o PT, essa concepção. Mas aí tinha muita, digamos assim, caricatura. A discussão foi caricatural. Ela não ia fundo. Num primeiro momento, partido de quadro, partido de massa. Na verdade, se tinha clareza desde o primeiro momento, isso nunca foi minhoca para a gente, que tinha que ter quadro mas tinha que ter massa. Que ele era um partido de massa, mas que tinha que ter quadro, tinha que ter um setor estruturado, uma coluna vertebral. Só isso. Não podia ser um partido desmilinguido.

M.M. – Mas então, essa coisa das pessoas ficarem te queimando foi que explicou...

P. S. – Queimando... Mas não, por que acontecia isso? Porque havia disputa. Aquele conjunto de quatorze mil, olha, pelo menos uns oito mil ainda tinha uma influência forte da

esquerda; mesmo quando vinha como comissão eclesial, não tinha essa separação. Assim como o sindicalista tinha eu, que tinha tido a experiência, nas comissões eclesiais tinha o frei Beto, tinha um monte de gente que tinha passado pela esquerda. Não tinha ninguém só igreja, só sindicalista ou só esquerda.

M.M. – Se misturavam.

P. S. – É. Tudo ligado. Não havia essa separação. É claro que agora, você tentando descrever o processo, você já vai falando dessa maneira... mas é um esquema. E não era um esquema, era uma realidade viva. Então, o que é que acontecia? Em São Paulo... E os problemas do PT sempre...

M.M. – Foram em São Paulo. Porque era mais forte também.

P. S. – É, sempre foram em São Paulo. Em São Paulo, eu tinha uma maioria no partido. E eu não gostaria de ter, porque, não é eu que tinha feito, dessa maneira que veio a mim. Porque eles acreditaram no jornal. Aquela propaganda contra mim tornou-se uma propaganda, na base do petismo, a favor. Quer dizer, eu acabei virando o guru da ultraesquerda. Todos que queriam transformar o PT da noite para o dia num partido revolucionário... Eu queria transformar o PT num partido revolucionário. Aliás, acho que ele vai ser ainda. Acho que vai ser. Não por que vai ser no () leninista, mas por que vai cumprir um papel revolucionário no futuro desse país. E assim que eu pensava já naquele momento. Só que aí, como eu tinha sido trotskista, eu tinha sido fundador da OSI, eu tinha sido fundador da Organização Marxista, eu tinha ajudado na origem da Convergência quando eu estive exilado em Buenos Aires, e por uma série de fatores, criou-se uma expectativa desses setores e que tinham uma presença forte em São Paulo, e vieram manifestar, dizer: Paulo, estamos com você. Vamos ganhar esse encontro estadual e não sei o quê e tal. Eu: pelo amor de Deus! Não pode ter duas chapas. É fundação. É chapa única. É momento de unidade. Nós estamos com a burguesia aí... Aquele negócio. Mas não adiantava. A ditadura está aí ainda. O que acontece? À minha revelia, esses setores foram se preparando para o Paulo. E o outro lado... E aí tinha provocações na rua. Eu me lembro que um dia, eu entrei num bar perto do escritório do Airton Soares, que todo mundo frequentava, ali na Brigadeiro, ali naquela Jaceguai, e o Airton Soares chegou para mim: “Já escolheu o nome do seu partido? Porque vocês vão ser expulsos, estão fora.” Era assim. E aí, o pior disso é que, se eu quisesse, eu ganhava. E isso não é jactância, não é nada. É um fato. Só que não era para

mim, não era do jeito que eu pensava o partido. Eu ganhava, desde que eu fosse refém desses setores. Sabe como é chegar no encontro estadual do partido dessa maneira? E o pior: o lado de lá estava infiltrado pelo MR-8. Eu fui na casa do Lula na véspera. Foi até quando eu conheci o novo secretário-geral do PCB. Quando ele me apresentou esse menino que agora é vereador em São Bernardo, que já foi deputado...

A. F. –Faclindo?

P. S. – Faclindo. Ele era um garoto de dezoito, dezenove anos. E esse novo secretário, que estava no lugar do Prestes, foi se apresentar ao Lula na casa dele, e eu estava lá, na véspera do encontro estadual. O frei Beto estava morando lá. Mas ele não veio até a sala, ficou lá no fundo, lá, que ele estava dormindo lá no fundo. Só para lembrar a circunstância. Então...

A. F. –O frei Beto estava morando na casa do Lula?

P. S. – Então eu fui falar com o Lula. O que é que eu fui falar? Eu não quero ter duas chapas. Mas se esses setores querem que eu fique na direção, não faça nenhuma besteira de me tirar da direção. Porque eu tinha ido... Manoel da Conceição era supergentil comigo. Era um cara que... puxa! Até nós ajudamos trazê-lo para o PT. Ia para o PMDB e acabou vindo para o PT. Nós secamos ele desde o aeroporto, viajando do Rio para cá junto com outro preso político importante lá do Recife. E nós tínhamos uma relação pessoal desde a fundação. Principalmente na fundação, nós trabalhamos juntos, foi um negócio *legal*. Muita gente estava ressentida com Manoel, achou que ele roubou a cena na fundação, porque, como presidente, eu tive que chamar ele duas, três vezes porque ele não estava. E estava logo ali. De repente, eu chamo... que eu não estou vendo, no meio daqueles seiscentos, setecentas pessoas, eu chamo: Manoel da Conceição, venha assinar a ficha. E eu ia falando, fazendo uma biografia do companheiro que estava se dirigindo. E cadê o Manoel? Aí, todo mundo... Mais uma vez, eu olhei para o plenário, Manoel já tinha voltado, aí eu chamei de novo. Ele não estava outra vez. Estava, como dizia o Bruno, no banheiro, fazendo procela. Aí eu desisti. Lá pelas tantas, alguém, acho que até alguém ligado a ele me cutucou, falou: “Manoel está aí. Pode chamar.” Aí eu chamei pela terceira vez. Finalmente. E todo mundo curioso em saber quem era o Manoel. Porque quando chamamos o Apolônio foi uma...

M.M. – Ovação.

P. S. – É. Herói da guerra civil espanhola, personagem do Jorge Amado e não sei o quê... Tudo que ele tinha direito, não é. E o Manoel, nós tínhamos tentado criar um outro momento assim. Só que ele mesmo ajudou a criar um momento diferente. Chamou a atenção, roubou a cena, não é, como diz no teatro. Porque ele sumiu na hora que foi chamado, de repente, eu chamo, aí, finalmente, ele aparece. Todo mundo estava esperando para ver a cara dele, ver se ele estava manco mesmo, se faltava uma perna... aquelas coisas, não é, que era típico. O pessoal só ouvia falar que ele era refugiado, estava na Europa. A imensa maioria nunca tinha visto o Manoel. E tinha gente com bronca dele por causa disso. Sabe aquele negócio, já tinha esse ciúminho, sabe. Ah! porque Manoel roubou a cena. Sacanagem, não sei o quê. Acabou sendo o cara mais esperado da fundação. Eu não, eu achei que foi sem querer, nunca pensei isso dele. Achei que ele estava preocupado em conversar e saiu na hora que eu chamei. E.. puta, ele não saía da minha casa. Ele participou de várias reuniões do meu núcleo. Ele ficou por aqui. De repente ele resolve ir para o Recife. E tinha o encontro estadual do Recife. Foi quinze dias antes. Eu tento e vou. Alguns companheiros me convidaram, eu fui. E eu só tinha o endereço do Manoel. Quando eu chego lá, tinha uma reunião da AP dentro do apartamento e estavam discutindo como me excluir. [ri] Aí eu, por constrangimento, eu não tinha outro lugar para ir, eu não tinha dinheiro, não é, e eu tive que ficar no apartamento, e aí eu me toquei: olha, estou com sono, vou dormir. E me tranquei. Eles estavam fazendo uma reunião de como me excluir. Havia uma conspiração nacional, exageravam a minha importância. A esquerda achava que o grande obstáculo entre eles e o Lula era eu. Que o PT seria muito mais fácil de manipular...

A. F. –E você acha que por essa caracterização que você está falando, AP de um lado e você do outro, tinha uma noção anti-trotskista nisso?

P. S. – Tinha, claro. Mas não é isso que determinou. Era o que eles imaginavam que eu fazia dentro do PT. Que eu era um obstáculo para...

M.M. – Aproximação do Lula com eles.

P. S. – É. Os grupos de esquerda achavam o seguinte: Skromov é um louco. Ele está querendo fazer o PT engolfar a esquerda, quer dizer, assimilar a esquerda, diluir a esquerda no PT. E nós não aceitamos. Nós somos o partido revolucionário. Esse cara é um louco. Nós vamos ter que eliminar. Ele é perigoso. Algo assim. Era assim que eu via e é assim que eu vejo. Claro que era fantasma. Mas eles agiam em função desses medos. Quando eu fui a casa

do Lula, não tinha mais como reverter, mas eu tinha que ir. Nós tínhamos caminhado juntos até aquele momento. Aí falei: “Lula, se eu lançar a chapa, eu corro o risco de ganhar. E se eu ganhar, eu não sei o que eu faço. Porque eu não quero fazer o PT sem você, sem ninguém.” Eu sabia que, se eu ganhasse, eles saíam do PT. É fato. Isso é um fato. Qualquer um que descrever essa tensão dentro e na véspera do encontro estadual vai saber que é isso. Se você pegar o editorial da *Folha* do dia seguinte, da segunda-feira....

[FINAL DA FITA 1]

P. S. – (...) A AP estava contra, o PCBR estava contra, o pessoal do MR-8 que estava infiltrado estava contra, a Ala Vermelha estava contra, tinha um monte de gente contra. Mas no encontro estadual, eu podia, tranquilamente, se eu tivesse aceito cumprir o papel que depositavam nas minhas costas. E eu sabia. Bom, mas aí não é o PT. Não é esse partido que nós temos trabalhado. Eu não vejo como construir o PT sem o Lula, eu falei, então não vou lançar chapa. Aí chamei o José Ibrahim, falei: “Zé, você está liberado, você não precisa ficar comigo. Porque os caras não estão te vetando. Você vai lá e entra.” Chamei o Manoel da Conceição, disse a mesma coisa. Chamei o MEP, o Luís Antonio, chamei o... o Luis Antonio, que era um carioca que dirigia o MEP aqui.

A. F. – É conselheiro da Fundação, o Luisão.

P. S. – É? Falei para ele: “Luís não fica comigo, senão você vai ficar com o veto deles. Não tem sentido para vocês.” Aí eles foram, numa boa, procuraram... Era tudo que eles queriam.

M.M. – Esse encontro foi quando?

P. S. – Foi na semana anterior ao 31, no sábado, 24. É, sete dias. 24, 25.

A. F. – De maio. Maio de 80.

P. S. – De maio. Na Câmara. E nesse encontro, ainda eu tive uma batalha dentro do encontro. E aí é fundamental para a história do partido, porque isso, depois, marcou de maneira ruim o partido, nos anos seguintes. Mesmo sem a minha presença, mesmo eu não disputando mais, porque eu não disputei mais o partido. Qual era o problema? Só tinha um jeito de eu não entrar na direção. Quando eu liberei, eu fiquei com um terço do encontro.

Liberei o Manoel, o José Ibrahim e o MEP, eu fiquei com um terço, para você ter uma ideia que eu estava realmente em maioria. Aquilo confirmou. Só que esses que foram para lá, tinha uma votação preliminar que era decisiva, se eu ficava ou não na executiva. E você, na época, podia ficar na estadual e podia ficar na nacional. Então eu, para garantir que não ficaria fora, eu tinha que entrar na estadual, ainda que depois, eu me afastasse, entrasse um suplente. Depois de garantir a estadual. Mas tinha esses cálculos. E teve uma discussão... E o Weffort foi escolhido como presidente do encontro da estadual. Era a estreia dele no PT. Ele já tinha participado de reuniões conosco, mas não como petista. 13 de outubro, ele estava, 10 de fevereiro, ele estava, mas não como petista. Aí, dia 31 de maio, ele estava como petista, com ficha assinada, tudo. Aí foi uma questão decisiva: proporcionalidade na executiva. Na direção, era tranquilo, todo mundo concordava que tinha que ter proporcionalidade. A direção é um órgão amplo, quarenta pessoas ou, aqui no estado, trinta e poucos, quase quarenta, a primeira. Executiva era um órgão restrito, nove, onze. Era uma coisa pequena. E a ideia toda era entrar na direção cotidiana, na executiva. Porque a direção ampliada, naquele momento, era menos acionada ainda do que hoje. Não tinha estrutura para fazer reunião, então as reuniões eram muito raras; então, era uma espécie de conselho de anciãos, que de vez em quando você chamava. Não apitava na verdade. A não ser assim, num caso de ética, uma coisa assim. E aí teve uma preliminar, eles levantam, para não ter proporcionalidade na executiva. Eu falei: meu Deus! Eu pensei que aí, tendo dispensado o pessoal, não havia mais risco de perder, eu lançava uma chapa, entrava na proporção. Aí teve essa preliminar. E o Osmarzinho faz a defesa contra a proporcionalidade. Como ele era muito malvisto, não ajudava ser ele o defensor. E aí um companheiro metalúrgico de São Bernardo toma a palavra – que era companheiro do Ferrerinha, trabalhava na mesma fábrica do Ferrerinha, que era o João Batista, que era um dos meninos que tinha vindo de Porto Ferreira – toma a palavra e defende a favor da proporcionalidade. Aí põe em votação e, claramente, eu ganhei. O Welford, o que é que ele faz? “Olha, empatou. Pelo olhómetro aqui, empatou. Vamos ter que votar em urna.” “Não. Repete, vamos olhar. Pega um de cada...” “Não. Vamos votar em urna.” Uma fila aqui para quem é a favor da proporcionalidade e uma fila aqui, quem é contra a proporcionalidade. Olha que absurdo. Você vai protestar numa mesa que já foi resolvido, e já mandou fazer a fila e tal. Nós tivemos que mandar os mesários para cada urna, os fiscais, e aquele monte de gente. Para você ter uma ideia, empatou: trezentos e poucos a trezentos e poucos. Empatou! na contagem. E os caras vinham na nossa fila e arrancavam,

ameaçando, cortejando, de todo tipo. E a gente gritava: olha que absurdo estão fazendo aí e tal. Os caras vinham, sabe. Eles viam um amigo, um colega na outra fila, iam lá buscar. Um negócio... Foi uma vergonha. E aí abriu a urna. Empatou novamente. Com tudo isso, empatou novamente. Aí, nova defesa. Os mesmos. Ninguém tinha coragem de fazer a defesa contra a proporcionalidade, embora tivesse muito voto, não é. (Mas tinha porquê. Está todo mundo aí.) Aí, de novo, repetiu a defesa, fez a fila... Empatou de novo. Olha o tempo que levou. Três horas numa votação dessa. Aí ficou aquele impasse: e aí? O próprio Welford perguntou para o plenário: “E agora, o que é que faço? Não tem nada previsto nessa situação?” Aí alguém cutucou ele, ele pegou falou: “Ah! puxa vida, eu não votei, esqueci de votar.” Olha que coisa bárbara. Acho que é por isso que eles não gostam de contar esse episódio. [ri] E aí ele deu o voto dele de Minerva. Eu não tinha muito que ficar protestando porque, para mim, o principal estava salvo; dos riscos, não era o pior o que estava acontecendo. Eu não tinha o PT para mim, não era uma questão pessoal. Eu gostaria, claro, de continuar participando. Era um ângulo de vivência daquela experiência extraordinária. Eu curtia muito ser da direção nacional executiva naquele momento. Puta merda! Foi muito interessante. Um negócio apaixonante. Sabe, você vê a coisa acontecer, você planejar, e a coisa vai se modificando e vai criando essa coisa extraordinária que é a organização de milhares, no fundo, no fundo, de milhões. Mas eu sabia da importância histórica daquilo. Eu sempre tive um olhar distanciado também. É claro que eu estava envolvido emocionalmente, claro que eu fiquei chocado com tudo aquilo. Eu cheguei num ponto que eu não conseguia falar, que eu ia chorar, eu ia... Mas avalei friamente, eu falei: eu ainda tenho algumas batalhas. Porque eu tinha medo da infiltração do MR-8. Que eu, ao tentar denunciar para o Lula, mais me afastei dele. Porque você não podia...

M.M. – Nesse período, você se afastou do Lula também.?

P. S. – Não. Para você ter uma ideia, Lula vai no meu congresso, em outubro de 80, no meu sindicato, ele vai lá. Eu tenho foto. Aquela que ele está bem barbudo, do meu lado assim. 8 de outubro. Eu tomava posse no dia da morte do Che. 8 de outubro de 1980. Era a posse da minha... uma das posses que eu tomei como presidente do sindicato. Lula foi lá, sozinho, sem assessores, sem nada. Até porque os outros eram tão sectários que não aceitavam ainda o meu sindicato. Era um clima...

M.M. – Pesado.

P. S. – Pesado. Então, nada disso. Quando chegavam os dirigentes sindicais, eles não sabiam do caso de São Paulo e mesmo no encontro nacional, eu fui tão discreto que a minha exclusão, para muita gente, passou despercebida. Eu não queria criar problema; eu sabia que o PT ia enfrentar um problema muito pior. A partir dali, do encontro estadual, eu me preocupei só com uma coisa: ter uma maioria avisada em relação ao MR-8, em relação a José Aníbal, Osmar... E o José Aníbal colocou Osmar na executiva como secretário-geral, no dia primeiro de outubro, no domingo seguinte, e colocou Vanderli Farias como secretário de imprensa, no meu lugar; que eu era secretário de imprensa de 10 de fevereiro. Quando chegou em julho... Veja. Em junho, eles foram eleitos, dia primeiro de junho. Lá pelo dia 17, em meados de julho, eles lançam um manifesto nacional. Além dos dois dirigentes da executiva nacional abandonavam o partido, um monte de militantes atrás, assinavam o manifesto lá, cinquenta, sessenta militantes, em vários estados, não apenas em São Paulo e Paraíba, tinha militante do Pará que assinava o manifesto – rompendo, dizendo que o Partido dos Trabalhadores era sectário, não defendia a Assembleia Nacional Constituinte. E os companheiros da Paraíba, certamente... Lá, tem um companheiro que valia a pena vocês entrevistarem, é o presidente do Sindicato dos Têxteis, o Edvan Silva. Hoje, parece que ele é da Articulação de Esquerda, alguma coisa assim. Mas ele acompanhou bem esse processo lá. Bom. Fora outros.

A. F. –Deixa eu perguntar uma coisa. Eu fiquei curioso. Você mencionou vários grupos organizados que estavam presentes, como é que cada um foi se posicionando...

P. S. – Você entendeu o drama? Pessoal e histórico.

A. F. –Entendi. Eu senti falta de uma menção. Eu sei que várias pessoas que entraram no partido tinham essa relação, que era a ALN.

P. S. – Não, nesse momento, não tinha importância. Não tinha. O José Dirceu estavam no encontro da fundação, não ergueu o braço nem para aprovar, nem para desaprovar o partido. Deu a entender, ele não estava... ele estava observando; ou por tentar ser discreto e tal. Mas todo mundo sabia que era ele. Ele já tinha tirado a plástica. Fevereiro de 80, a única coisa que eles... eles aí ajudaram, foi que a madre Cristina deu a sede do local para fazer o encontro.

M.M. – O colégio.

P. S. – Deu o colégio. Ela se filia depois de um ano. Todo eles se filiam no ano seguinte, em 81. A madre Cristina se filia. Gente muito boa. O próprio Genoíno se filiou em 81. Mas o Genoíno vem de outra história, do PC do B e tal. Mas o pessoal da ALN, eles não tinham pressa. Eles tinham certeza porque... o potencial que eles tinham, não é. [ri]

A. F. – Tem uma certa polêmica, acho que você deve lembrar disso, num dado momento, antes de sair do PT, o Paulo de Tarso mencionou que eles teriam se mantido organizados dentro do PT por muito mais tempo do que...

P. S. – Eles ficam mais porque eles eram muito recuados nesse negócio de partido de massa, não sei o quê. Eles estavam vindo de uma outra experiência. E estavam largando, estavam em trânsito para uma posição mais de resistência civil. Mas não estavam ainda... Eles não achavam aquilo tão importante.

A. F. – Quer dizer, nesse processo de 80, eles estavam acompanhando.

M.M. – Não tinham se engajado efetivamente.

P. S. – É. Eles estavam observando a coisa. Quando eles entram, eles entram pela CUT. Eles só vão... Eles constroem o poderio deles na CUT. E aí é um sistema pesado. Aí eles usam Cuba, eles usam a escola de quadros do exército lá, e faziam nos quartéis em Cuba. E todo mês ou a cada dois meses, cada turma, parece que era um mês, dois meses, ia cinquenta brasileiros, tudo escolhido a dedo, só lideranças sociais. Puta! um monte de amigo meu que foi de um jeito e voltou de outro. E eu tenho a apostila deles. Está toda rasgadinha e tal mas... Um dos companheiros que voltou do curso lá. E é coisa de arrepiar: eles mandavam assassinar os trotskistas. Para você ter uma ideia. Na apostila, era aquela velha orientação de que Trotsky era um agente do imperialismo, parecia um comunista, mas não era. Por isso mesmo era muito mais perigoso. E não tinha conserto... A esquerda usava um termo, para não chamar de assassinato. Era...

A. F. – Justiciamento.

P. S. – Justiciamento, é. Então você tinha: advertência, exclusão – até aí, tudo bem, ainda era um companheiro, não é [risos] – expulsão, aí era inimigo de classe, e justiciamento, se fosse um inimigo infiltrado, policial ou agente do imperialismo. Na esquerda, quase todo mundo, não é só a ALN, no meu grupo tinha esse estatuto também. Nunca executou. Nunca

soube de nada que chegasse próximo. Mas... Talvez, faltou oportunidade. [risos] É triste dizer isso, não é.

M.M. – É. Mas aí? Com esse quadro...

P. S. – Bom. Com esse quadro, o encontro estadual, como eu disse, se você tiver oportunidade de pegar a *Folha* do dia seguinte, do dia 26...

A. F. – De maio de 80.

P. S. – É. Aí então tem um daqueles editoriais fala: como é que pode, um partido começar excluindo da sua direção um terço dos militantes? A primeira vez que um órgão da imprensa burguesa, como nós chamávamos... de certa forma, tomaram as minhas dores, não é, para fazer, pelo menos, um elogio póstumo, não é. E eu que sempre fui um grande crítico da *Folha*, mesmo quando a *Folha* estava do nosso lado, nas campanhas das diretas, aquelas coisas, eu sempre tive alguns momentos de concordância. Outro foi quando houve aquele primeiro congresso e aquela questão do “fora Collor” e tal. Mas isso é outro assunto.

M.M. – É. É mais para a frente. Com essa exclusão, como é que ficava a sua situação dentro do PT?

P. S. – Eu fui execrado pela...

M.M. – Você ficou isolado?

P. S. – Não tinha a proporcionalidade, eu não lancei chapa, foi chapa única; só que a chapa teve apenas dois terços dos votos, um terço votou nulo, se absteve, sei lá. Não me recordo mais a modalidade de protesto que o pessoal que estava comigo fez. Só que você imagine, quando terminou o encontro, o que é que eles vieram falar para mim. “Por que você não quis ganhar o PT?” E eu, para explicar que o PT que eu ganharia não era o PT deles... Não entrava na cabeça deles. Porque eram companheiros organizados, achavam que era um... tudo era... era um momento, oportunidade única, histórica, um grupo de porra louca ia ganhar o PT. E eu ia ser um instrumento dessa barbaridade. Então, veja... E aí eu senti por que eu não tinha organizado o meu pessoal. Eu tinha um pessoal que não era isso; mas também não eram tantos, e era muito mais em nível nacional do que estadual. A nível nacional, com a construção do PT, eu tinha organizado pessoas que eram muito fiéis à minha orientação mas assim, por telefonar, por carta.

M.M. – Mas você já não tinha entrado na nacional também, não é?

P. S. – Não. Nacional é semana seguinte. Eu era da nacional, era um dos onze. E aí, é claro que eu sabia o que ia acontecer uma semana depois.

M.M. – Você estaria fora também.

P. S. – Claro. Por que eles não iam botar a mesma regra da não proporcionalidade? Porque, na estadual, eu tinha mais voto ainda do que na nacional. *(ao contrário)* Porque eu fui um dos caras que me certifiquei muito em viajar. Pouca gente, poucos dirigentes sindicais... E o meu sindicato não tinha capacidade financeira. E todo o PT foi construído a partir de bilhetes aéreos ou terrestres pagos pelo sindicato. Isso não tem (). Foi um partido construído pelo sindicato. A estrutura é dos sindicatos. E, nesse confronto, eu estava muito inferiorizado, porque os couros era um pequenino.

M.M. – Pobres. Eram os mais pobres.

P. S. – Os mais pobres. Imaginem quantas passagens por ano eles poderiam pagar para mim. Duas ou três. E eles podiam pagar duas ou três por semana, em qualquer um dos outros. Eu sabia então que ia chegar o encontro da semana seguinte, eu ia ser excluído. Mas isso já não me abalou. Quando eu fui para o encontro nacional...

M.M. – Já estava esperando o resultado.

P. S. – Já sabia. É claro que você conversava com os companheiros. O Lula, no encontro nacional, fez um discurso, em que ele elogia a grandeza do Paulo Skromov, na hora que anunciou a executiva, não é. Ele fala que esse resultado foi possível graças a grandeza... É o jeito dele. Malandro... Achando que estava resolvido, não é, me deu essa colher de chá. Mas eu falei na minha cabeça: não, está resolvido... Depende do que você fizer com o MR-8. Logo os caras vão te criar problema. Mas no encontro nacional, já estava preocupado em aprovar a Constituinte, já preocupado com a discussão; eu fui como um delegado ativo, aí já falei. No estadual, estava em estado de choque, não é, de ver aquilo tudo, eu nem falei, nem abri a boca. Mas perdemos, não é, o MEP, principalmente, a AP, mais por influência do MEP, porque eles concorriam, faziam trabalho junto com igreja. Estavam muito impactadas as comunidades eclesiais pelo trabalho dessas duas organizações. E o que eles passaram para esse povo? Que a luta pelas bandeiras democráticas era coisa de burguês, não era coisa de socialista, era coisa capitalista, aquelas coisas, cada um formulava de uma maneira; mas,

enfim, traição ao socialismo você fazer a luta pelas bandeiras democráticas. “Esse foi o erro do Partidão, do PC do B, no passado.” Aquele discurso. Olha só. E era um obrelismo, sei lá que diabo era isso; mas, enfim, era uma insensatez. Imagine, com a ditadura militar, todo mundo achando que a burguesia vai... Era uma tradição. O Mário Pedrosa falava isso para nós: “Cuidado com a burguesia desse país. Ela tem uma capacidade de se acertar por cima e rifar os de baixo...” Aí nós fomos vendo isso; nas diretas, era um movimento que parecia que tinha uma grande fraternidade entre todos os democratas, de repente...

M.M. – Na hora H...

P. S. – É. Puxavam o tapete. Nós fomos aprendendo isso. Bom. E aí, só fomos adotar acho que no quarto encontro, a constituinte soberana, democrática, quando era tarde demais, quando eles já estavam convocando o Congresso Constituinte e Tancredo estava eleito no colégio (eleitoral), quando nós resolvemos aderir à luta pela constituinte soberana e democrática. E aí, estamos pagando. Esta aí, ó, a reforma política que não... Essa Constituição cidadã fez avanços extraordinários em vários aspectos da nossa vida. E na questão da estrutura política, do processo político...

M.M. – Mas com muitos problemas, não é.

P. S. – É. Foi conservadora. Mas por quê? Porque você vai chamar deputado, senador, senador com oito anos, para perguntar quantos anos ele deve ter de mandato, ele vai dizer oito. Vai dizer, como é que faz campanha? É lista partidária? Não. É legenda, porque aí eu me aproveito das sobras do colega que foi eleito e elejo os filhos das putas também e... só que o mandato é meu, faço o que eu quero.

M.M. – E não do partido.

P. S. – Exatamente. Quer dizer, essa monstruosidade que é o sistema político brasileiro. Nós não percebemos, e o preço que nós pagamos por aquele esquerdismo besta de ser contra a Constituinte. Porque se nós tivéssemos ensinado ao povo qual a diferença entre uma assembleia – que podia funcionar paralelamente ao Congresso, não é, é coisa completamente... não tinha nada a ver, ao contrário – para reformar as mazelas do sistema político. E aí aceitamos o Congresso Constituinte. Que não foi mau em todos os aspectos. Criou essa Constituição que nós chamamos de cidadã, etc.. Mas ela não é cidadã no aspecto

do sistema político, ela foi extremamente conservadora, porque você não pode reunir o PCC e pedir para eles criar uma legislação anti PCC, não é?

M.M. – Não. Claro que não.

P. S. – E foi o que fizemos.

M.M. – Agora Paulo, voltando um pouco atrás. E as eleições de 82? A primeira eleição que o PT vai disputar. Como é que você se situa diante disso?

P. S. – Também, foi uma experiência muito interessante. Embora eu não tivesse sido candidato, eu era...

M.M. – Você não pensava em ser candidato não?

P. S. – Eu tinha medo de contribuir para uma coisa que está acontecendo agora. Depois, eu até me arrependi, acabei virando candidato, em 90. Eu fui candidato. Mas... Me arrependi assim, quer dizer, que eu podia ser pelo menos parte da bancada, naquele momento estava-se questionando o socialismo, foi uma coisa que me motivou muito. Foi o aspecto mais ideológico do que político, no sentido da disputa conjuntural. Mas naquele momento, eu tinha consciência de que o PT precisava aprender a fazer política. E eu próprio sabia que não sabia fazer. Sabia que eu tinha sido um organizador...

M.M. – Não. Sabia fazer política. Não sabia fazer política eleitoral, de ganhar eleição.

P. S. – Não, mas mesmo a política de... Você fazia bem a política no sindicato, que você disputava com o patrão parcelas de poder que estão aí na sociedade. Isso nós fazíamos bem. Mas na hora que você entrava para o terreno, digamos, da instituição, da política eleitoral, nós éramos de uma ingenuidade... Quer dizer, aquela campanha de 82, quando o pessoal faz aquela caricatura, que a gente deu a folha corrida... Isso aconteceu com vários países que passaram por ditadura. Eu me lembro da constituinte lá do Peru também, os companheiros apareciam bigodudo, barbudo e com aquela cara de clandestino, não é, e ainda dava o currículo de quantas vezes foi preso e condenado à morte... Lá tinha esse problema, não é. Ficou na ilha de El Frontón, não sei o quê. Isso eu vi, eu estava representando a CUT lá e vi essa... E achei parecido. Claro, nosso processo era menos agudo, a repressão não foi tão grave como no Chile, na Argentina, no Peru, mas tinha esse mesmo aspecto. Além disso,

o nosso discurso era esse, trabalhador vota em trabalhador, não é, não vote no patrão, coisa do tipo. Mais ou menos o que a Convergência faz hoje ainda. O PT fazia.

M.M. – Ainda tem. Tem algumas pessoas que continuam nessa.

A. F. –Vote o 13 e (rejuvenesça).

P. S. – Isso, é. Isso era PT, não era Convergência, em 82. E então, eu não achei que foi um fracasso; mas o balanço que o partido fez foi de derrota, depois de 82. Agora veja, aonde que eu cheguei perto de ser um candidato? Nem de longe. Mas... como eu era um nome que às vezes alguns lembravam, alguns saudosistas... E parecia um tempo enorme, não é, que tinha decorrido de 80 para 82. Tanto que dezenas de diretórios me indicaram para governador, para senador. Porque havia esse sistema de indicação. Até hoje tem, mas não para os majoritários. Naquela época, também para majoritário. Você escolher o governador, o presidente, etc., vinha a indicação do núcleo ou do diretório, dependendo da instância que representasse os militantes, os filiados. E eu, para minha surpresa, um dia, me chamaram para uma reunião na casa do Suplicy. Eu era da direção ampliada, mas ficava esperando a cada seis meses uma reunião. E de repente, me ligaram, “olha, tem uma reunião das pessoas que foram indicadas para governador e para senador.” Aí eu fui indicado. Aí fui na casa... Foi quando eu conheci a Marta. Ela tinha se filiado um ano antes.

M.M. – Isso foi em que ano?

P. S. – 82 já. Março, por aí, de 82, tinha havido um processo de consulta nas bases e tinha emergido uma série de nomes. Eu me lembro que até fiz uma besteira, na reunião, defendi o Paulo Azevedo, que era o presidente dos metroviários; e foi um dos primeiros casos de corrupção, mais tarde, no governo Erundina; que ele foi nomeado presidente da CNTC, que foi aquele cara que comprou as arruelas até o ano 3000. Lembra? Mas o partido o puniu exemplarmente. Hoje, ele é assessor de um deputado do PTB, lá de São Caetano. Mas, eu me lembro, nessa reunião então, eu senti um pouco o clima dos que estavam mais na frente do partido; mas eu estava fora, porque quem era da direção nacional formulava a política eleitoral, assim, mas mais ratificando o que a executiva já tinha discutido, e depois fazia um balanço da eleição. Então, a minha experiência direta... É claro que eu participei da campanha. Nunca perdi uma campanha do partido. Sempre fui militante. Aí passei a ser um militante de base. O que é que eu tinha para mobilizar? Eu tinha o sindicato.

M.M. – Você fica no sindicato até quando?

P. S. – Na verdade, eu fico até 95; só que não sou mais presidente há muitos anos já. Mas eu sou suplente de alguma coisa; e na verdade era muito mais um funcionário do sindicato.

M.M. – Mas como presidente.

P. S. – Como presidente...ah! logo eu saí também, eu fiquei mais um mandato só. Esse que o Lula presenciou a posse. Começou em 80, 83, final de outubro 83, já não era mais o presidente. Aí me levaram para federação. Nós conquistamos a federação. A gente ganhou o sindicato de Campinas, de Franca, uma série de outros, do Rio. Bom, aí a experiência minha foi, no cotidiano, voltou a ser puramente sindical. Em 83, eu fiz uma incursão, não sei se vale a pena se referir, que eu até me orgulho de ter ajudado, que foi ajudar os índios aqui de São Paulo, da capital, aqui do litoral, a conseguir as terras deles, a demarcação e um título de posse, ainda que provisório. Mas foi um interregno aí na militância. Sem parar, não é, a militância sindical. Mas eu fiquei apaixonado por essa coisa de ajudar os índios. Aí eu fui... Eu virei garçom até de uma... de um encontro, o primeiro encontro dos guaranis de São Paulo e do litoral. Não pegava as três reservas do interior que a FUNAI reconhecia. Pegava as que não eram reconhecidas pela FUNAI. Nós descobrimos índio até no Rio de Janeiro, que naquela época a FUNAI dizia que não existia mais. Agora, todo mundo sabe que existe. Mas voltando. Quer dizer, essencialmente uma atividade sindical.

M.M. – E com que grupo você se articulava? Que tendência?

P. S. – Não, não tinha. Aí, em 82, eu ainda... mas não para mim, para... com receio de alguma coisa com o partido.....

[FINAL DA FITA 2-A]

P. S. – (.....) da clandestinidade, eu sabia que ele era do POC, que era o único tinha tido uma experiência... Quando eu estive na Argentina refugiado, alguns companheiros do POC estava fazendo a fração Roja, do Exército Revolucionário, o ERP...

A. F. –Flávio (Holtz)

P. S. – É, o (). A mulher dele, parece que também estava. Eu encontrei alguns que me ajudaram, me deram (), me ajudaram a sobreviver lá. E a gente começou a conversar; com todos os brasileiros, os que estavam refugiados no Chile e estavam lá. E quando, mais tarde... Na formação do PT, eu fui várias vezes a Porto Alegre para ajudar Olívio. Quando chegava lá, o Raul sempre me procurava. E tinha um pessoal de Porto Alegre que gostava de mim, que era da época que eu tinha sido da OSI. Eles romperam depois, mas não se ligaram organicamente a mim. Eu não tinha proposta para eles. Mas aí começaram a...

A. F. – Quem? O pessoal que saiu da OSI? O César, (), esse pessoal?

P. S. – É. Eles próprios se diziam que eram... Alguns estão lá, outros saíram. Outros saíram agora, com o PSOL. Outros continuam lá. Tem um que está na fita que vocês fizeram, acho que saiu para o PSOL, porque ele chegou ligar para mim, me convidando para sair. Eu imagino que ele saiu. Ele faz parte daquela fita que nós gravamos aqui, nessa sala, com o Suplicy, o Geraldinho. É um companheiro do Rio Grande do Sul. Aparece na fita falando do orçamento participativo. Me ligou, convidando...

A. F. – O pessoal que saiu da DS para o PSOL, não é?

P. S. – Isso. E aí, a DS mesmo não existia. Existia um grupo estudantil no sul, existia um grupo estudantil de Minas...

A. F. – Era o

P. S. – É. E alguns mineiros moravam em São Paulo. Tinham se deslocado para cá com o projeto de fazer o ().

A. F. – O Raul teve uma passagem pela Unicamp, também, nesse processo.

P. S. – Isso. Então. Numa dessas viagens, até viajamos juntos. Aí, Flávio Andrade, que era importante naquela época, nem sabia que era filho de milionário, parecia um cara igual à gente, naquela época.

A. F. – Ele é Andrade Gutierrez.

P. S. – É.

M.M. – Eu não sabia que ele era da família Andrade Gutierrez.

A. F. – Depois, ele até usou isso de uma maneira interessante, não é, criou uma editora interessante.

A. F. –É. Financiou o () na época.

P. S. – É. E aí eu ajudei, junto com João Machado, eu redigi um documento, que eu acho que foi... é claro que superado, tem ali muito da maneira de escrever nossa, mas tem um mérito esse documento. Chama-se *Estratégia de Construção do Partido Revolucionário*. É de 82. E eu escrevi a quatro mãos: eu escrevi uma parte, passei para o João, João escreveu outra parte, me devolveu... Eu sei que depois de umas idas e vindas, nós declaramos que o documento estava pronto. Esse texto, se vocês entrevistar o Raul, alguém que participou dessa corrente, no caso de DS, ele foi fundamental para marcar a DS. A DS nunca foi uma tendência do PT. Eu não gosto desse nome tendência. Se tiver oportunidade, eu explico melhor. Nunca foi uma facção do PT que tivesse um papel destrutivo. E eu... As bases disso estão nesse documento, porque esse texto, ele avança a possibilidade do Partido dos Trabalhadores tornar-se um partido revolucionário no processo de disputa política, e não um partido proclamado previamente como revolucionário; mas no enfrentamento com o imperialismo, a ideia que a gente fazia é que... (eu não abandonei de vez essa ideia) que o papel revolucionário que o PT poderá cumprir –, é evidente que tem vicissitudes nesse caminho; nós estamos vivendo algumas delas agora –, mas é em função do que eu avalio como a ordem mundial, a divisão da riqueza mundial, do poder. Quer dizer, até que ponto um segundo governo ou um terceiro governo petista não atrairia... porque o grau de ira, de contrariedade do Bush, do que ele representa, em relação ao governo brasileiro. Você pode dizer, como a grande imprensa quer fazer, que o Lula governou para os banqueiros, para os investidores, etc.; mas nós sabemos que não é bem assim. E quem conhece o Lula, o Dulce, os companheiros que estão no governo, sabe que eles não vão ficar nisso. Eles não precisam contar para mim, fazer uma conspiração, dizer: olha, quando tiver uma chance nós damos um passo no sentido de eliminar esses privilégios do capital financeiro e dessa coisa toda. Tem que ir aos poucos. Porque a situação... o que é que é? O PT foi criado diferente do PSOL, não foi uma parte da bancada que resolveu... o MDB, que resolveu fazer um partido. Foi criado lá de baixo, da sociedade. Nós tivemos que primeiro fazer os deputados para depois ter a participação. Então... quer dizer, esse prognóstico que eu tenho de que o imperialismo vai perder a paciência com os futuros governos petistas; se isso acontecer, evidente, se tiver um

segundo mandato, um terceiro. Não é que eu queira. Eu imagino que eles estão chegando perto de identificar o... Eu acho que o governo brasileiro teve um grande mérito de, nascido (quem nem peixe dentro d'água) do movimento social, ter sobrevivido, com guelra, se tornou... O PT é um partido mutante porque ele saiu fora do seu meio ambiente e sobreviveu. A pergunta que eu faço é... não é o PT degenerou, é como é que ele degenerou tão pouco, com mudanças tão bruscas. Porque em outras situações, partidos dessa natureza desapareceram, deixaram de existir. O PT, era vital para o PT a mobilização popular; que nós tivemos, ininterrupta, de 78 a 94... até 93, até o fora Collor. Até mesmo, eu acho que é rescaldo disso, o resultado da... eu não sou presidencialista, mas apoiei o presidencialismo no plebiscito de 93. Porque o parlamentarismo que eles queriam impor era para impedir a vitória do Lula, que era favorito, saiu da campanha do *impeachment* como favorito. E não era uma discussão acadêmica. A conjuntura pedia que, naquele momento, você se posicionasse a favor da expectativa popular que era de eleger o Lula. Você tinha que votar presidencialismo. Como, aliás, a base do partido derrotou a direção, que era pelo parlamentarismo. Eu, em tese, sou parlamentarista. Eu sonho com um regime democrático em que as coisas sejam muito bem discutidas e muito claras; e não fique um governo narcisista, uma pessoa, individualmente, decidindo. Mas naquele momento foi um erro. Agora... Voltando. Quer dizer, eu acho que no momento que o Brasil sofrer uma agressão, eu preferia que a esquerda estivesse governando o país. Por exemplo, em 89, eu achei que, isso, nós chegamos perto, porque o grau de radicalização da direita, da oligarquia, era muito forte. Quando Mario Amato fala aquela frase de que oitocentos mil empresários vão embora se o Lula ganhar, ele não estava só fazendo bravata, era um espírito da classe dominante, das oligarquias em relação ao PT e ao Lula. Se o Lula ganha naquela conjuntura, a possibilidade disso acontecer, de uma guerra civil acontecer, é muito grande.

M.M. – Eu não sei se guerra civil, mas eu acho que a polarização política seria...

P. S. – Sim. Mas veja, o que é que eles iam tentar? Golpe. Pensaram em golpe lá no passado. Ou não? Em agosto, lá no auge do tal mensalão, do “valerioduto”, setores da oligarquia pensaram seriamente no golpe, no *impeachment*. E aí, quando o Lula, ele próprio, mais que o partido, mais que ministros, que militantes, ele empreendeu uma reação ao começar fazer inaugurações com grandes convocações populares e dizer, dar nome aos bois, dizer que estavam querendo cassá-lo; e começou a mobilizar a população em relação à

possibilidade do *impeachment*. Ele falou em três, quatro comícios em seguida, e a *Folha* começou a dizer “Opa! espera aí, isso aí é chavismo” – começou a acusar ele de chavismo. E eles faziam o venezualinismo contra o Lula; mas na hora que ele foi reagir como o Chavez, ele era chavista.

M.M. – Mas vamos voltar um pouquinho.

A. F. – Pois é. Queria saber um pouco da questão sindical. Você estava falando que vocês ganharam a federação...

P. S. – Então. O que eu posso falar bem é o sindical, nesse período.

A. F. – De 82 para a frente é o momento, não só da fundação da CUT, que eu queria que você falasse um pouco também, mas também é um momento muito vitorioso das oposições sindicais...

P. S. – Eu tive uma participação muito grande nisso.

M.M. – Pois é. Você podia falar um pouco disso.

P. S. – Veja, primeiro, quando eu assumo o sindicato em 77, eu me torno presidente, eu já era secretário em 76, mas eu tive dificuldade de tomar posse, desde 74, porque eu fui preso em 73, só tomei posse em 74, apesar de... eu fiquei pleiteando na DRT a minha posse, por causa da prisão no DOI-Codi, que eles não autorizavam. A diretoria resolveu, (uma ousadia para a época) à revelia da DRT, me deu posse. A DRT não teve coragem de me impugnar. E eu fiquei o único dirigente combativo na capital de São Paulo durante muitos anos, eu era uma ilha, cercado de pelegos por todos os lados. Em 77, nós ganhamos os vidreiros. Organizamos uma posição, o Bragança, que era o Waldir, da Santa Marina, encabeçou, eu tinha um trabalho, eles eram companheiros do movimento pelo partido operário, que era o meu grupo antes do PT... Por isso que eu digo que eu não tinha organização, porque... A minha proposta era um petezinho. Quando o Lula pega e fala, no dia 11 de dezembro de 78, eu era o organizador do movimento pelo partido operário, eu já fazia várias plenárias ali no salão da Lapa, ali na Curiaçu, União Fraterna, aquela esquina ali dos velhinhos fazer barba, e a Santa Marina do lado, a Duratex do lado, metalúrgicos importantes ali na Água Branca, na Pompéia e na Lapa do Baixo, aquele povo todo eu chamava para a plenária do movimento por um partido operário. Luisão deve se lembrar que, antes do PT ser lançado, ele participou de uma plenária do movimento pelo partido operário. Aquele salão do União Fraterna estava

cheinho, tinha mais de duzentos operários presentes. Ele faz, inclusive, uma reportagem para o jornal *O Companheiro*. Não sei se ele guardou isso. Seria interessante ver isso aí. Então, eu ajudei a organizar a oposição que ganhou os bancários, em 78, eu era o último dos bancários da oposição. Quando o Augusto Campos e o Oliver resolveram reativar a oposição, eles foram na minha casa pedir o arquivo do movimento de oposição sindical bancária com participação ativa. Eu não tinha muita coisa. Tinha alguns jornaizinhos. Com esse negócio de prisão, você se livrava, não é. Mas passei o que eu tinha. Depois, ajudei, tinha contato ainda, conhecia muita gente nos bancários, ajudei, pedi voto, mas não mais que isso; aconselhar alguma coisa do processo eleitoral. Mas depois, eu junto com o José Ibrahim organizamos a oposição dos plásticos. Nós ganhamos os plásticos. A reunião era no Clapes, que era um órgão mantido pelo José Ibrahim aqui, na Bela Vista. Pouco antes, nós tínhamos ganho os químicos, tiramos os pelegos dos químicos, com o Domingos Galante, o Ítalo. Mas todas essas oposições se organizam a partir do meu sindicato. Ganhamos os sapateiros de São Paulo. Esse foi um dos últimos. Ganhamos os químicos de Osasco, eu, pessoalmente, coordenei a oposição. Fundei vários sindicatos. Da minha categoria, eu fundei o luvas, material de segurança, fundei, pelo Brasil, fundei em Maringá, fundei em Presidente Prudente, reativei em Botucatu, fundei em Belo Horizonte, fundei em Goiânia. Eu fui um... Isso eu posso dizer. Dentro do movimento sindical, eu fui um organizador da classe trabalhadora.

A. F. – Isso tudo é no período de 80 a 83.

P. S. – Tudo. Até... Vamos dizer, até o primeiro congresso. Eu citei duas eleições que são do ano de 1990. Aliás, a partir daí, com raras exceções, a CUT não ganha mais sindicato nenhum. Ela nem luta para ganhar, nem lança mais chapa, porque adere à ideia do sindicato... da CUT, o sindicato orgânico, que eles chamam, o sindicato como o modelo francês, digamos o sindicato da CGT, o sindicato da SFTT, o sindicato da Força Operária. Que eu acho errado, porque demos moleza para a pelegada, não é. Nós estávamos vindo num processo que estava dando resultado. Nunca mais ganhamos um sindicato. Nunca mais libertamos um sindicato. E o pior, não fizemos o sindicato da CUT na base dominada pelos pelegos. Aí é nem uma coisa nem outra.

A. F. – Eu acompanhei um pouco, no sul, os sindicatos. Durante esse período de hiperinflação etc. e tal, você tinha, inclusive, um resultado concreto, vamos dizer, o sindicato

pelego. Um sindicato combativo () a diferença do que se consegui recuperar de perda salarial (). Tinha aquela amostragem de resultados, digamos assim, da () era muito grande. E depois há uma reação, tanto uma reação patronal como essa coisa da emergência, uma renovação por dentro do campo do... sindicalismo de resultado e tal.

P. S. – A direita sindical, o gangsterismo sindical, é disso que o Chico de Oliveira deve ter falado, do gangsterismo sindical, a CUT, às vezes, resvalou. A CUT. Não vejo isso... Você viu que sacanagem, puseram na primeira página da *Folha*, que o legado do PT poderá ser o gangsterismo político. O gangsterismo sindical, que é a Força, alguns setores da CUT chegaram... tanto que a Marta teve problemas com a quadrilha... que era da CUT pela Base; que eu fundei. Não sei se vocês sabem, eu fui o grande adversário da Articulação Sindical na área sindical. No congresso de 86, no Rio, nós lançamos a CUT pela Base. Já tínhamos lançado aqui. Tivemos quarenta e nove e meio por cento dos delegados no encontro de São Bernardo, no encontro estadual da CUT. E lá no Rio, não tinha articulação nacional, era uma coisa nova, nós conseguimos um terço.

A. F. –No segundo Congresso Nacional da CUT.

P. S. – É. É segundo? É. 86. Aquele que foi no Rio. E demos um susto na Articulação, porque ela estava achando que estavam crescendo, e ela caiu, ela diminui em relação ao anterior, o de Belo Horizonte; aquele das camisas. Que também é um absurdo. Antes mesmo do debate, cada um vestia uma camisa... Parecia aquele congresso que eu falei, do Ari Campista. Antes do debate acontecer, os dois times já punham camisas de cores diferentes; e aí sentavam separados, não é. Que é um absurdo. O sectarismo e tal. E depois, o sectarismo, a disputa sectária dentro da CUT, e por vezes no PT, gerou desvios. Isso aconteceu. Isso é verdade. Isso foi uma das coisas que me () sindical. Eu era vice-presidente da CUT Grande São Paulo, Domingos Galante era presidente quando nós criamos a CUT pela Base e depois fizemos... na época, tinha o encontro municipal e o encontro da Grande São Paulo. Tinha uma instância da CUT na Grande São Paulo. E fizemos o encontro, nós ganhamos. Na Grande São Paulo, nós éramos maioria em relação à Articulação. Porque entrava o ABC, entrava todo mundo, era o Grande São Paulo inteiro. E tanto que o Galante era o presidente e eu era o vice. Os dos da CUT pela Base. E a gente...

A. F. –Um peso grande do MONSP, na época, também.

P. S. – Na verdade, o MONSP era mais a nossa relação pública com a faculdade, com os intelectuais porque, na classe mesmo, não tinha peso. O MONSP era uma... eu sempre achei até uma piada, não é. Mas tem companheiros respeitáveis que fizeram a experiência do MONSP.

A. F. – Mas chegou a ter votações importantes como oposição.

P. S. – Mas não queria ganhar o sindicato. E quando eu fui vice-presidente da CUT, foi aquele período em que teve duas chapas da CUT, da Ford e...

A. F. – (sete).

P. S. – É. E eu trabalhei, eu e o Galante trabalhamos que nem doido para unir essas duas chapas. Naquela época, um pouco antes da morte do Fábio Munhoz, ele foi trabalhar comigo como assessor na CUT. Fazia a imprensa da CUT. Puta merda! O que nós tentamos de... E os dois lados não queriam unidade. Mas quem tinha condições de conceder era o MONSP, porque... E eu não perperdo o MONSP por duas coisas. Em 75, se você olhar a história dos metalúrgicos de São Paulo, não houve chapa de oposição. E sabe por quê? Porque o MONSP perdeu na escolha da cabeça de chapa. Pegou os documentos, as carteiras profissionais, dizendo que ia registrar a chapa, e sumiu com os documentos. E só depois, passado o período de inscrição, aí reapareceu, devolvendo as carteiras, dizendo que tinha acontecido um problema de saúde com a pessoa que tinha levado a chapa para registrar, que não deu, não sei o quê. Nós demos três anos a mais para o Joaquinzão. E foi daí que começou a gestar o Medeiros, que veio de Moscou, e o Paulinho Pereira, que estava nascendo como pelego nessa história, não é. Quer dizer, nós fomos criando monstros, que nos engoliram depois. E esses caras já eram gangster. Quando a Marta teve problema nos Transportes, a quadrilha que ela enfrentou era a do Santiago lá, o... que era da CUT pela Base; não era da CUT, era do setor da CUT que queria fazer revolução naquele momento, naquela conjuntura. Então, um negócio terrível.

A. F. – Agora, na gestão da Marta?

P. S. – Lembra que teve um problema? Que foi denunciado, assassinatos no Sindicato dos Condutores de Veículo e tal. Aqueles companheiros que se assassinavam e os que saíam ganhando, inclusive, eram antigos companheiros, não só da CUT, como da CUT pela Base.

E eu não vou dizer que fui eu que criei essas coisas, mas... claro que... Eu criei para ser outra coisa.

A. F. –Eu conversei com o () Diamante, há muito tempo atrás, ele começou a contar que o pessoal que estava sendo eleito de delegado nas (galeras) sindicais era de grupo de extermínio... Quer dizer, começou a ter uma mistura aí muito...

P. S. – É verdade. E olha, esses caras faziam passeata contra a Marta. A política salarial da Marta para os funcionários municipais... Marta não. A Erundina. Faziam passeata contra a Erundina. A política salarial era: reajuste pela inflação a cada dois meses e meio por cento... Não. Reajuste cada mês e, a cada dois meses, meio por cento de aumento real, de produtividade. Nunca houve uma política salarial tão boa, em categoria nenhuma, no mundo talvez. Os caras faziam greve todo dia, faziam passeatas com faixas, passavam pelo Viaduto do Chá. Toda noitinha, quando você passava, você via que tinha uma passeata contra a Marta. (Erundina). Eles gritavam o quê? Marta, Maluf...

A. F. –Erundina.

P. S. – Aliás, não. Erundina, Maluf e Quércia, é tudo farinha do mesmo saco. O corporativismo, que depois a gente viu na reforma da previdência e na formação do PSOL, já estava se manifestando naquele momento, no primeiro governo petista da nossa paulicéia. Eu ficava arrasado de ver isso. Ia conversar com os companheiros: “Que absurdo! Vocês estão matando aí a nossa primeira vitrine administrativa”. Quer dizer, a Erundina, depois do segundo ano, começou a fazer um bom governo. O começo foi meio atrapalhado, até porque... ingenuidade... Com um secretariado de nível ministerial, Paulo Freire, secretário de Educação, Paulo Singer no Planejamento, Almir Cair (Kahlil) na Administração...

A. F. –Marilena Chauí na Cultura.

P. S. – Marilena Chauí na Cultura. É loucura, não é, quer dizer, você achar que... E não dava certo, não engrenava. E de repente, ela começou a entender, a fazer um pouco mais de política, conseguiu maioria na Câmara... Ela não conseguia governar.

A. F. –Esse conflito que teve na própria prévia para a escolha de candidato, entre Plínio e Erundina, não é, que hoje parece até uma coisa engraçada.

P. S. – É. O Plínio era direita, Erundina, de esquerda. [ri] Ah! isso é interessante.

A. F. –É. Isso que eu queria que você contasse.

P. S. – Quer dizer, é um negócio a contar, que tem a ver com eleição de 88.

M.M. – Era bom.

A. F. – A política do âmbito municipal, quer dizer, o seu sindicato mas era daqui, sua militância concentrada na região metropolitana. Eu queria que você falasse um pouco disso, quer dizer, essa discussão de conselho popular deliberativo, conselho popular consultivo, que parecia um pouco que era um processo soviético assim, para quem via os debates, parecia. E depois caiu na realidade da administração.

P. S. – É. Não, não da CUT, mas aí foi influência do MONSP. Porque o MONSP tinha um problema de identidade, quer dizer, ou ele se decidia que era um movimento social... Mais ou menos que nem os sem-terra hoje. [ri] Ou era um movimento social, e aí tinha que ser aberto a todos, plural, democrático internamente, ou era um partido, e aí partia para a disputa, formulava uma proposta alternativa. Agora não era uma coisa nem outra, era um híbrido. E como nós começamos a fazer as zonais da CUT, que foi uma experiência interessante no começo, porque... O Galante não era MONSP, ele tinha sua admiração, ele respeitava o MONSP como eu, mas não seguia a orientação do MONSP; ele tinha as ideias dele, era um cara aberto. Ele era presidente dos químicos.

A. F. –O Valdemar (Haus), por exemplo, era um cara que tinha uma influência grande.

P. S. – Era um cara que ajudava bastante em relação à igreja. Que é um problema que todo mundo nesse país tem que levar em conta. A gente andou tropeçando, ultimamente, aí nessa relação. Que não é fácil. Eu mesmo fiquei assustado; eu fui no encontro do Fome Zero, da Segurança Alimentar, e o bispo.. aquele que eu admirava tanto... Como é que chama? Aquele que foi de Duque de Caxias.

M.M. – Mauro Morelli.

P. S. – Nossa! Que coisa horrorosa. No encontro estadual e depois no encontro nacional, lá em Olinda, que ele falou do Lula; ele comparou o Lula às coisas mais abjetas que se possa imaginar. Foi uma decepção. E o cara chorou, fez demagogia. Nossa Senhora! Eu saí horrorizado com aquele cara. Mas... em 88, eu ainda estava como vice-presidente da CUT, houve a prévia no PT, a Erundina foi nos procurar. Mas não precisava, não. Já éramos

Erundina naquela disputa, era natural isso, pelo posicionamento histórico nosso. Eu ainda estava gastando meus últimos cartuchos na esquerda, na chamada esquerda do partido. E a Erundina veio nos procurar, já como candidata. Nós já tínhamos votado nela nos encontros do partido, na prévia. E nesse ponto, o Valdemar seguiu a igreja, como sempre. Tem um setor do MONSP que foi e votou no Plínio. E tinha essa identidade, quer dizer, ela tinha uma proposta que tinha algo a ver com o que nós propúnhamos para o movimento sindical; só que eu já estava ficando cético em relação à eficácia. Por quê? As zonais, que foi um sacrifício enorme, alugamos várias sub-sedes da CUT, grande, com grandes espaços físicos e tal, e as zonais estavam se tornando locais de lazer para a militância, e eles esqueciam de ir à base. E virou uma festa. Militar na CUT, no nosso mandato, da Grande São Paulo aqui, eles avacalharam tanto, que nós não tivemos nem como defender a instância da CUT da Grande São Paulo. Essa zonais, que nós chamamos, era uma proposta extraordinária; mas, o que faltava? Faltava eles entender que eram instâncias sindicais, que você tinha que trazer a massa dos trabalhadores, e não ficar ali se comprazendo em ter atividades para a militância. O MONSP era campeão disso. Ele via isso como uma forma de recrutamento. Aquela coisa típica de partido, de aparelhamento. Então, eles tinham muito boas relações, levavam música ao vivo aqui, ali, mas só... Era bailinho. Três, quatro bailinhos toda semana; mas não para convidar o povo das fábricas, do comércio, dos hospitais, enfim, dos locais de trabalho; era para convidar a eles mesmos, entre eles. Bailinho com quarenta pessoas, com cinquenta pessoas. Arrumaram namorada... Era uma festa.

M.M. – Atividade social.

P. S. – É. E para a militância. Então, virou instância... E que você não podia mais contar com a militância, porque eles estavam sempre com compromissos sociais, não tinha tempo mais para fazer o trabalho de base. [riso] Não. É impressionante. Eu vou ter que reconhecer isso. Puta! E você ficava numa incumbência, porque você... Como é que você ia discutir isso com o MONSP. O MONSP era uma coisa meio intocável. Ai de quem falasse mal do MONSP. Pegava mal na esquerda. Eu era um dos poucos caras que falava algumas verdades lá. Mas não teve como mexer nisso. Foi até o... até começar a virar boca de fumo; e aí começou a ter problema policial. Infelizmente.

M.M. – Aí complicou mesmo.

P. S. – Infelizmente. E uma parte do gangsterismo que a CUT praticou foi praticado também lá, na esquerda da CUT. A Articulação praticou, fraudou eleições... A CUT pela Base fraudou eleições, roubou urna, a mão armada. E aí eu comecei a ver que nós estávamos virando os (popotes) e o () e os Stalin mirins, que nós estávamos a caminho da degeneração. Acabou o mandato, eu não queria mais saber. Quando foi para votar, eu falei: pare com isso. Não vamos mais manter esses locais. Era um sacrifício enorme para os sindicatos, custava caro *pra burro*. O MONSP era um movimento que vivia muito de aparências, de efeitos pirotécnicos, essas coisas, e pouca consistência, e trabalho de base que é bom... Então... por exemplo, qualquer eleição, previamente, estava ganha por eles; mas fora, não estava, porque, depois que ia para o pau mesmo, eles não tinham base. Tinha um ou outro que.....

[FINAL DA FITA 2]

P. S. – (.....) eleição. E ela tinha posto o programa de tevê e rádio no ar, não tinha mais como manter. Secou, acabou os recursos. Ela denunciou que havia um boicote da corrente Majoritária, que não queria que ela ganhasse; que ela está começando a virar. Evidente que nós acreditamos. Nós tínhamos o ânimo preparado para crer, não tenho como provar que houve ou não houve. O fato é que a indicação dela não era a de preferência.

A. F. – Não foi. Foi um conflito acirrado.

P. S. – E aí nós fizemos uma reunião da CUT pela Base, com os presidentes, os tesoureiros do sindicato (agora, não dá mais problema de impugnar o mandato dela, não é_e demos dinheiro para ela sustentar a campanha até o último dia. Depois que ela ganhou, ela fez questão de ir nos químicos, numa plenária, onde a gente estava fazendo a avaliação. Porque daí nós entramos para valer, não é. É uma merda. A CUT quando via que era luta interna aí se animava mais ainda. [risos] E aí, quando a gente percebeu que eleger a Erundina era um tapa na cara da Articulação, nós fomos para o pau, entramos com tudo; e saímos da campanha vitoriosa com a sensação que foi nós que viramos. Até porque há uma coincidência... Não foi. Claro que não foi. Acho que a Erundina ia virar ainda que fizesse

uma campanha mais fraca do que fez. Teve aquele episódio de Volta Redonda, que era um companheiro nosso. Aquele sindicato era ligado, a direção era ligada a Minas Gerais. Depois, o Exército assassinou o presidente do sindicato. Pelo menos é o que se diz, passou o caminhão por cima da cabeça dele. Antunes Largo. Puta de um orador. Nossa Senhora! Ele era PDT mas ele era de esquerda, ele era uma conjuntura municipal do PT de Volta Redonda, que ele não tinha entrado. Bom. Nessa plenária, a Erundina fez questão de... me deu um beijo. Até o pessoal falou: você ficou sem lavar o rosto muito tempo. [risos] Eu sei que nós viramos erundinistas naquele período lá. Ah, depois, ficamos um pouco decepcionados com aquela patinação; mas é coisa de governo inexperiente, não é. Quer dizer, achamos que foi um erro, quer dizer, em vez de falar isso () e não fazer nada, deviam ter falado no orçamento participativo, que eu acho que teria feito uma diferença extraordinária. Eu acho que a Marta ganhou muita coisa na periferia com isso. Hoje, ela tem um patrimônio; você viu na prévia, que força que ela tinha na periferia de São Paulo. E aí, na prévia, enfrentou até o... até o Lula, de certa forma. Eu estive com Mercadante nessa prévia e senti que... digamos na nossa linguagem, que nunca a direita do partido chegou tão longe, foi tão ousada. [ri] Desculpe falar assim, não sei se vocês apoiaram a Marta. A linguagem da militância é essa. Que a direita do partido, tradicionalmente, que era o Genoíno, era a Democracia Radical, aquelas coisas, nunca passou de dez por cento. E com a Marta, ela é uma líder de massa hoje. Ela se tornou uma força. E a capacidade de expansão do grupo que se referencia nela é muito grande, hoje, dentro do partido. E é um grupo muito pragmático, não tem ideologia quase. São pessoas ou cansadas, que não acreditam mais em nada, ou pessoas que já começaram despolitizadas, achando que ideologia é bobagem. Nós ficamos assustados com o resultado da prévia. Foi muito comemorado e tudo mas...

A. F. –É, é uma força...

P. S. – E São Paulo mostrou que está complicado mesmo. Aí que nós estamos achando que o Congresso do ano que vem, de fato, precisa acontecer e dar certo.

A. F. – Depois do encerramento do seu mandato sindical...

M.M. – Em 90, você tentou uma candidatura, voltar à vida partidária.

P. S. – Isso. Deixa eu explicar como é que foi isso. Nós tínhamos um congresso do nosso sindicato. Nós estávamos vivendo um momento bom: a categoria estava com bastante

emprego; nós tínhamos fundado um outro sindicato e fizemos a unificação; e conquistamos o sindicato dos sapateiros, que para nós, dentro do nosso setor, era fundamental, e tradicionalmente, muito difícil de disputar porque tinha uma tradição de peleguismo muito grande. Para você ter uma ideia, antes da nossa direção combativa nos sapateiros, só em 63, dez meses, nove meses antes do golpe, é que nós tínhamos conseguido libertar o sindicato. Quer dizer, a gestão do Partido Comunista no (sindicato) dos sapateiros, na época era o PCB, sofreu intervenção em primeiro de abril de 64, com dez meses de mandato; e foram perseguidos duramente. Como no meu sindicato houve intervenção em 64, apesar de ser pequenininho. Então, só em 90, nós tivemos um interventor no sapateiros de São Paulo. Nós ficamos tão animados que, antes mesmo da posse, nós fomos fazer um congresso, já com a perspectiva de unificar o pessoal de luvas e bolsas, material de segurança, curtume e artefatos e calçados; que era uma coisa... Naquele momento, estava um sindicato com cinquenta mil trabalhadores; ficaram do tamanho dos plásticos de São Paulo, para você ter uma ideia, que era um grande sindicato. Fomos para Caraguatatuba, na colônia dos plásticos, aliás, emprestada para nós, e, no congresso da categoria, os companheiros lançaram a minha candidatura. Eu acho que queriam se livrar de mim porque eu estava ficando velho. E era um erro naquele momento, por quê? Porque eu não tinha trabalhado mais o PT, a não ser assim, como militante anônimo, eu fazia o meu trabalho, eu ia nas... geralmente, nas plenárias sindicais, eu saía delegado para o encontro estadual, às vezes nacional, pelo setor sindical. Eu tinha um núcleo de categoria, sempre, o meu sindicato sempre teve um núcleo, manteve... Eu não sei agora. Agora, acho que não tem, cada um participa do diretório. Mas até onde eu estive dentro do sindicato, nós tínhamos o núcleo do PT da categoria, o núcleo dos coureiros. Aí nós fazíamos a plenária, tirávamos o delegado... participava do setorial sindical estadual ou da Grande São Paulo, dependendo da regra, e aí tirava o delegado para os encontros de cúpula do partido. Nesse congresso, o pessoal achou que eu tinha que me lançar; e eu tinha me tornado um desconhecido dentro do partido, ninguém lembrava mais do Paulo Skromov; tanta coisa tinha rolado, coisas importantes, marcantes. Na campanha de 89, eu me emocionei muito, como todos os petistas eu acho. Depois da de 82, a que mais emocionou foi a de 89. Puxa vida! Mas foi na base, fazendo trabalho do núcleo sindical, divulgando na categoria e no bairro dos sindicatos, com aquela ideia de sindicato cidadão mas que começava há pouco. Meu sindicato não tinha estrutura para eleger deputado. E todos os exemplos anteriores, até o POS, com dificuldades, tinha feito o Gumercindo, o Fratescci;

depois, o Fratescci entrou de novo, não conseguiu. Não era fácil. A Bia, para estadual. Os bancários mesmo não sustenta com facilidade um deputado. Gilmar Carneiro não conseguiu; e foi candidato quase que único a federal e tal. Imagina o meu sindicato. Se eu fosse aquele de 1982... eu acho que em 82, se eu saísse candidato, teria sido um dos mais votados.

M.M. – É. Você tinha uma penetração muito grande.

P. S. – É. Em 82, foi o que eu contei, até me indicaram para governador, para senador, para não sei o quê; e dezenas de cidades me indicaram. Mesmo em 90, o Gushiken chegou a fazer um comentário comigo... Nós militamos muito tempo na OSI. O Gushiken entrou para o movimento sindical no momento que a OSI resolveu transformar os bancários em sindicalistas por decreto, por descentralismo. E criamos (até sigla) e tal. Então Gushiken, sempre... conversava comigo, ele... mesmo depois que era presidente do partido, ele estava no 113, na Articulação, etc., sempre a gente conversava. Ele chegou para mim, falou: “Paulo...” Ele era candidato também. Ele era presidente do partido, se não me engano, em 90. Ele chegou para mim, falou: “Paulo, você está eleito.” Eu falei: “Mas você está louco!” [ri] “Não. Toda cidade que eu vou tem alguém com uma bandeirinha sua, em todos os comícios.” De fato. Só que eu tive voto em quatrocentos municípios, dois aqui, cinco ali... Eu consegui a proeza... Eu fiz o lançamento de candidatura maior que tinha, no Lapianinho, num clube da Lapa que tem um salão grande, em frente a igreja de Nossa Senhora da Lapa. Seguramente, (eu tenho foto desse lançamento) tinha duas mil pessoas. Na época, não era fácil fazer um lançamento. O meu lançamento era maior do que o do Genoíno, que foi eleito, era maior do que muitos que foram eleitos. Mas eu consegui a proeza... Eu era horrível em pedir voto, eu morria de vergonha. Eu era um candidato, devia ser muito difícil de ser levado. Eu chegava lá, eu queria ganhar o voto de qualidade, essas coisas, voto socialista. Como eu disse, eu estava preocupado com a questão do socialismo naquele momento – 90, a queda do muro, a Perestroika – digamos, os desencaminhamentos que estavam de fato acontecendo, que eram diferentes da minha expectativa. Eu era meio mandelista em relação ao significado da Perestroika. Ele também se equivocou, não é, o Mandel. Não que eu me arrependa, acho que muita coisa que ele falou estava correta; mas, depois, eu percebi que aquilo estava virando... A Rússia pós socialismo real ficou um negócio horroroso também. Então, a gente tinha uma visão muito idealista assim, que aquilo era uma democratização do socialismo. Mas quando... Naquele momento, eu achava que era necessário no PT alguém que fosse fazer a

defesa do socialismo, então o lema da minha candidatura era socialismo mais liberdade. Ninguém queria discutir isso. [risos] Então eu tive seis mil votos. [ri] Virgem Maria! Morri de vergonha com essa votação. Não gosto de falar disso. Foi uma experiência terrível. Como eu me contrariei! Eu fui, agora, candidato a vice-prefeito da minha cidade; mas aí eu gostei, curti *pra* caramba. Por quê? Eu não tinha responsabilidade. O nosso prefeito...

M.M. – Qual é a sua cidade?

P. S. – Avaré. (São Paulo). O nosso prefeito, depois de três anos e meio, começou a campanha de 2004 com dois por cento. Você imagine. Tinha uma rádio, do Guriati, tinha arrebetado com ele durante três anos e meio, ele não reagia. O único que reagia, de vez em quando subia o morro lá, porque fica no alto do morro lá em Avaré, era eu. Eu acabei me envolvendo até em conflito físico; não que eu tivesse agredido, mas o cara me acusou de ter invadido o estúdio da rádio. Um cara muito sem vergonha, na hora que eu fui lá para pedir um direito de resposta, eu não sabia que ele tinha comprado o programa do Guriati. E eu ligava para o Guriati, falava: “Ó Guriati, que avacalhão. Falando lá da minha família.” “Não, Paulo, eu ligo para ele, você vai.” Naquele dia, eu achei que não precisava falar com ele, e ele tinha mudado o contrato, ele era o dono do programa, o Guriati não... mesmo que eu falasse, não teria interferido; apesar de que ele é responsável, porque a rádio era dele. Aí eu subi o morro. Quando cheguei lá, o cara tinha os dois guarda-costas, tentaram me seguraram para não me deixar entrar no estúdio, e teve um terereco lá... e no final, escreveu um BO (boletim de ocorrência), de parte a parte, e ele entrou na... lá, a polícia está toda com ele, o meu BO desapareceu e o dele virou processo criminal. E eu ganhei o processo no final. Não havia pressão. Mas por exemplo, eu depus no dia dos acontecimentos, no dia seguinte, ele apareceu todo machucado, o guarda-costas dele com o braço quebrado, ou ele. [risos] Eles se autflagelaram para poder me culpar, me condenar. Tirando esses aspectos, eu comecei a campanha de vice-prefeito, da chapa lá da minha cidade, com dois por cento, na nossa pesquisa, feita pelo pessoal do Hamilton, que é o nosso deputado estadual lá.

M.M. – Quem era o candidato a prefeito?

P. S. – Era o... Do PSB. Era o prefeito até então. Era o Wagner Bruno. Dois por cento na pesquisa. E o outro, o adversário, setenta e dois por cento. Imagine, um cara que já tinha sido prefeito, malufista, collorido, tudo que não prestava ele já tinha passado; ladrão, quatro processos, quatro condenações por improbidade, transitada em julgado. No dia de impugnar,

o responsável pela nossa chapa, o coordenador da chapa perdeu o prazo. Aí o cara entrou na eleição. Esse cara era imbatível. Mas o gostoso do processo eleitoral foi, justamente, porque todo mundo sabia que você não tinha a menor chance. E começamos a fazer comícios, fizemos quarenta e três comícios na cidade, em todos os bairros e tal. E olha, os comícios foram ficando grande, e nós fomos crescendo, e não deu tempo. O pessoal que fazia pesquisa para nós, ele falou: “Puxa vida!” O nosso prefeito não conseguia sair para pedir voto enquanto fosse prefeito. Quando ele largou, já tinha decorrido um mês e pouco de campanha, então nós fizemos menos de dois meses de campanha; e nós, crescemos, crescemos, chegamos a trinta por cento. Então, com trinta por cento, você já sente um apoio de massa, então você faz comício consistente, com bastante gente. Eu notava que o pessoal gostava do comício do vice, [ri] então, eu curti muito esse negócio de fazer o discurso do comício. Saía com o prefeito para falar e tal; mas eu sou um estrangeiro em Avaré assim; eu estou há dez anos lá mas não... nunca pensei em ser candidato então me isolei. Ajudo o PT, eu empurro sempre, mais na região. Eu sou mais conhecido na região do que na cidade.

M.M. – E você trabalha com o quê, lá?

P. S. – Eu sou aposentado, anistiado, não é; e, para completar, eu continuo fazendo a imprensa do meu sindicato, por Internet; de vez em quando eles me chamam para fazer...

A. F. –Sindicato aqui de São Paulo. Uma espécie de assessor de Comunicação.

P. S. – De São Paulo, é. Isso. Aí eles me dão alguma coisa para completar, auxiliar. Isso porque, quando eu mudei, que eu pensei que estava aposentado, deu um revertério no INSS, eles me enrolaram, me aposentaram com salário-mínimo. Até eu consertar isso, foram anos e anos; até hoje, não está totalmente certo. Ainda estou na condição de anistia, tentando acertar o salário. Mas deu para sobreviver. Mas é isso. Quer dizer, então, eu tive essa outra experiência de participação eleitoral, eu, que nunca perdi uma eleição para o sindicato, que eu tivesse coordenado, tive duas derrotas eleitorais, que eu tive responsabilidade; essa segunda, menos, apesar de ser candidato majoritário aí, como vice, mas eu acho que eu só ajudei a crescer.

M.M. – Mas são sistemáticas também muito diferentes.

P. S. – E é uma cidade difícil para o PT porque não tem fábrica. Avaré não tem fábrica. A maior fábrica nossa lá não chega a trezentos operários, para você ter uma ideia. Não tem usina de açúcar. Agora é que estão pensando em construir...

A. F. – Que tamanho tem a cidade?

P. S. – Tem noventa mil habitantes. Tem cinquenta mil eleitores. Mas é uma pobreza. Lá, por exemplo, tem três mil Bolsa Família, e não dá, tem muita gente ainda precisando e que merece. Então é uma cidade de muita mendicância, muito desemprego, a desocupação passa de quarenta por cento da mão-de-obra adulta ativa; então, é um negócio assim que... o clientelismo político é um negócio fortíssimo. Nós tivemos cinco vereadores eleitos com mais de mil votos, que é uma coisa inédita, nessa última eleição, literalmente comprando voto: dando trinta reais antes e prometendo mais setenta. Então eles... Você veja, vereador, não é muito caro, você tendo novecentos votos, você se elege em Avaré. Então eles compram quatrocentos cabos eleitorais, e eles, no desespero para receber os setenta que faltou, eles arrumam o voto da namorada, do irmão, do não sei o quê... Quer dizer, você contrata quatrocentos, você tem mil e poucos. E eles descobriram que a mina é essa. Nessa eleição que eu participei. Então é terrível. No dia da eleição, tinha seis mil caras com a camisa do nosso adversário. E nós, com um sacrifício enorme, fizemos cento e poucos, de boca de urna. Então é um negócio desproporcional. Não dava para ver o vermelho na nossa eleição, era só o amarelo. E eu fiquei até com inveja de uma eleição vizinha, onde tem os sem-terra ali, que tem a segunda maior área de terra devoluta depois do Pontal, e tem os sem-terra muito fortes, já com quatorze anos estabelecidos lá. Nós lançamos candidato, e ali é a bandidagem, ali, sim, ali que a CPI do Bingo devia ter ido, porque o cara é dono de milhares de máquinas de bingo em Santo André e é dono da cidade, comprou tudo que existe na cidade, inclusive as... ele é locador da maioria das casas da cidade; na véspera da eleição, ele isenta do aluguel...

M.M. – Os inquilinos.

P. S. – É. Mais da metade da cidade. Então é um negócio difícil para você encarar. Então nós tínhamos o voto dos sem-terra, mas perdíamos o da população nativa. E a gente estava ganhando espaço nessa população, devagarzinho e tal. Nós fizemos uma campanha lá que nós tínhamos mais camisas vermelhas do que eles. E eles com dinheiro. Eles faturam cem mil reais por semana com as máquinas de bingo. E o cara, a gente acha que ele está

envolvido com roubo de carga, com não sei o quê e tal. Enfrentamos o crime organizado naquela eleição. Mas a eleição foi no município vizinho. A gente foi lá...

A. F. –Qual é o município?

P. S. – Iaras. Que é a segunda capital da reforma agrária do estado. Talvez, não pelo número de assentados, mas pelo potencial que tem. Já tem trezentas e poucas famílias, mas tem mais mil e poucas acampadas. Então, os acampados são grande força. E nós transformamos eles em eleitores; aí que a eleição ficou parelha. Então, foi por noventa e oito votos que a direita ganhou. Então eu tenho participado, ultimamente... Agora, eu sou até coordenador da (MAFE), questionadíssimo, não é, porque... Houve o encontro da MAFE dia seis de novembro do ano passado, e eu, imagine, com sessenta anos de idade, se ia querer ser coordenador de MAFE; não tenho nem energia para isso. Mas aí... sabe aquele negócio? O prefeito de Botucatu, todos os quatro prefeitos da MAFE me procuraram e tal: “Paulo, você é um nome que unifica”, não sei o quê. E ali o pessoal quer enfrentar a Stela, porque... é uma militante pragmática do partido. Na verdade, já houve um momento que todos nós fizemos campanha por ela ou pelo marido dela, o Batalha, que é o vereador único que nós temos hoje. E de repente surgiu uma onda de criar uma... tirar dela a coordenação da MAFE. Por várias razões, que não vêm ao caso aqui, num depoimento dessa natureza. Enfim, eu fui colocado como sendo... olha, você tem que ir, porque, se não, ninguém unifica esses setores todos, não é. Então, não é nada homogêneo, é uma vontade de libertação da MAFE. Que a MAFE se sente prejudicada por essa continuidade desse domínio que já vem de doze anos. E ganhei o encontro da MAFE. Só que, ingenuamente, aceitei pôr dois votos meus dentro de um envelope para a estadual avaliar, porque eles questionaram. “Não, não tem problema, eu tenho confiança no...” Paulistânia e Boremi. Dois municípios. Põe dentro do envelope, e a estadual verificará se está dentro dos critérios, para abrir o voto. E a estadual não abriu, não avaliou, não pôs em pauta. Depois, com o tempo que foi passando, descobrimos que o delegado de Agudos votou irregular, não tinha feito o (Pede), o delegado de Balbinos não tinha feito o (Pede); eu sei que o placar para mim foi dezessete a doze; mas, até agora, não fui oficializado.

A. F. –Está *sub judice*. [ri]

P. S. – Mas aí, os municípios, quatro prefeitos promoveram uma reunião em Botucatu, e os trinta municípios que estão comigo declararam reconhecer-me como coordenador da

MAFE, à revelia da estadual, que ainda não pautou esse assunto. Recurso de seis de novembro do ano passado.

A. F. –Quer dizer que agora, nesse novo momento, está consolidando um papel regional, mesmo.

P. S. – Então. É. Agora nas eleições de 2002, 2004, eu vivi essa experiência de coordenar a campanha do PT no município, e agora vou coordenar na região, que é um negócio interessante; trabalhoso, custoso, você sai arrebitado, endividado e tal, mas... se o resultado compensar...

M.M. – Vale a pena.

P. S. – É.

M.M. – Está bom. Muito obrigada.

A. F. –Já exploramos bastante. [ri]

M.M. – Foi bastante rico seu depoimento.

A. F. –Obrigado pelo depoimento.

P. S. – Obrigado.

[FIM DO DEPOIMENTO]